Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º — N.º 18875 — 4$00

SEGUNDA-FEIRA 29 SETEMBRO 1975

ÀS 8 DA MANHÃ

Estações de Rádio e TV ocupadas militarmente

• Pinheiro de Azevedo falará hoje ao País

Uma decisão de extrema gravidade foi esta manhã tomada pelos órgãos de Poder em exercício: a ocupação militar dos postos emissores de rádio e televisão, que se verificou às 8 horas. Independentemente da linguagem preocupante utilizada no comunicado distribuído pelo Copcon, com o sinal de procedência da Presidência da República, ressalta o facto de essa ocupação corresponder à imposição de autêntica censura, pois foi imediatamente limitado o direito à informação através da ordem de só serem difundidas notícias das agências ou comunicados oficiais ou oficiosos. Os trabalhadores reagiram, naturalmente, conscientes do perigo de aproveitamento pelas forças reaccionárias e fascistas, que parece inevitável. A partir das 16 horas, reunem-se comissões de trabalhadores dos órgãos de informação para tomarem uma decisão. A meio da manhã, no Rádio Clube Português realizou-se um plenário de emergência, com a certeza antecipada de que os soldados presentes acatariam a vontade dos trabalhadores. Assim aconteceu e aquele posto emissor passou a fazer a sua programação normal. Mas, pouco depois, era dada ordem militar para evacuação do pessoal do R.C.P.

Como profissionais da Informação, que ao lado de muitos outros têm apoiado concretamente o processo revolucionário, os trabalhadores da Redacção do «DL» protestam veementemente contra semelhante medida, no mínimo pelas razões apontadas atrás.

Às oito horas da manhã de hoje, era lido aos microfones da estação de rádio o seguinte comunicado da Presidência da República:

«Graves acontecimentos ocorreram nos últimos dias, com especial incidência em Lisboa e com destaque para a campanha de exploração política dos deficientes físicos das Forças Armadas. O que começou por se apresentar como um simples movimento de reivindicação, aliás a demandar um tratamento justo, viria, de manipulação em manipulação, a culminar na ocupação das instalações da Emissora Nacional — estação emissora oficial — e numa tentativa de sequestro do próprio Governo, reunido em sessão de trabalho na residência do Primeiro-Ministro. Na sequência desta escalada estaria, aliás, segundo declarações dos próprios porta-vozes do movimento, a paralisação de toda a vida da capital.

Em sintomática simultaneidade é manipulado um grupo de militares que põem em causa os princípios básicos da disciplina militar, e são assaltadas a Embaixada e o Consulado de Espanha, com defenestração e destruição pelo fogo de todo o seu recheio.

Indiferentes às consequências da sua actuação, no plano dos interesses nacionais, alguns órgãos de Informação, com destaque para as estações de rádio e da TV, desenvolveram toda uma campanha provocatória e de aliciação de atitudes sediciosas, que põe em causa e em risco a continuidade da própria Revolução.

Em todos estes acontecimentos foi possível detectar um denominador comum: a intenção de minar os alicerces da disciplina e da ordem, nomeadamente ao nível das Forças Armadas, que constituem a reserva moral da Nação.

Um País em que os órgãos de Informação se permitem destruir os alicerces cívicos e morais de um pacto social multissecular, tende a deixar de sê-lo. O socialismo e a justiça social — dever indeclinável do MFA e do Governo — não se edificam sobre a anarquia. Em criminosa escalada, as forças da reacção e as que inconscientemente lhe fazem o jogo, exploram persistentemente as liberdades que o MFA lhes assegura para destruirem a própria Revolução e assegurarem o regresso do totalitarismo fascista.

Consciente das suas responsabilidades perante a Nação, e da gravidade da situação presente, em si e nas suas linhas tendenciais, equivalentes a uma situação de facto de verdadeira emergência, o Primeiro-Ministro e Presidente da República em exercício, com o aval do Conselho da Revolução e do Governo, indo ao encontro de uma funda ansiedade do Povo Português, e como medida de excepção destinada a evitar a declaração do estado de emergência, que afectaria o normal exercício das liberdades cívicas ordenou a ocupação militar das estações de rádio e da TV.

A ocupação foi levada a efeito por forças militares dos três ramos das Forças Armadas e destina-se a assegurar uma informação não manipulada ao serviço do País e da Revolução.

Trata-se, como é evidente, de uma medida de carácter excepcional e transitório visando o restabelecimento de uma situação de normalidade no âmbito de uma informação verdadeiramente livre, responsável e pluralista, ao serviço dos dois grandes objectivos da Revolução Portuguesa: a independência nacional e a construção da sociedade socialista.

O sr. Primeiro-Ministro, na sua qualidade de Presidente da República em exercício, fará ainda hoje uma comunicação ao País.»

(Ler na pág. 11)

Festa Comício do P.C.P., no sábado, em Lisboa. O povo não quer que a Revolução ande a passo de burro... (Pág. 20)

13 horas
A F.U.R. PROTESTOU NO ROSSIO

COSTA GOMES EM VARSÓVIA

Ponte com o Leste tem um pilar em Varsóvia

VARSÓVIA, 29 (Do nosso enviado especial Augusto Vilela) — O segundo dia da visita do Presidente Costa Gomes à Polónia foi passado em Olstyn, onde decorreram as primeiras conversações oficiais com o primeiro-ministro e primeiro-secretário do Partido Operário Unificado, Edward Gierek, enquanto o resto da sua comitiva oficial e os jornalistas fizeram uma visita a Cracóvia, primeira capital do país, e aos campos de concentração e extermínio de Bierkenauer e Auschwitz, agora transformados em museus e testemunhos terrivelmente acusadores do maior genocídio da História da Humanidade e das ideologias que lhe deram origem.

É um espectáculo arrepiante percorrer os pavilhões de morte, entrar nas câmaras de gás e nos crematórios onde mais de quatro milhões de pessoas foram exterminadas pelos nazis, mas é ao mesmo tempo uma grande vacina contra o fascismo e a guerra. Por isso milhares de jovens de todos os países de Leste, que já não conheceram a guerra, visitam aqueles campos de morte, que são um aviso às novas gerações daquilo que representam a guerra, o fascismo e o capitalismo que lhes dá origem.

Quanto às conversações, tiveram lugar depois do almoço, não sendo autorizada a deslocação de jornalistas, tanto portugueses como polacos.

Considerada de grande importância para as relações entre os dois países, esta viagem pode não só permitir a concretização de projectos de cooperação já delineados e iniciados, como abrir outras perspectivas. Embora não tenham sido divulgados muitos pormenores, do lado polaco encontravam-se presentes, além de Gierek, Henryk Jablonski, presidente do Conselho Nacional de Estado, Piotr Jaroszwick, presidente do Conselho de Ministros, Stefan Olsaowski, ministro das Relações Exteriores, e outros membros do «bureau» político.

Ao mesmo tempo Edward Babiuch secretário do Comité Central, e outros membros do «bureau» político, entre eles Ryszard Frelek, mantinham conversacões com o major Costa

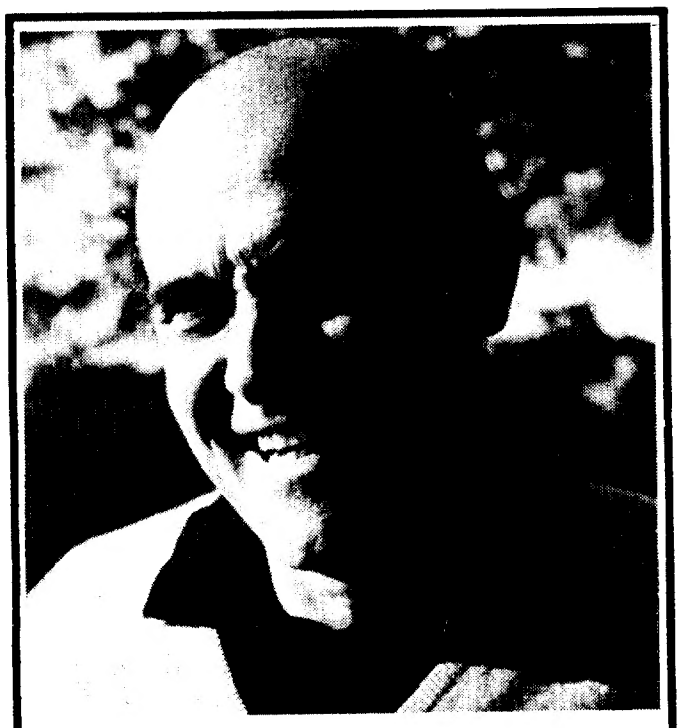
Continua na pág. 17

20 PÁGINAS

O MÉXICO PEDE À O.N.U. A SUSPENSÃO DA ESPANHA

Pág. 13

Nacional



MORREU EM LONDRES O ESCRITOR RUBEN A.

Faleceu na passada sexta-feira em Londres o escritor Ruben A., de 55 anos de idade, que no MEIC ocupava o posto de director-geral dos Assuntos Culturais. O corpo será brevemente transladado para Lisboa.

De seu nome real Ruben Alfredo Andresen Leitão, o escritor tinha a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras de Coimbra, a anteceder seis anos (1947-1953) de docência no King's College da Universidade de Londres e nas Universidades de Cambridge e Liverpool. Regressado a Portugal, dedicou-se à investigação histórica e fez nome como especialista da segunda metade do século XIX em particular sobre o reinado de D. Pedro V.

A carreira literária de Ruben A. iniciou-se em 1954 com o volume «Caranguejo», a que se seguiram, pouco acompanhados de começo pela crítica, mais onze títulos de prosa: «Cores», «Um Adeus aos Deuses», «A Torre de Barbela», «O Outro que Era Eu», «Silêncio para 4» e as série «Páginas» (6 vols.).

Dividido pelo romance, conto, teatro, autobiografia e notações do quotidiano, o escritor não aceitou nunca etiquetas de escola.

«As escolas literárias» — disse um dia — «são listas telefónicas para uso doméstico».

O consenso da crítica pareceu estabelecer-se em torno de um pendor barroco desfasado das inclinações da novelítica dominante nos anos 50, mas afinal precursor de pesquisas que vieram a ser feitas na década seguinte.

Um traço muito nítido na obra de Ruben A. era, por outro lado, a ironia, que nalguns casos chegou à truculência. Em 1966 a Academia conferiu-lhe o Prémio Ricardo Malheiros pelo romance «A Torre de Barbela».

O extinto era casado com D. Rosemary Leitão, pai de Catarina e Alexandra Joana Leitão, e irmão do prof. José Andresen Leitão.

Foram a sepultar os oito mortos do "Nord-Atlas"

Foram esta tarde a sepultar, nas terras das suas naturalidades os oito elementos da B.A. 3 mortos na queda de um «Nord-Atlas».

Os funerais saíram de Tancos.

Este foi um dos maiores desastres ocorridos na Europa com a aviação militar portuguesa, enlutada em finais dos anos 50 pela morte de outros oito aviadores numa serra a poucos quilómetros de Coimbra. O acidente deu-se a 6 km. da base quando o «Nord-Atlas», comandado pelo major piloto-aviador Adalberto Gastão Grilo de Sousa Dias, seguia de Tancos para Alverca para reparação de um motor empanado. Testemunhas oculares viram desintegrar-se uma asa do aparelho quando ele já «afocinhava».

Além do comandante morreram mais dois oficiais, capitão piloto-aviador Fernando Eiró Gomes e tenente piloto-aviador Manuel Lourenço Barbosa Caridade, primeiros-sargentos Augusto Brás Marques e Gabriel da Conceição Lopes, segundo-sargento-piloto Nuno José Vilela Freire Horta, primeiro-cabo António Manuel Paiva Catralo e soldado sapador-bombeiro José António Barroqueiro.

Precisa-se: Viajante de calçado senhora

PARA LISBOA E ARREDORES

Contactar:

ALCIDES GOMES NETO

S. ROQUE

S. JOÃO DA MADEIRA

EDUCAÇÃO E ENSINO

E OS EXAMES "AD-HOC"?

Há exames «ad-hoc»? Não há exames «ad-hoc»? Os interessados, pelo menos, não sabem e é isso o que se depreende de uma carta aberta enviada aos órgãos de comunicação social, onde os trabalhadores-estudantes com mais de 25 anos contra o facto de nada se saber este ano sobre se há ou não exames que os habilitem ao ingresso nos cursos superiores.

«O M.E.I.C.» — dizem eles — «tem-lhes dado as informações mais dispares. A título de exemplo — dizem-lhes, do Ministério: «não sabemos de nada»; «Não são exames oficiais, nada tem a ver com quem frequenta cursos de preparação «ad-hoc»; «este ano é diferente, vocês fazem primeiro restes psicotécnicos, depois as nucleares»; «O director-geral do Ensino Superior quer que os exames «ad-hoc» sejam feitos em moldes diferentes dos anos anteriores», etc.. etc.

Comentário dos interessados: «Ao fim de um ano de esforço intelectual e físico (e, acrescente-se, monetário, pois as mensalidades em escolas particulares orçam pelos 850$00 só por três disciplinas) em que fazemos restrições quer na assistência quer no orçamento familiar, perguntamos: porque não é dada, publicamente, a informação concreta? Será que no final de um ano lectivo o início do seguinte, o M.E.I.C. está a pensar fazer exames «ad-hoc» em «moldes diferentes»? Mais disciplinas?»

O ano lectivo 75-74 vai começar, para o Ensino Superior, no próximo dia 16 de Outubro. Os trabalhadores-estudantes que andaram a preparar-se «ad-hoc» o ano lectivo anterior ainda não sabem como vai ser para eles. Por isso eles perguntam, com evidente pertinência: «Se todas as forças político-sociais pugnam pelos problemas dos trabalhadores mais desfavorecidos não estaremos nós — a grande maioria chefes de família — abrangidos neste contexto?»

ANO LECTIVO

Em vésperas de Outubro, ainda não se sabe muito bem em que dia é que começa o ano lectivo que aí vem. Mais ou menos certo talvez somente o dia em que as aulas do Ensino Básico têm início: 1 de Outubro. Pelo menos, não há indicações em contrário, e o dia 1 de Outubro é já depois de amanhã, quarta-feira pelo que, parece mais do que provável que nesse dia abram todas as escolas do ensino básico e bem assim do ciclo preparatório. No mesmo dia deverão abrir as escolas do Ensino Secundário. Todavia, sabe-se, em muitas escolas os trabalhos preparatórios ainda não estão suficientemente realizados para que tal possa acontecer. Quanto ao Ensino Superior, oficialmente, as escolas devem abrir no próximo dia 16. Oficialmente, tão só: a verdade é que (por tradição, por hábito adquirido) as aulas só começam razoavelmente mais tarde. Na generalidade dos casos, em Dezembro ou em Janeiro, quando os responsáveis pelas respectivas cadeiras estiverem disponíveis para o exercício docente.

PROFESSORES PRIMÁRIOS DE ALCOBAÇA

Reunidos em plenário na sequência de um curso de reciclagem, professores primários do concelho de Alcobaça elaboraram e aprovaram um documento onde reconhecem a necessidade urgente de um programa de Televisão para esclarecimento das populações, em complemento auxiliar das tarefas que lhes competem, junto dos alunos. É uma exigência em tudo idêntica à já expressa por professores primários do concelho de Nelas e a que o «DL» se referia numa das suas últimas edições. Os professores de Alcobaça, tal como os de Nelas, aliás, não se referem apenas à Televisão: referem-se a todos os meios de Comunicação Social, muito embora priorizem o primeiro. No seu entender, os programa devem estender-se por todo o ano lectivo e as entidades oficiais devem dar todo o apoio à iniciativa.

FACULDADE DE FARMÁCIA

Realiza-se na quarta-feira, dia 1 de Outubro, no anfiteatro do pavilhão de biologia da Faculdade de Farmácia de Lisboa uma assembleia magna de alunos, professores e funcionários da escola: informações, ano lectivo 75-76 e conselho directivo da Faculdade.

JORNADAS DE BIOQUÍMICA

Começam hoje no Instituto Gulbenkian de Ciências em Oeiras as Jornadas de Bioquímica que a Gulbenkian organizou, com patrocínio da Embaixada de França em Portugal e a colaboração de especialistas estrangeiros. O programa é preenchido com uma série de conferências. As jornadas prolongam-se até ao próximo dia 1 de Outubro.

CANDIDATOS AO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

Muitas reprovacões na aptidão à Escola do Magistério Primário do Porto — segundo um comunicado emitido pela Associação de Alunos daquele estabelecimento de ensino. O número de reprovações atingiu os 70 por cento. O que é muito, segundo a Associação, tanto mais que panorama idêntico se registou praticamente em todo o País onde há Escolas de Magistério Primário. Entretanto houve uma reunião entre a Associação e os alunos reprovados para análise e discussão da situação e dos problemas que levantam. Decidido: nomear uma comissão de alunos para se avistar oportunamente (esta semana, já, se possível) com responsáveis ao nível do M.E.I.C., a quem se vai pedir revisão de provas. Decidido ainda contactar com outras escolas do País, para estabelecimento e prossecução de uma política unitária.

Entretanto, esta manha, os candidatos à frequência do 1.º ano da Escola do Magisterio Primário de Lisboa que haviam decidido boicotar as provas orais, concentraram-se junto à escola para tomar resoluções quanto ao caminho a seguir na luta contra aquilo que eles próprios designam um «processo de selecção burguesa» (os exames, nos moldes tradicionais). À hora em que encerramos a nossa edição ainda não nos foi possível apurar de resoluções entretanto tomadas.

P.C. e extrema-esquerda na mira de Spínola

RIO DE JANEIRO, 29 — (R.) — O actual Governo de Lisboa será derrubado pela violência se não renunciar pacificamente ao Poder — declarou aqui o ex-presidente António de Spínola numa entrevista concedida ontem à Reuter.

«O curso político será modificado pacificamente se os que se encontram presentemente no Poder cederem pacificamente esse mesmo Poder, que usurparam ao povo» — frisou o ex-general, que vive no Brasil desde o abortado golpe de 11 de Março.

«O curso político será modificado violentamente se os que se encontram presentemente no Poder persistem na violência que têm vindo a exercer sobre o povo português — acrescentou.

Em resposta a um questionário escrito, Spínola disse que o Partido Comunista e as organizações de extrema-esquerda poderiam ser banidos sob um novo «regime democrático» se continuassem a agir como agora.

Declarou, por outro lado, que a sorte do presidente Costa Gomes, do comandante do Copcon, Otelo Saraiva de Carvalho, e do ex-primeiro-ministro Vasco Gonçalves, seria decidida pelo povo português.

ALIANÇAS

Sobre a sua recente visita à Europa disse Spínola:

. «Na Europa mantive contactos com todos os que podiam contribuir para uma perspectiva correcta da situação portuguesa. As pessoas capazes de o fazer estão a vários níveis políticos, que naturalmente não revelarei por razões de segurança.»

. Interpelado sobre se, o M.D.L.P. tem ligações com os Partidos Socialista ou Popular Democrático, respondeu:

. «O M.D.L.P., que é uma frente unitária para a liberdade e a democracia, tem contactos com todos aqueles que, independentemente de opções particulares, nutrem a aspiração comum de estabelecer em Portugal um Estado democrático legítimo. Logicamente essas pessoas encontram-se dentro de todos os partidos verdadeiramente democráticos.»

FOBIAS

Interrogado sobre o papel do ministro dos Negócios Estrangeiros, Melo Antunes, que recentemente chefiou uma facção moderada do Movimento das Forças Armadas, replicou:

. «O major Melo Antunes chefia uma facção marxista do presente regime que domina Portugal. Tendo uma concepção mais inteligente do marxismo, é natural que, a luz duma análise menos profunda, possa aparecer como elemento moderado em comparação com a linha estalinista do Partido Comunista. Este também era «moderado» quando a Revolução de Abril ensaiou os seus primeiros passos.»

. Ao ser-lhe perguntado se esperava regressar para dirigir Portugal, o ex-presidente respondeu:

. «Só o povo português é competente para decidir.»

PORTUGAL NUMA REUNIÃO SINDICAL

. Prolonga-se de 30 do corrente a 9 de Outubro a VIII Conferência Regional Asiática da I.L.O. (Internacional Labour Organization), marcada para Colombo, capital do Sri Lanka. Esta cimeira sindical tem este ano a novidade de Portugal ser um dos 21 países participantes.

A Conferência abrirá com uma intervenção da sr.ª Sirimavo Bandaranaike, primeiro-ministro do país anfitrião (antigo Celião), estando presente Francis Blanchard, director-geral da I.L.O., além de delegações das Nações Unidas, U.N.C.T.A.D., F.A.O., U.N.E.S.C.O., Organização Mundial de Saúde, G.A.T.T. e Fundo Monetário Internacional, entre outras.

A lista completa dos países interessados inclui, com o Sri Lanka e Portugal, também o Afganistão, E.U.A., Filipinas, França, Índia, Indonésia, Irão, Japão, Laos, Malásia, Mongólia, Nepal Nova Zelândia, Paquistão,, República Khmer, Singapura, Tailândia, U.R.S.S. e Vietnam.

Entre os tópicos desta VIII Conferência Aisática do I.L.O., e depois de apreciado um relatório do director-geral, figuram a melhoria dos padrões sindicais internacionais, recursos humanos, desenvolvimento em áreas rurais (com particular incidência sobre as instituições rurais) e reforço da administração sindical e o seu papel no desenvolvimento nacional.

PALESTRA SOBRE PESSOA

. PORTO, 29 — Por iniciativa da Associação Cultural Amigos do Porto, Isabel Paul profere amanhã, às 21 e 30, no Clube Fenianos Portuenses, uma palestra sobre Fernando Pessoa (controvérsia de alguns dos seus comentaristas.).

post scriptum

Atenção eng.º Lopes Cardoso

Decididamente, agora que o P.S.P. está no poder, vou ter que enviar muita correspondência pois a minha vigilância tem de ser mais apurada do que nunca (...).

Sobre o que o ministro da Agricultura disse em Beja numa reunião de esclarecimento do P. S., posso informar o senhor ministro da Agricultura que, quando ele chamou a atenção dos latifundiários para que não se enganem, pois a Reforma Agrária vai prosseguir, o que o Povo Alentejano ouviu foi que agora há um ministro da Agricultura que *decide* se a Reforma Agrária prossegue ou não, o qual ainda foi avisando de que «algumas ocupações de herdades» tinham que ser revistas, pois suspeita-se que não tenham sido trabalhadores a fazê-las mas sim oportunistas.

Saiba o senhor ministro da Agricultura que, para o povo alentejano, hoje já não se torna necessário qualquer espécie de paternalismo pois ele, povo alentejano, já é maior e emancipado. O que se passou e passa no Alentejo é do perfeito conhecimento de todos os alentejanos, que não vão estar á espera de «sapatos de defunto» para resolverem os seus problemas.

A declaração do referido ministro, que não se encontrava em Beja como ministro, mas sim na qualidade de militante do P. S. P., também foi descabida e inútil, pois o povo alentejano sabe muito bem que, quer numa qualidade quer noutra, a conversa teria sido sempre a mesma, a não ser que, coerente com a linha do P. S. P., o sr. ministro esteja disposto a dizer uma coisa no Conselho de Ministros e a fazer outra coisa na prática...

Finalmente e para «compor o ramalhete», o mesmo sr. ministro informou o auditório que até tinha «prazer e satisfação» em ter, no seu Ministério, como Secretário de Estado da Reforma Agrária, um comunista.

Mais uma vez informo o sr. ministro da Agricultura que aquilo que o povo alentejano ouviu foi: não julguem senhores latifundiários, que eu posso fazer o que quero, pois tenho à perna um comunista que é, nem mais nem menos, que o Secretário de Estado da Reforma Agrária. Foi isto senhor ministro da Agricultura, o que o povo alentejano e os latifundiários «ouviram».

Quanto ao Alentejo e aos alentejanos, permita-me que lhe dê um conselho: Não se iluda, senhor ministro!

J. Dias da Silva — Lisboã

Até que enfim dr. Cal Brandão

Até que enfim que o sr. Governador Civil do Porto arranca a máscara de democrata que lhe cobre o rosto, e lança mão dos velhos argumentos fascistas (Polícia de Segurança Pública), para assim reprimir o povo do Porto, quando este faz valer os direitos que lhe assistem.

Porque é que o senhor governador não reconhece os *Orgãos de Poder Popular?*

Será porque estes não agradam às cúpulas do P. S., partido que vende os trabalhadores portugueses às sociais-democracias europeias, em troca de um auxílio que não vem, sem que Portugal se torne numa *Democracia Burguesa* que continue a explorar a Classe Operária portuguesa?

Demita-se senhor governador, *o Povo é quem mais ordena!*

Deixo aqui o meu repúdio de Revolucionário; ao mesmo tempo que lanço um apelo aos trabalhadores, soldados e marinheiros portugueses, para, à violência reaccionária responderem com firmeza revolucionária.

Damião Moreira — Porto

A 5.ª e os desertores

A propósito das medidas tomadas ultimamente no intuito de calar a 5.ª Divisão, a comissão de redacção do Documento de informação sobre os problemas dos desertores, refractários e compelidos, relacionados com a guerra colonial» elaborado à intenção do Conselho Superior da Revolução e do Governo Provisório (IV), consciente de representar a maioria dos refractários desertores e compelidos, como resultou dos trabalhos realizados em Paris em vista da elaboração deste documento, e onde estavam representadas todas as correntes de pensamento político existentes no meio dos refractários, desertores e compelidos, torna público o seguinte:

1) Apesar das inúmeras tentativas feitas por nós para chamar às suas responsabilidades as autoridades portuguesas em vista da resolução deste aspecto sobrevivente da guerra colonial, só obtivemos apoio junto da 5.ª Divisão onde este problema foi analisado por várias vezes.

2) A 5.ª Divisão participou efectivamente no esclarecimento da opinião pública portuguesa sobre estes problemas além de nos ter dado directamente a palavra encontrando-se gravados dois programas radiofónicos na altura do golpe contra esta.

3) As posições defendidas nestes programas não são de modo algum as do P. C. P.. Com efeito foi explicitado que as autoridades portuguesas do após 25/4/74 não têm o direito de se fazerem credoras» de um serviço militar que na devida altura foi recusado aos governos fascistas por mais de 150 000 portugueses.

4) Apelamos para que todos os desertores, refractários e compelidos, (situações decorrentes da guerra colonial) reforcem a vigilância revolucionária contra as manobras reaccionárias, que neste caso, nos retiraram um importante apoio, dificultando-nos objectivamente o prosseguimento da nossa campanha de informação pública sobre estes assuntos, sobre os quais, o regime fascista sempre impôs a mais rigorosa censura.

Paris 2 de Setembro de 1975

O LÍBANO NA GUERRA CIVIL

II-O ESTADO DOS PRIVILEGIADOS

Por ERIC ROULEAU

BEIRUTE — Ainda há poucos dias, bastava percorrer a Imprensa da capital para verificar que a «alegria de viver» não desaparecera do Líbano. A rubrica mundana intitulada «vida social» ocupava um lugar importante nessa mesma Imprensa. Através de fotos e de textos, mostrava os «encantos» muito pouco discretos de uma burguesia que não receia exibir a sua riqueza.

É ostentatório o trem de vida dos privilegiados. Vários carros por família, grandes, de preferência americanos, às vezes munidos de telefone. A residência secundária na montanha, com piscina, «court» de ténis, às vezes terreno de golf, é cercada por uma ampla propriedade. O apartamento que se possui em Paris, Genève, Londres ou Nova Iorque é utilizado para breves estadias de negócios ou de prazer. Os iates, ancorados em Tasilik perto de Beirute, permitem passar «week-ends» agradáveis na companhia de amigos.

O grande burguês de Beirute não se dá com o comum dos mortais. O luxuoso apartamento que ocupa, está situado num bairro selecto, quase sempre cristão, uma espécie de «ghetto» onde a gente de boa sociedade só conversa em inglês, em francês ou, quando muito, em «franbanais», ersatz de francês e de árabe libanês. À hora do almoço encontrará os seus iguais numa das praias privadas de Beirute, estritamente reservadas a sócios. À noite, o Beirute «by-night» oferece-lhe uma vasta gama de restaurantes, boîtes e salas de jogo, onde pode divertir-se a preço de ouro.

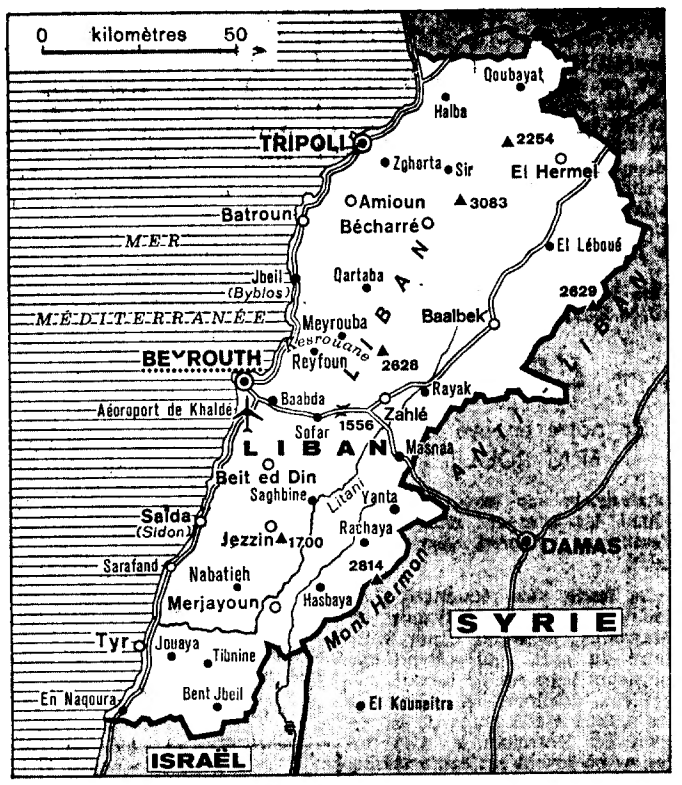
Em todo o caso não é nisto que reside a especificidade da burguesia libanesa. À excepção de grandes famílias ditas feudais, ela é de formação recente: as fortunas edificadas ao longo dos últimos decénios, principalmente devido às duas guerras mundiais, são a maior parte das vezes mais resultado da especulação do que de projectos produtivos.

LIBERALISMO À LUÍS FILIPE

Graças à sua situação de encruzilhada, ao engenho tradicional dos seus habitantes, aos seu sistema económico-social ultraliberal, o Líbano impôs-se como o principal local comercial e financeiro da região, e como traço de união entre as potências industrializadas e os países em vias de desenvolvimento do Próximo Oriente. Os seus bancos acolhem os capitais árabes em busca de colocação. No seu solo transitam produtos ocidentais destinados aos clientes da «hinterland». No entanto, uma parte notável das transacções — mais de metade das operações financeiras e comerciais segundo um banqueiro de Beirute — não aproveitam da economia libanesa, visto o intermediário que recebe a sua comissão, só servir de «caixa do correio».

Maçãs compradas na Califórnia e vendidas na Arábia Saudita, por vezes através de uma simples troca de telegramas, nem sequer transitam pelo posto de Beirute. Os fundos que provêm de Abu-Dhabi serão investidos por um banco de Beirute, no Tchad ou no Brasil, onde a rentabilidade do capital é mais elevado do que no próprio Líbano.

Estas operações «triangures» favorecem um duplo desequilíbrio estrutural e social: a agricultura e a indústria, que ocupam 40 a 45 por cento da população activa, fornecem menos de 30 por cento do produto nacional bruto; segundo outro cálculo, 5 por cento da população apropria-se de metade ou até de mais do rendimento nacional (em contrapartida os trabalhadores agrícolas, industriais e da construção civil reunidos, só extraem 12 a 15 por cento do rendimento nacional).



Os «boletins de saúde» publicados pelos diversos organismos económicos asseguram que as finanças e a moeda libanesas estão entre as mais sólidas do Mundo.

O «milagre económico» tão elogiado provém essencialmente de um deixar correr que muitos não hesitam em comparar ao do Segundo Império. O Líbano é um «paraíso fiscal», não só devido a uma legislação que atribui aos ricos impostos ridículos, mas sobretudo porque a fraude se pratica lá em larga escala, à vista das autoridades, às vezes até em conivência com funcionários corruptos. Se a lei fosse aplicada, o produto do imposto sobre o rendimento seria três a quatro vezes mais elevado do que é na realidade.

Paradoxalmente, não há nenhum imposto sobre as transações prediais, uma das maiores fontes de riqueza do País. A pletora de capitais em período de inflação, de empréstimos bancários generosos, mantém a febre da especulação. Um terreno no bairro comercial de Hamra, que em 1967 valia 200 litros por metro quadrado, foi recentemente revendido a 16 000 libras por metro quadrado. O preço da terra em Reyfour, vila do Kesrovan, sextuplicou o seu valor em dois anos.

«Fortunas colossais foram assim construídas no espaço de dois a três anos», declara-nos o advogado António Jazzar, dirigente falangista.

«No entanto, o mais inquietante é a imbricação dos interesses da grande burguesia com os do Estado, a tal ponto que este último é moralmente seu cúmplice.»

Por seu lado, os «leaders» da esquerda poêm em causa o sistema político-confessional que, segundo eles, perpetua o poder da **oligarquia financeira.**

A burguesia não se felicita unanimemente pelos serviços que o Estado lhe presta. Os empresários desaprovam cada vez mais a licença que é pudicamente classificada de liberdade, e desejam uma certa dose de dirigismo para restabelecer a ordem no mundo dos negócios. A indústria, que adquiriu um certo impulso desde 1966, exige uma infra-estrutura sólida, uma legislação que corresponda às suas necessidades, uma administração eficaz — **cujos membros seriam escolhidos em função das suas competências e não em consequência de um quota confessional,** — leis sociais que estabelecessem o mercado do trabalho: outros tantos elementos que faltam cruelmente ao sistema em vigor.

Os industriais queixam-se de os seus produtos não beneficiarem de uma protecção alfandegária adequada, que nada foi empreendido para aumentar as instalações do porto de Beirute, cuja cogestão crónica (cento e vinte navios à espera, quotidianamente) custa à economia 600 000 dólares diários. O mau funcionamento dos serviços postais, que retardam a entrega do correio durante semanas e até meses, causa aos negócios um prejuízo incalculável. **Nenhum investimento público notável foi efectuado, nenhuma nova estrada foi construída em cinco anos,** diz Pedro Eddé, antigo presidente da associação dos bancos.

Umas quarenta aldeias do Akkar mantêm-se isoladas do resto do país, e os duzentos mil habitantes da região nem mesmo dispoêm de um hospital, lamenta-se o deputado dessa circunscrição do norte Miskael Dahen.

Fugindo ao subdesenvolvimento e às duras condições de vida, os rurais afluem às luzes cintilantes de Beirute e da sua periferia, onde se amontoam à volta de um milhão e meio de pessoas, isto é, quase metade da população do Líbano. Daqui por vinte e cinco anos, a capital e a periferia abrigarão três dos quatro milhões de habitantes que o país terá então. No entanto, nenhum plano de urbanização, nenhuma política de **habitat** ou de desenvolvimento foi levada a cabo para absorver a massa miserável que já fez de Beirute, por quilómetro quadrado, a cidade mais populosa do mundo depois de Tóquio.

UMA ECONOMIA VULNERÁVEL

Não causa espanto que alguns dos mais lúcidos representantes do patronato se sintam fortemente inquietos com uma situação que se arrisca a pôr em causa a sua própria existência. **Era claro há uma dezena de anos que caminhávamos para uma explosão. Os acontecimentos sangrentos não nos causaram grande surpresa,** declara-nos Jorge Abov Adal, um dos maiores industriais e homens de negócios do Líbano. **Mas o poder manteve-se surdo aos nossos pedidos e às nossas advertências,** acrescenta. Por isso findou em 1965, na companhia de uma pleiada de empresários de todas as religiões, a Associação de Chefes de Empresa com a ambição de aliviar a carência do Estado. Trabalho perdido! As estruturas arcaicas do sistema bloquearam toda e qualquer tentativa de evolução.

No entanto, novos factores militam na conjuntura, a favor de uma mudança radical. Desde a retumbante falência em 1966 do Banco Intra, que abalou a confiança dos países árabes no sistema bancário libanês, os petrodólares encaminham-se cada vez mais para a Europa e para os Estados Unidos, até mesmo para o Terceiro Mundo, sem transitar pela praça de Beirute. O papel DE «honesto senhor», assumido pelo Líbano desde o princípio deste século, enfraquece de ano para ano. Dos noventa e três bancos instalados no bairro de Hamra, só restam dez estabelecimentos cujo capital é inteiramente libanês. Os fundos que na época ascendente do «socialismo» do Egipto e na Síria, se haviam refugiado em Beirute, tomam o caminho do Cairo e de Damas se «liberalizam». Port-Said, Suez, Alexandria e Lattaquieh ameaçam apropriar-se de uma parte não desprezível do tráfego marítimo que monopolizava o porto de Beirute.

Excrecência do sistema capitalista mundial, a economia libanesa é particularmente vulnerável às sacudidelas vindas do exterior. Consequência da crise monetária, a reavaliação da libra, há três anos, reduziu em um terço as receitas de dezenas de milhares de cidadãos, que na sua maioria subsistem graças aos fundos enviados por parentes expatriados.

Simultaneamente, a inflação dos preços nos países industrializados, repercutiu dramaticamente no Líbano, que importa a quase totalidade dos produtos de consumo corrente. As

Continua na pág. 18

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO

CONCURSO PARA DOCENTES

O Conselho Directivo de Pintura/Escultura torna público estar aberto concurso documental para o preenchimento de lugares de Assistentes Eventuais para:

PEDAGOGIA E DIDÁCTICA

Os candidatos deverão corresponder às exigências a seguir indicadas:

— Diplomados com quaisquer cursos de Belas-Artes com profundo conhecimento destas matérias.

Poderão ainda concorrer todos os indivíduos que possuam cursos obtidos em escolas estrangeiras com o reconhecimento do Ministério da Educação e Investigação Científica ou ainda não diplomados com excepcional e reconhecido mérito cultural e profissional exercido em Portugal ou no estrangeiro.

A este concurso poderão candidatar-se pessoas individuais ou em grupos.

Os interessados deverão enviar o respectivo «curriculum» o mais circunstanciado possível para: — Conselho Directivo de Pintura/Escultura, Escola Superior de Belas-Artes do Porto, até ao dia 18 de Outubro de 1975.

Pel'O Conselho Directivo de Pintura/Escultura
Júlio Resende

EPAL
EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

EMPREITADA DE ELECTRIFICAÇÃO DA ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DE VALADA II

ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 18 de Novembro pelas 15 horas, na Sede da EPAL, na Av. da Liberdade, 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, até às 17 horas do dia 17 de Novembro de 1975.

O processo do concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na Sede da Empresa, onde poderá ser examinado e obtida cópia.

Lisboa, 26 de Setembro de 1975

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º João Bau

4 anos de actividade profissional em Paris, na edição e publicidade

Desenhador gráfico

pretende colaborar com casa editora, ou noutro sector da comunicação visual

paginação
grafismo comercial
embalagem
desenho têxtil
ilustração
direcção artística

resposta ao nº1606

Nacional

COIMBRA

ACABA EM OUTUBRO A SEGUNDA "POSTA"

COIMBRA, 27 — Cessa no próximo dia 13 de Outubro o segundo serviço diário de destribuição de correio nesta cidade — revelou aos jornalistas um porta-voz da empresa. A notícia foi comunicada durante uma reunião com a brigada de reestruturação das Relações Públicas, vinda de Lisboa, na presença do chefe e subchefe da Circunscrição de Coimbra.

Para abordar a questão usou da palavra o sr. Oliveira Sousa, que se debruçou em pormenor sobre as razões justificativas de tal medida, começando por referir que o desenvolvimento tecnológico registado nos últimos anos na maioria dos países, e a consequente expansão socio-económica daí resultante, conduziram a uma autêntica e inevitável «explosão» do tráfego postal manipulado pelos serviços das respectivas administrações.

Depois de afirmar que as velhas estruturas se revelaram incapazes de acorrer às solicitações de tal crescimento, o sr. Oliveira Sousa lembrou que também em Portugal houve de recorrer-se a novas fórmulas para garantir o escoamento do tráfego. Assim, e em paralelo com os estudos da futura implantação de novas técnicas postais no campo da mecanização e automatização dos serviços (cuja fase inicial se prevê para muito breve na cidade do Porto), elaborou-se também um aprofundado trabalho sobre transporte e distribuição de correspondência, dirigido à efectiva e rápida cobertura de todo o País em moldes que possam assegurar uma mais perfeita interligação das várias Regiões Postais do Continente, já criadas para o efeito.

O porta-voz falou seguidamente da motorização indispensável para o aumento de eficiências no aproveitamento dos tempos, com a implícita canalização do tráfego postal para as primeiras distribuições («postas»). Resultado? O fluxo de correspondência que alimentava as segundas distribuições passou a apresentar uma diminuição acentuada. No caso de Coimbra, um quinto da área urbana já não tem presentemente a segunda «posta» e a média de correspondência a entregar por tal serviço anda pelas 104 unidades diárias, distribuídas por 40 carteiras... Neste número incluem-se, segundo o conforme acrescentou o porta-voz, muitos objectos de taxa reduzida. Aliás, a média em causa tende a descer para índices sem qualquer expressão, já que, uma vez motorizados os últimos transportes nas Regiões Postais do Algarve, Beira-Alta e Beira Baixa, o correspondente fluxo de tráfego passará a ser praticamente inexistente na segunda «posta».

A solução de suspender esta — terminou por dizer o sr. Oliveira Sousa — terá reflexos no melhor aproveitamento do pessoal dos CTT.

DUAS MORTES NO HOSPITAL

Faleceu numa enfermaria do Hospital da Universidade, onde se encontrava internado, Vítor Manuel Ramos da Silva, de 25 anos, agricultor, residente em Porto do Carro (Maceira), que foram vítima de atropelamento naquela localidade da região de Leiria.

Também numa enfermaria do mesmo hospital faleceu Leonel Ferreira, solteiro, que foi residente em Algaça (Vila Nova de Poiares), e havia sido atingido pela queda de um pinheiro.

Os corpos recolheram ao Instituto de Medicina Legal.

PODER POPULAR PARA OS EXPLORADOS DOS OLIVAIS

À semelhança do que já aconteceu nas freguesias da Pontinha e Lumiar, também Olivais (75 000 habitantes) irá eleger a sua Assembleia Popular no próximo dia 12 de Outubro, conforme declarações dos membros do seu Secretariado Provisório, durante uma conferência de Imprensa realizada no Centro Operário de Cultura e Recreio.

Órgão de expressão directa da vontade dos trabalhadores e moradores da zona, completamente autónoma face ao Estado ou qualquer estrutura do Poder, nomeadamente a Junta de Freguesia, a futura Assembleia Popular dos Olivais, conforme consta no seu projecto de Estatutos, terá como objectivo principal, provocar o derrube do actual aparelho de Estado capitalista através do controlo operário sobre todas as actividades económicas, com a participação activa dos delegados das comissões de trabalhadores, moradores, bombeiros e soldados (RALIS, DGMG e AB1), enquanto trabalhadores fardados e não como elementos do MFA. Destinada a incentivar a auto-organização das massas, promovendo o seu esclarecimento político, numa zona onde existem cerca de cinquenta fábricas, terá ainda com tarefa prioritária o combate a todas as tentativas imperialistas que tentem impor uma derrota, ainda que relativa, às classes exploradas e a criação de um Tribunal Popular que zele pela aplicação de leis verdadeiramente revolucionárias.

A ordem de trabalhos estabelecida para a assembleia, que terá lugar a partir das 10 horas, no ginásio Escola Preparatória Fernando Pessoa, é a seguinte: 1 — apresentação dos delegados à assembleia e verificação dos respectivos mandatos; 2 — discussão e provável aprovação dos estatutos; 3 — formação de cinco grupos de trabalho, para estudo de problemas de urbanização, habitação e transportes, empresas e «contrôle» operário vigilância popular antifascista e autodefesa, saúde e assistência, cultura e recreio; 4 — apresentação e discussão das conclusões a que chegaram os grupos de trabalho.

Entretanto, até à realização da assembleia, o Secretariado Provisório que «incentiva à colaboração de todos os revolucionários de Olivais nos trabalhos preparatórios» continuará a funcionar, todos os dias, no Centro Operário, situado na Quinta do Contador-Mor.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

ELEIÇÕES PARA OS CORPOS GERENTES DO SINDICATO

AVISO

Por motivos de ordem técnica, os cadernos eleitorais encontram-se organizados, quanto às residências, por moradas das empresas. Deste facto não resulta qualquer dificuldade para o acto eleitoral, pelo contrário, todos os trabalhadores metalúrgicos localizarão mais facilmente o seu nome nos cadernos eleitorais.

Aproveita-se a oportunidade para informar que, de harmonia com o Art.º 87.º dos Estatutos existirão quatro Mesas de Voto nas seguintes zonas: Sede de Lisboa (Rua Barata Salgueiro, n.º 36 no Salão da Sociedade de Belas-Artes); Delegação de Vila Franca de Xira; Delegação de Sacavém e Delegação de Torres Vedras.

Estas quatro Mesas de Voto, abrangem os seguintes Concelhos:

SEDE DE LISBOA
Concelho de Lisboa, Sintra, Cascais e Oeiras

DELEGAÇÃO DE VILA FRANCA DE XIRA
Concelho de Vila Franca de Xira, Alenquer, Azambuja e Arruda dos Vinhos

DELEGAÇÃO DE SACAVÉM
Concelho de Loures

DELEGAÇÃO DE TORRES VEDRAS
Concelho de Torres Vedras, Lourinhã, Cadaval, Sobral de Monte Agraço e Mafra

Assim, e de harmonia com o Concelho em que se situar a respectiva empresa, os trabalhadores metalúrgicos deverão votar na Mesa de Voto que abranger o Concelho da empresa.

Finalmente informa-se que as quatro Mesas de Voto abrem às 10 horas e encerram às 22 horas do dia 4 de Outubro.

Lisboa, 24 de Setembro de 1975.

A COMISSÃO DIRECTIVA

Nacional

CAMPANHA DO FIGO 75/76

. A Campanha do Figo de 75/76 começa na próxima quarta-feira dia 1, pelo que todo o figo industrial produzido na presente campanha, deverá ser **obrigatoriamente** manifestado à Administração-Geral do Açúcar e Alcool, nos termos da legislação em vigor. Por cada arroba que os produtores coloquem, por sua conta, nas destilarias que lhes forem indicadas, aquela Administração-Geral pagará 65 escudos. Este preço é referente ao figo isento de impurezas e com um grau normal de humidade. Não se verificando estes requisitos, será deduzido do preço citado o desconto proporcional.

Os produtores de figo deverão preencher com a maior correcção o respectivo manifesto, nele indicando a quantidade efectivamente produzida e a sua repartição, de acordo com os destinos apontados nas diversas colunas do manifesto (consumo próprio, expurgadores, transformação em aguardente, entregue à A.G.A.). Saliente-se que é tão importante o preechimento correcto, quanto a Administração-Geral se reserva o direito de não receber mais de 20 por cento para além das quantidades de figo indicadas nos manifestos com destino à produção de álcool. Acrescente-se que por ter sido eliminado o boletim de rectificação do manifesto da produção de figo, não é possível proceder-se a eventuais correcções.

COMO PREENCHER O MANIFESTO

Para a produção da presente campanha, o total produzido deve ser indicado na coluna «Total» à frente da «Produção 1975 (B)», figurando na mesma coluna à frente de «Existências de anos anteriores (A)», isto é, as quantidades de figo de colheitas anteriores porventura ainda em poder do produtor.

Nas outras colunas devem figurar as quantidades para consumo próprio, em espécie, venda a expurgadores, transformação em aguardente e entregue à A.G.A., de acordo com as respectivas designações, cuja soma deverá ser igual ao total indicado na mesma linha na primeira coluna (Total). Tomando como exemplo o caso especial do produtor que destina **toda** a produção de figo para entrega à A.G.A., o quantitativo indicado na respectiva coluna (Entrega à A.G.A.) deve ser igual ao que figura na primeira coluna (Total) na linha correspondente a «Produção de 1975 (B)».

PRODUTORES-DESTILADORES

Os produtores-destiladores além de preencherem o manifesto do figo devem preencher também o manifesto de aguardente de figo, em impresso próprio, indicando na primeira coluna a quantidade total de aguardente de figo que vão produzir e nas restantes a sua repartição de acordo com os fins a que se destina (consumo próprio, engarrafamento, entrega à A.G.A.).

O preenchimento deste manifesto deve também obedecer às regras de exactidão referidas e o seu envio deve efectuar-se dentro do prazo determinado, ou seja, de 1 a 15 de Outubro.

A quantidade total de aguardente de figo indicada no manifesto deve corresponder à quantidade de figo constante do manifesto de figo e indicado na coluna (Transformação em aguardente), devendo as quantidades destinadas à A.G.A., ser pagas ao preço de 8$03 por cada litro a 50° x 20° C, colocadas na fábrica de álcool a indicar pela A.G.A., de acordo com a localização da destilaria. À semelhança do que já foi referido para o fino, a A.G.A. reserva o direito de não receber mais de 20 por cento para além da quantidade de aguardente de figo indicada no manifesto com destino à produção de álcool.

Na presente campanha mantém-se a taxa de laboração da aguardente na base de 50° x 20° C, por litro, fixada por despacho ministerial em Novembro de 1974.

TRANSPORTE

O figo industrial deverá ser entregue até 31 de Dezembro próximo, sendo o seu trânsito obrigatoriamente acompanhado de guias emitidas pela delegação da A.G.A. em Torres Novas, pelos seus técnicos regionais ou pelas próprias Comissões Liquidatárias no caso em que estas decidam à concentração. As guias de trânsito devem ser solicitadas com uma antecedência de, pelo menos, oito dias.

Quanto à aguardente de figo, o seu trânsito é também obrigatoriamente documentado com guias emitidas pela Delegação de Torres Novas ou pelos seus técnicos regionais, podendo a entrega ser feita durante a campanha.

Os produtores situados nas zonas onde as Comissoes Liquidatárias dos Grémios da Lavoura não procedam à concentração, poderão associar-se para fazer transportar o produto, beneficiando assim de redução de despesas.

Ora diga-nos

QUEM SE IRÁ AFOGAR COM O SANGUE DOS PATRIOTAS ESPANHÓIS?

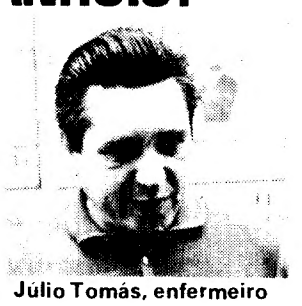
Carlos Oliveira Dias, motorista

. Cinco patriotas e antifascistas espanhóis foram executados no sábado pelo regime fascista vizinho. Tal como o povo português, os povos de Espanha travam uma luta dura pela independência, pela liberdade e pela democracia. A morte de elementos do povo em tais circunstâncias pode acontecer com frequência. A frio, aqui ao lado, em Espanha, os fascistas não hesitam. O sangue dos heroîs agora mortos irá afogar os exploradores? Irá fazer recuar o povo?

Aires Ferreira, operário fabril

Carlos Oliveira Dias, 36 anos, motorista:

. O indivíduo que dá ordens para matar outros é porque está no poder e manda. Por isso eu sou contra a lei da pena de morte. Porque é uma maneira dos que mandam conseguirem segurar o seu mando. Mas eu penso que o Franco está enganado. Todo o indivíduo que luta por um fim justo não vai parar. Alguns recuam, mas a maioria, porque é antifascista, vai-se revoltar ainda mais. Estes que morreram, da F.R.A.P., eram maoístas, do comunismo da



Júlio Tomás, enfermeiro

China. De certeza que o povo espanhol não vai perdoar.»

. Aires Ferreira, 53 anos, operário fabril:

. «Não os deviam matar. Que lhes dessem 28 ou 30 anos de cadeia, mas matá-los é que não está bem. Quem devia ser morto são esses que andam aí a deitar fogo às matas.»

. Júlio Tomás, 53 anos, enfermeiro:

. «O que acho é que isto vai prejudicar a gente. Porquê? Não sei explicar, mas isto não traz boas águas...»

Deficientes das F.A. mantinham hoje as suas posições

. Os mutilados das guerras coloniais, que não abandonaram, esta manhã, os acessos a S. Bento, a despeito da chuva que caiu, cortaram, também, a circulação dos eléctricos» da linha Graça-Prazeres, na parte final da Calçada do Combro, avançando, assim, mais um passo nas suas reivindicações. Na madrugada de ontem, o coronel Jaime Neves, parece ter ordenado aos «Comandos» que «carregassem» sobre os manifestantes, em S. Bento, quando estes procuravam dificultar a saída dos ministros antes reunidos em Conselho.

Como protesto, foram muitos os deficientes das Forças Armadas que se dirigiram, na tarde de ontem, ao quartel da Amadora, deixando aí as suas próteses, ao mesmo tempo que diziam que aquilo que lhes sucedeu poderia muito bem ter acontecido a muitos dos soldados que os ameaçaram em S. Bento com os Chaimites» ou, ainda, a qualquer dos elementos do Conselho da Revolução. Como é do conhecimento público, um decreto-lei que seja publicado levando em conta todos os casos, após 18 meses de luta, regularizará a situação.

No plenário de ontem, no Palácio da Independência, os deficientes analisaram a situação e historiaram todos os passos da sua luta. Ao mesmo tempo, foram dadas instruções aos mutilados para que, ao contrário do que tinha sido anunciado, não abandonassem os locais ocupados durante este período de luta, pelo que se deveriam manter em Alverca, Belém Ponte 25 de Abril e Portagem de Sacavém. Era significativo o apoio popular e, em S. Bento, não se tinha por necessário a presença de mais mutilados que aqueles que ali se encontravam.

Militantes e simpatizantes da FUR e da UDP engrossaram, ao princípio da madrugada, o número daqueles que se concentravam defronte da residência do primeiro-ministro ou cortavam os acessos ao palácio, porque a «luta dos deficientes se insere na luta de todos os explorados e oprimidos».

«CARAS CONHECIDAS»

Diversas peripécias contribuiram para que a luta dos mutilados, ontem, conhecesse aspectos inesperados. Em Cabo Ruivo, do depósito da Carris, vários indivíduos procuraram apoderar-se de auto-carros ali estacionados, apresentando-se de camuflado e dizendo que se tratava de apoiar os deficientes que se encontravam em S. Bento, Gerou-se ligeira escaramuça e os visitantes retiraram com um veículo.

Em comunicado, a ADFA assinalou que « a questão dos deficientes foi manuseada pelos governantes», e que o C.R. exigira que os mutilados se desmobilizassem sem qualquer plataforma de entendimento». O texto termina por afirmar que «a parte artificial do nosso corpo está agora à guarda dos nossos camaradas soldados dos Comandos, mas a nossa luta não acaba aqui».

Quanto ao assalto à Carris era convicção ao princípio desta madrugada-ideia confirmada ainda esta manhã — que se tratara de uma «desesperada tentativa de forças reaccionárias, porque entre os visitantes não se encontrava nenhum deficiente», cuja luta os trabalhadores da empresa apoiam.

PROPOSTAS DE MCGOVERN

Auxiliar Portugal controlar a C.I.A.

. WASHINGTON, 29 (R/UPI/ANOP) — George McGovern declarou nesta capital que apresentará hoje ao Senado uma proposta no sentido de serem proibidas actividades encobertas da C. I. A. em Portugal, ao mesmo tempo que insistirá pela concessão de um empréstimo de 55 milhões de dólares ao Governo de Lisboa.

McGovern, que regressou recentemente de Portugal, acentua que os eventuais subsídios da C. I. A. a partidos ou individualidades portuguesas pró-ocidentais «envenenarão o ambiente político no país».

O senador acrescentou que o actual Governo de predomínio socialista «poderá representar a última e melhor esperança de Portugal para alcançar a justiça social através de meios pacíficos e democráticos».

Disse ainda que os problemas económicos, e não os políticos, são os que agora constituem o maior teste para a autoridade do Governo português.

«Ao iniciar a dura tarefa da reforma económica, Portugal deverá contar com a generosidade e compreensão dos seus amigos» — concluiu o senador.

CUF:

A nacionalização em folha oficial

O decreto-lei que nacionaliza a Companhia União Fabril, C.U.F., S.A.R.L., foi publicado no «Diário do Governo» do passado dia 25, quinta-feira, distribuído, todavia, somente no sábado seguinte, dia 27.

Assinam o diploma, omanado do Ministério da Indústria e Tecnologia, além do titular desta pasta, então o comandante Quitério de Brito, Mário Murteira e José Joaquim Fragoso, ministros respectivamente da Coordenação Económica e das Finanças. Assina também, naturalmente, Vasco Gonçalves.

O diploma foi promulgado por assinatura do general Costa Gomes a 17 de Setembro e tem eficácia a partir de 12 de Agosto.

No ALGUEIRÃO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na TABACARIA MIMO

Caça:

FISCALIZAÇÃO INTENSA

. Tendo em vista «a defesa de um património que vale quer pelo seu valor directo, quer pelas actividades que mobiliza, quer sobretudo pelo que socialmente representa» a Direcção dos Recursos Florestais emitiu um comunicado em que diz, nomeadamente, o seguinte:

. «O Serviço de Inspecção da Caça e as comissões venatórias, em colaboração com as forças de segurança, vão intensificar a fiscalização a partir do próximo dia 5, contando, para tal, com todo o possível apoio do exército e da Força Aérea.

Chama-se a atenção dos caçadores que o abrigo dos artigos 5.º e 6.º do Decreto-Lei n.º 497-C/75, de 30 de Julho, as infracções cometidas, dentro das zonas de ordenamento identificadas para o efeito por sinais rectangulares de 12,5 cm x 25 cm, com uma barra horizontal vermelha e outra branca e tornados públicos através de editais afixados em locais próprios, são punidas com interdição do direito de caçar por cinco anos e o dobro das sanções previstas na lei, implicando ainda as infracções previstas nos artigos 215º, 217.º e 218.º do Decreto-Lei n.º 47 847, de 14 de Agosto de 1967, e as dos artigos 149.º e 150.º do Decreto-Lei n.º 354-A/75, a perda dos instrumentos e produtos da infracção.

Mas, acima de tudo, apela-se para os caçadores para que mais uma vez demonstrem ser merecedores e capazes de defenderem as conquistas alcançadas através da defesa intransigente de um património que a todos interessa.»

AOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICA

CONVOCAÇÃO

Convocam-se as Comissões de Trabalhadores, Delegados Sindicais ou outras formas de representação de trabalhadores aberta a todos os camaradas da Indústria e Comércio Farmacêuticos PARA UMA REUNIÃO A EFECTUAR 5. FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 1975 — na Sociedade Alunos da Apolo — Sua Silva Carvalho, 225 — Campo de Ourique, pelas 20.30 horas.

PONTO ÚNICO

Escolha do grupo de trabalho que conduzirá o Processo Unitário em Marcha.

NÃO FALTES!

UM GRUPO DE TRABALHADORES
DE VÁRIAS EMPRESAS DO SECTOR

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infanteria 16, 55-C — Lisboa

Nacional

ANGOLA

OS "NOVE" DA O.U.A. REUNEM AMANHÃ EM CAMPALA

Aumentam as dúvidas quanto à eficácia da reunião da O.U.A., convocada para amanhã em Kampala, e envolvendo nove nações africanas designadas na última cimeira daquela organização para tentarem solucionar o problema angolano. O presidente Idi Amin, actual dirigente da O.U.A., tem-se movimentado intensamente nos últimos dias tentando obter a presença dos movimentos de libertação africanos na reunião de amanhã. Nas últimas 24 horas, Idi Amin esteve em Point Noire, na República Popular do Congo, a fim de solicitar os bons ofícios do presidente Marien N'Gouabi junto dos movimentos angolanos, especialmente do M.P.L.A. Todavia, segundo informa a A.N.O.P. em serviço para o «D.L.», o dr. Agostinho Neto desmentiu que tivesse recebido qualquer convite para estar presente em Kampala, acrescentando que desconhece mesmo a existência de qualquer contacto nesse sentido feito com elementos da comissão directiva do M.P.L.A.

APOIO DE MOÇAMBIQUE AO M P L A

Discursando na sessão de abertura da terceira conferência da Organização de Solidariedade dos Povos da África e da Ásia, que decorreu em Lourenço Marques, o presidente Samora Machel voltou a referir-se, pela terceira vez no espaço de dois dias, ao apoio do seu país ao povo angolano e à sua vanguarda revolucionária, o M.P.L.A. Disse Samora Machel:

«Quando o colapso do colonialismo português tornou evidente a vitória do povo angolano, quando se patenteou a imensa corrente popular que se identifica com o M.P.L.A., vimos serem criadas e ressuscitadas organizações e forças poderosamente armadas, não para combater o colonialismo, nem para combater agressões estrangeiras. Estas armas surgiram do dia para a noite para impor ao povo a vontade do imperialismo. Quando as tropas sul-africanas e mercenárias ocuparam zonas da província do Cunene, de novo encontramos o M.P.L.A. só, a fazer face à invasão. Os tanques que ameaçavam o Luso e Luanda não acorreram à defesa patriótica do território nacional ocupado.

Quando nunca se mencionou apelos a tropas da O.U.A. e da O.N.U. para porem termo ao colonialismo português, hoje vemos agitarem-se propostas de intervenção exteriores para impor partilhas do território angolano.

Aqueles que permaneceram indiferentes ou foram cúmplices dos massacres perpetrados pelo colonialismo português contra o povo angolano, agitam-se hoje propondo intervenções exteriores para a pretexto de interesses humanitários subitamente descobertos, impor soluções antipopulares e a partilha do território angolano».

INVENTÁRIO DO MATERIAL BÉLICO APREENDIDO EM COLARES

O Copcon acaba de emitir um comunicado divulgando a lista do material bélico encontrado no dia 25 numa vivenda de Colares que seria,, como então noticiamos em primeira mão, centro de apoio e arsenal de uma célula do E. L. P. descoberta na região. No decorrer das investigações levadas a cabo depois deste descoberta, apurou-se que os explosivos encontrados fazem parte de um lote roubado em Sines, admitindo-se que também fizessem parte desse lote os explosivos utilizados nos atentados que tiveram lugar no fim da semana passada e os que foram encontrados no interior de uma viatura de matrícula francesa abandonada no Porto. O Copcon efectuou três prisões relacionadas com a Operação Colares», sendo de admitir que os detidos, cujos nomes ainda não é possível divulgar, pertençam ao E. L. P. ou estejam relacionados com indivíduos dessa organização clandestina.

O material apreendido em Colares é o seguinte: 25 embalagens de gelomonite com cerca de 3 kg. cada uma; 12 embalagens de explosivo plástico militar; 30 metros de cordão detonante de fabrico nacional; 300 balas de pistola, de 9 mm.; vária balas de pistola 762; 12 granadas de mão defensivas; várias granadas de mão com dispositivo dilagrama e alguns condensadores eléctricos, presumivelmente destinados a serem usados como disparos retardados.

O «CASO» M E S EM SANTARÉM

No decorrer da operação levada a cabo pelo Copcon ontem de manhã em Santarém, foi apreendido na sede do M. E. S. dessa cidade material de guerra de diversas origens que estabelece, de acordo com o texto desse comunicado, uma «inequívoca ligação» com os autores dos assaltos que tiveram lugar em Alcobaça na noite de 26 para 27 e um elemento do M. E. S. de Santarém, conhecido por Carlos Lisboa, uqe foi detido com outros membros dessa organização, pela P. S. P. É o seguinte, o texto do comunicado do Copcon sobre material apreendido em Santarém:

«A sequência de investigações realizadas em Santarém após assaltos havidos em Alcobaça na noite de 26/27, foi detectada inequívoca ligação entre os assaltantes, alguns detidos pela P. S. P. de Santarém junto à sede do M. E. S., e um destacado elemento deste movimento nesta cidade conhecido por Carlos Lisboa.

«Os elementos detidos, por denúncia, ao saírem das instalações do M. E. S., tinham material de guerra na sua posse, levando a admitir que no interior das instalações houvesse mais material e até o produto dos assaltos havidos em Alcobaça, pelo que foi determinado pelo Copcon a realização de uma busca. Da mesma, realizada na presença de elementos responsáveis do M. E. S. resultou ter sido encontrado o seguinte material, habilmente escondido e dissimulado:

«4 'cocktails' Molotov de grande volume; 1 granada de mão ofensiva de guerra; 1 granada de mão defensiva de guerra; 2 carregadores de pistola de calibre 6.35 com 13 munições (nos bolsos do casaco do sr. Carlos Lisboa); 3 catanas; 25 cartuchos de caça.

«Todo este material estava pronto a ser utilizado, tendo sido apreendido.»

A propósito dos incidentes que levaram à detenção de alguns dos seus elementos e do comunicado do Copcon, o Secretariado da Comissão Política do M. E. S. divulgou um comunicado em que repudia qualquer responsabilidade em actos unicamente atribuíveis a um seu elemento e repudia a ligação que, em seu entender, o comunicado do Copcon estabelece entre «acções que define como assaltos e a apreensão do material que designa como material de guerra».

No seu comunicado, o M. E. S. declara, ainda, que o comunicado do Copcon foi «estranhamente pressionado pela Escola Prática de Cavalaria de Santarém a que pertencerá a força militar que passou a busca à sede local do M. E. S. e que essa busca foi levada a cabo a pretexto de ocorrências que não houve o cuidado de explorar previamente. Sempre de acordo com este comunicado, o facto é particularmente grave por suceder logo após a criação do A. M. I. que tem finalidades repressivas sobre as organizações populares e revolucionárias. O M. E. S. estranha, ainda, neste comunicado, que na manhã de 28 de Setembro, em que se celebra a derrota da ofensiva fascista de Spínola, o Copcon tenha emitido um comunicado que se não destina a alertar a opinião pública contra os manejos dos inimigos do processo revolucionário». O assalto que justificou a rusga à sede do M. E. S. e a detenção de alguns dos seus elementos teve lugar na noite de 26 para 27 e foi levado a cabo por indivíduos armados e mascarados ainda não oficialmente identificados que chegaram, de automóvel, à sede do Ginásio Clube de Alcobaça e roubaram o dinheiro que o cobrador desta organização tinha em seu poder para, depois, obrigarem os sócios que se encontravam na sala a entregar o dinheiro e os valores que tinham consigo.

Estes indivíduos — que seriam dez a julgar pelas informações prestadas ao nosso correspondente — obrigaram os sócios a despir as calças e levaram-nas consigo, certamente para evitar que estes os perseguissem ou viessem para a rua alarmar a população. Embora ainda se não saiba exactamente quanto é que o assalto rendeu aos ladrões, julga-se que o produto do roubo oscilará pelos 150 000$00.

O ASSALTO AO QUARTEL DO R A A F

Malogrou-se, graças à pronta intervenção do quarteleiro, um assalto levado a cabo ontem de manhã ao quartel do Regimento de Artilharia Fixa de Porto Brandão. O assalto, que teria por objectivo a arrecadação do material de guerra desta unidade em que se encontra armazenada grande quantidade de armas e munições, teve lugar às 7 e 15 da manhã de ontem e foi levado a cabo por seis indivíduos fardados e armados de espingardas semiautomáticas G3 que se aproveitaram do render da guarda para manietar três sentinelas e penetrar no aquartelamento. Já na arrecadação do material de guerra, os seis indivíduos encontraram pela frente o fiel da arrecadação, que tendo compreendido as suas intenções, impediu que o projecto se concretizasse resistindo, fisicamente, aos assaltantes. No decorrer da luta que se travou, o quarteleiro foi ferido no dedo por uma bala. Entretanto, verificando que fora dado o alarme, os assaltantes puseram-se em fuga transportando um ferido que deixou um rasto de sangue. É dado como certo que apesar da resistência do quarteleiro e do ferido que tiveram de transportar, os assaltantes conseguiram apossar-se de um número reduzido de armas, nomeadamente da G3 da sentinela, estando em curso um inquérito destinado a permitir o apuramento exacto das armas desviadas.

Sobre o assunto, o Copcon divulgou o seguinte comunicado:

«No dia 28 de Setembro, pelas sete horas e quinze minutos, um grupo de indivíduos não identificados, armados de G3 e pistolas-metralhadoras FBP, assaltou o quartel da R. A. A. F., em Porto Brandão, neutralizando as sentinelas. A tentativa de assalto à arrecadação de material de guerra não resultou devido à reacção do quarteleiro e a um acidente com arma de fogo, que causou um ferido grave entre os assaltantes. Estes, acabaram por fugir, levando consigo o ferido e uma espingarda G-3 de um dos sentinelas.»

DOIS HOMENS NO CARRO QUE EXPLODIU

A Polícia Judiciária prossegue as investigações acerca do caso do automóvel que explodiu» no passado dia 25 na estrada do Bacal do Parque de Monsanto. Até agora, foi apurado que o automóvel transportava dois indivíduos do sexo masculino e não um homem e uma mulher como se chegou a pensar.

NA COVILHÃ

Realizou-se o Congresso de Comissões de Trabalhadores

Terminou, já de madrugada, com a intervenção de representantes do Partido Socialista, do P.R.P./B.R. e do secretário-geral do M.R.P.P., o Congresso Nacional das Comissões de Trabalhadores, que se realizou durante este fim-de-semana na Covilhã, com a participação de 95 Comissões de Trabalhadores que se quiseram fazer mandatar, vindas das principais zonas industriais do País.

Os trabalhos foram dirigidos pelas Comissões da Celnorte, T.L.P., Cambournac, Timex, B.P.A. (Sul), Têxteis Cravinos e Sonofi.

Após a leitura de teses sobre: 1.º, Controlo Operário; 2.º, Horário; 3.º, Comissões de Trabalhadores e armamento da Classe Operária; 4.º, Nacionalizações e Intervenção do Estado; 5.º, Saneamento; 6.º, Desemprego e 7.º, Aliança Operária-Camponesa, as comissões presentes distribuiram-se por sete grupos, podendo, consoante o número de delegados, participar em um ou mais grupos de trabalho.

A discussão iniciou-se cerca das 21 horas de sábado, tendo-se alongado, com vivo interesse e ampla participação de todos até à uma e meia da manhã.

O grupo de trabalho mais concorrido foi o do controlo operário, com 52 delegados de comissões diferentes inscritos. Os outros grupos tiveram um amédia de 10 a 17 delegados persentes.

Os trabalhos foram retomados às 10 horas da manhã de domingo. Houve no entanto alguns grupos que, devido ao interesse suscitado na véspera resolveram começar os trabalhos mais cedo. As duas da tarde, os grupos deram por findas as discussões, tendo-se realizado então o plenário onde foram lidas e aprovadas as teses saídas dos debates.

NOVO SECRETARIADO NACIONAL

A aprovação das sete teses foi feita sem votos contra e apenas com três abstenções. Procedeu-se depois à eleição do Secretariado Nacional que passará a partir de agora a aglutinar o esforço de junção de todas as Comissões de Trabalhadores do País que nisso estiverem interessadas.

Sobre a questão da representatividade do Congresso contestada por alguns quadrantes, foi explicitado que se desenvolveram todos os esforços para que estivessem na Covilhã, presentes todas as comissões que assim o quisessem e que não houve nenhuma restrição de ordem política ou outra qualquer. Foi mesmo estabelecido que todos os partidos políticos que «defendessem as Comissões de Trabalhadores», poderiam estar presentes e expressar as suas ideias, durante um tempo igual para todos. No entanto como a Emissora Nacional estava divulgando notícias consideradas incorrectas foi decidido enviar um protesto.

A sessão pública de encerramento começou tardíssimo, cerca das 21 horas. Foram lidas saudações chegadas ao Congresso provindas de muitas Comissões de Moradores, de Trabalhadores e também de diversos Sindicatos.

Três plantações de marijuana descobertas no Norte

PORTO, 29 — Criada há cerca de nove meses na Subdirectoria do Porto da Polícia Judiciária, a Brigada de Estupefacientes tem-se visto a braços com variadíssimos problemas, como sejam a falta de meios materiais e humanos para combater com eficiência o mal da droga que está a proliferar perigosamente no norte do País.

Mesmo assim, e após aturadas investigações, a referida brigada detectou e destruiu, com o arrancamento das respectivas plantas, três plantações de marijuana (liamba): uma em Vilar de Mouros (foram detidos seis indivíduos, quatro homens e duas mulheres, um deles francês), outra em Famalicão e a terceira em Viana do Castelo, onde também foram detidos os proprietários do respectivo terreno.

Os processos já concluidos foram remetidos às respectivas comarcas para julgamento dos culpados.

Aquela brigada descobriu também, em Ermesinde, um vendedor de L.S.D. que tinha na sua posse dois quilos daquele estupefaciente.

Conselho Nacional do P.P.D.

O Conselho Nacional do Partido Popular Democrático reuniu este fim-de-semana, numa estalagem da Via Norte, próximo do Porto. Na reunião participaram delegados do P.P.D. de todo o País. Da agenda para a reunião constavam quatro pontos: situação político-militar, actividades das comissões nacionais e distritiais, projecto de alteração dos estatutos e realização do II Congresso Nacional. Nos trabalhos participaram os mais destacados dirigentes do partido, e, entre eles, Francisco Sá Carneiro, Emídio Guerreiro, Magalhães Mota e José Augusto Seabra.

Sá Carneiro fez uma demorada intervenção acerca da evolução política em Portugal desde 25 de Abril até hoje. Emídio Guerreiro, um balanço das actividades do Partido desde que substituiu Sá Carneiro no cargo de secretário-geral. Representantes do partido a nível regional deram conta dos problemas com que a organização se defronta longe dos centros nucleares de decisão.

Até esta manhã, o P.P.D. ainda não havia divulgado qualquer comunicado acerca dos trabalhos e das conclusões a que a reunião terá conduzido. Sabe-se no entanto que algumas resoluções ficaram adiadas para o II Congresso Nacional: a reentrada de Sá Carneiro para o lugar de secretário-geral, por exemplo. Pode no entanto suceder que algumas decisões suspensas e mais ou menos esperadas venham a ser assumidas ainda antes.

Nacional

O repórter de serviço

Manuela Alves

"MISTER GARÇON!"

. O episódio passou-se há tempo, mas enfileirou entre os inesquecíveis pelo que teve de inesperado.

Fui a um hotel de Lisboa com a missão de entrevistar uma actriz de teatro, daquelas laureadas e populares, e populares e laureadas, que fizeram época, que conquistaram grande fama no Brasil quando isto cá já não s
na vida, generosamente instaladas em hotéis nas visitas ao velho e decadente Portugal, pomposamente agarradas «às cabeças de cartaz» sempre que voltavam e davam dois dedos de teatro.

No vestíbulo enorme do hotel que considerava a sua casa em Lisboa e onde era hóspede benquista, e actriz sentou-se a conversar. À volta, outros hóspedes do dito hotel sentados em «maples» e sofás de veludo, entretinham os ócios também a conversar. O bichanar perdia-se, abafado entre alcatifas, veludos e arranjos florais. Só uma voz se sobrepunha: a do pequeno «groom» fardado, escala ínfima na hierarquia hoteleira, que cruzava incansavelmente o vestíbulo, deixando atrás de si uma cantilena: «Mister Smith!» (se porventura era um hóspede de nome Smith que estava a ser solicitado ao telefone ou na recepção) ou «Mister Wilson», se era este o nome do hóspede ou «Mister» etc. e tal...

A actriz, a certa altura, metida com notável à vontade na pele de anfitriã perfeita, não prescindiu de oferecer uma bebida. E, aproveitando a presença do pequeno «groom» junto ao bar, acenou-lhe e bichanou: «Chama aí o **garçon**, chama o **garçon!**»

. Solícito, o «groomezinho» deu meia volta e, com um impecável **sentido do dever**, retomou o caminho cruzado centenas de vezes por dia naquele vestíbulo de hotel e atirou para os ares: «Mister» garçon! «Mister» garçon!»...

ELEIÇÕES NOS SINDICATOS

Panificação: Lista A Desenho: Lista B

A Lista A, com a sigla «Unidade sindical rumo ao socialismo» venceu as eleições no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Panificação e Produtos Alimentares Afins do Distrito de Lisboa.

Dos 3496 sócios inscritos nas folhas eleitorais do Sindicato, votaram 848 (24,1 por cento), tendo a lista A alcançado 585 (68,1 por cento dos votantes) contra 260 votos da Lista B (30,8 por cento).

Um dos seus últimos comunicados, afirmava a Lista A (agora vencedora): «As manobras para nos dividir continuam a ser lançadas sem olhar a meios. O que o patronato não tem conseguido está a ser levado à prática por trabalhadores demagogos decerto com interesses inconfessados. Camaradas, a demagogia e a verborreia política induzindo os trabalhadores no erro e na falsidade não têm outro fim de não a divisão dos trabalhadores e destruir a nossa unidade, base da nossa força».

TÉCNICOS DE DESENHO GANHOU A LISTA B

No Sindicato dos Técnicos de Desenho a vitória pertenceu à lista B. Dos 7200 inscritos nos cadernos eleitorais, votaram 2287, tendo-se verificado 16 votos nulos.

A Lista B obteve 1382 votos enquanto a lista C conseguiu 889 votos. Os candidatos da lista vencedora prometem assegurar «uma orientação democrática, patriótica, antifascista, e anti-social-fascista». A lista B tem a sigla «Por um Sindicato democrático ao serviço do Povo».

TIMOR

Dois movimentos não querem negociar com Lisboa

JACARTA, 29 — (R.) — Dois agrupamentos políticos do Timor Português rejeitaram a oferta de Lisboa para a realização de conversações de paz com o fim de acabar com a guerra civil na colónia, que dura há dois meses, segundo revelou hoje o Governo indonésio.

O Ministério da Informação indonésio revela num comunicado que o M. A. C. (ex-U. D. T.) e a Apodeti rejeitaram a oferta. numa nota enviada ao emissário português, brigadeiro Oliveira Rodrigues, que se encontra agora em Darwin, no norte da Austrália. As razões apresentadas indicam que o povo da colonia teria deixado de reconhecer a autoridade portuguesa e que Lisboa não seguira a política preconizada na conferência em Macau, em Junho último, sobre a descolonização do Timor Oriental.

O comunicado de hoje revela a primeira reacção à oferta de Lisboa, feita quarta-feira passada, em que o Governo português afirmou estar disposto a negociar com os partidos em luta em Timor, em qualquer data e local, mas que não discutiria concessões políticas para a libertação de prisioneiros portugueses em poder do M. A. C. (ex-U. D. T.).

Entretanto, a Fretilin pede, urgentemente, a Portugal uma resposta às suas propostas sobre a descolonização de Timor Português.

Um comunicado emitido pela sua Comissão Central declara que as propostas foram entregues em 8 de Setembro a uma delegação portuguesa em Darwin, na Austrália, e apela para a Associação das Nações do Sueste Asiático (A. S. E. A.N., a Nova Zelândia e as Nações Unidas a fim de enviarem representantes a esta colónia.

A Comissão Central reafirma que a Fretilin controla o território e tenciona assegurar uma administração civil estável até que Portugal reassuma as suas responsabilidades na colónia.

O comunicado salienta, por outro lado, que a Austrália devia utilizar a sua influência para manter a paz na região e restabelecer uma presença diplomática em Timor-Leste.

Voltando-se para as relações com a Indonésia que administra o Timor Ocidental, o documento declara que a Fretilin «olha com grande apreensão as declarações de uma fonte de propaganda indonésia em Jacarta segundo as quais os membros da A. S. E. A. N. apoiariam o uso da força pela Indonésia em Timor-Leste».

SITUAÇÃO DOS PRISIONEIROS PORTUGUESES

JACARTA, 28 — (R.) — Um grupo de 23 soldados portugueses, ameaçados de morte enquanto detidos pelo M. A. C. (ex-U. D. T.), foram entregues às autoridades indonésias, declararam hoje autoridades de socorro nesta cidade.

As autoridades disseram que os prisioneiros haviam sido levados para a cidade indonésia de Motaain pouco antes do M. A. C. ser expulso, na quarta-feira passada, da cidade de Batugade, na fronteira de Timor Oriental, por forças da Fretilin.

Os prisioneiros portugueses encontravam-se agora na cidade costeira de Atapupu, acrescentaram as autoridades, que acabam de regressar de Timor Indonésio.

Não foi possível determinar quais os planos das autoridades indonésias para com os prisioneiros. Também não foi possível saber se o grupo incluia todos os prisioneiros detidos pelo M. A. C.

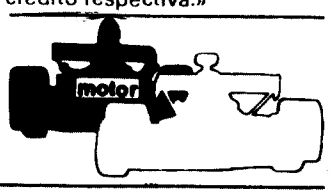
Medidas contra o uso de cheques sem cobertura

. Um diploma do Ministério das Finanças, publicado na folha oficial diz que «após a publicação do Decreto-Lei n.º 182/74, de 2 de Maio, que tona obrigatória a aceitação do cheque apresentado como meio de pagamento, aumentou de forma preocupante o número emitido sem a necessária provisão».

Assim, o novo diploma determina o seguinte:

. «Àquele que saque cheques incobráveis por falta de provisão pode ser recusado o fornecimento de cheques para movimentar contas de depósito em qualquer instituição de crédito. Compete ao Banco de Portugal estabelecer o prazo e demais condições da inibição do uso do cheque, bem como decidir quais as pessoas por ela abrangidas. A inibição não pode exceder o período de dois anos e, uma vez aplicada, deve ser respeitada por todas as instituições de crédito. No caso de contas com mais do que um titular, e desde que as circunstâncias o justifiquem pode igualmente ser recusado o fornecimento de cheque aos outros co-titulares, os quais poderão, no entanto, movimentar livremente outras contas de depósito abertas em seu nome.»

. Determina ainda o referido diploma: «A inibição pode também ser imposta a quem saque cheques em representação de outrem e abranger igualmente o representado, o qual poderá, no entanto, movimentar livremente outras contas de depósito abertas em seu nome. A pessoa objecto de medida de inibição do uso de cheque poderá movimentar contas de depósitos, durante o período que durar essa inibição, apenas mediante a utilização de cheques avulsos previamente visados pela instituição de crédito respectiva.»



Novo embaixador da Venezuela

. CARACAS, 29 (EFE/ANOP/DL) — O Congresso da Venezuela autorizou a designação dos novos embaixadores apontados pelo presidente Carlos Andrês Pérez para Portugal, Dinamarca e República Popular da China. Portugal receberá Alfredo Baldo Casanova.

A nomeação do novo chefe da representação diplomática venezuelana era aguardada com bastante expectativa em Lisboa, já que desse passo depende a concretização, em tempo útil, da fixação de retornados de Angola (fala-se em 10 mil, para já) neste país.

ADOQUE grupo de teatro
(AO MARTIM MONIZ)
Telef. 87 42 80
UMA BARRIGADA DE RISO!!!
HOJE
Às 20.30
e
22.30 h.
A.C.I.A. DOS CARECAS
A revista que DANTAS não era possível!
(NÃO ACONS. A MENORES DE 18 ANOS)

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

MOBÍLIAS E MÓVEIS SOLTOS DE ESTILO E MODERNOS POR ELEMENTOS, ESTOFOS, LOIÇAS, VIDROS, QUADROS, ARTESANATO AFRICANO, ETC.

Para HABITAÇÃO

MOBILIÁRIO EM AÇO E MÁQUINAS

Para ESCRITÓRIOS

MÁQS. E MATERIAL FOTOGRÁFICO, BRINQUEDOS, MÁQUINAS P.ª INDÚSTRIA HOTELEIRA

ELECTRODOMÉSTICOS

ARTIGO NOVO — IMPORTANTÍSSIMO

LEILÃO

Proveniente de 3 casas das especialidades em epígrafe venderemos pela maior oferta e sem base de licitação.

AMANHÃ, 3.ª-F.ª E SEGUINTES DAS 15 ÀS 19 HS.

Av.ª Casal Ribeiro, 17 — Lisboa

MOBÍLIAS, MÓVEIS SOLTOS, ESTOFOS, ETC. Casas de jantar estilos Inglês e séc. XVII. Muitos móveis modernos de elementos p.ª formar conjuntos de sala e de quarto c/ cama incorporada, armários louceiros, cantoneiras, roupeiros, camas, mesas, cadeiras, bares, armários de nichos, cómodas de estilo, arcas, móveis estilo rústico séc. XVII, «chifoniers», relógios de caixa alta, estantes e roupeiros lacados, mesas de centro de todos os géneros, credências, espelhos, móveis orientais c/ embutidos em madre-pérola. **Enorme quantidade de estofos de alta categoria:** jogos de maples c/ e s/ sofá-cama de diversos géneros, sofás e maples soltos, cadeiras, bancos, alcatifas de pêlo alto, etc.

MÓVEIS EM AÇO, ESTOFOS E MÁQUINAS P.ª ESCRITÓRIOS: Secretárias, estantes, altas e baixas; mesas p.ª todos os fins, ficheiros e arquivos de vários modelos, fauteils e cadeiras rotativas; bancos, sofás e maples p.ª salas de espera, armações em tubo desmontável, mesas de reuniões, cadeiras anatómicas, etc.

Máquinas de escrever, calcular, somar e facturar, manuais eléctricas e electrónicas, fotocopiadores, duplicadores, máqs. registadoras, balanças de loja, etc.

ELECTRODOMÉSTICOS: Televisões, máqs. de lavar roupa e loiça, fogões, rádios e rádios-relógios, estereofonias, amplificadores, gravadores, aspiradores, enceradoras, caloríferos, máquinas de tricotar, ferros de engomar, máqs. de cozinha, grelhadores, secadores, ventoinhas, colunas altifalantes, discos, relógios, torradeiras; candeeiros de tecto, mesa e de chão, lustres.

ARTIGOS FOTOGRÁFICOS: Extraordinário conjunto CANON c/ tele-objectivas, filtros, gr. angular, flash, etc., conjunto mini-MINOLTA e outros; auto-rádios, leitores de cassettes e de cartridges, etc e também material eléctrico p.ª profissionais e industriais.

MÁQUINAS E UTENSÍLIOS P.ª INDÚSTRIA HOTELEIRA: Máquinas de café automáticas, balanças, registadoras, arcas-linhas congeladoras, mesas e cadeiras de café, etc.

DIVERSOS: Enorme variedade de artigos decorativos, em metal, mármore e madeira; alabastros, serviços de jantar, chá e café em porcelana e faiança, cristais e vidros, candeeiros de todos os tipos. **Enorme lote de brinquedos,** jogos didáticos e mesas escolares e enorme quantidade de mercadorias indiscriminàveis mas que estarão em

EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 ÀS 13 HORAS

recomendando este leilão aos n/ habituais clientes comerciantes e particulares dada a excelente oportunidade que constitui por na sua maioria ser ARTIGO NOVO, e sem reserva alguma de preços

SOC. DE LEILÕES AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1 Telfs. P.P.C. (6 linhas) 532929 - 51478 - 47018/9
AFRAFILHOS, Lda

Geral

CHINA POPULAR

MAIS UM ANIVERSÁRIO APONTADO PARA O FUTURO

A China, em meados de 1945, após ter vencido o imperialismo japonês, encontrava-se ainda ante dois destinos, duas perspectivas de futuro ou tornar-se uma China nova ou permanecer a velha China. Os grandes senhores de terras e a grande burguesia, representados por Tchiang Kai-Chek, queriam arrancar das mãos do povo os frutos da vitória alcançada na Guerra da Resistência e manter a China como país semicolonial e semifeudal, submetido à sua ditadura. O Partido Comunista da China, representando os interesses do proletariado e das massas populares, lutava com todas as suas forças pela paz e contra a guerra civil; mas, por outro lado, tinha que preparar-se eficazmente contra as maquinações contra-revolucionárias de Tchiang Kai-Chek que visavam o desencadeamento da guerra civil à escala nacional, sobre o imperialismo e a reacção, não lhe recear as ameaças, salvaguardar resolutamente os frutos da luta do povo e esforçar-se por edificar uma China nova. A luta decisiva entre os dois destinos, entre os dois futuros que se abriam à China, constitui o conteúdo do período histórico compreendido entre o fim da Guerra de Resistência contra o Japão e a fundação da República Popular da China, isto é, o período histórico da Guerra de Libertação do povo chinês ou Terceira Guerra Civil Revolucionária.

Depois da Guerra da Resistência Tchiang Kai-Chek, ajudado pelo imperialismo norte-americano, violou repetidas vezes os acordos de paz e desencadeou uma guerra civil contra-revolucionária de uma amplidão sem precedentes, no intento de liquidar as forças populares. Graças à justa direcção do Partido Comunista da China, bastaram apenas quatro anos de luta para que o povo chinês alcançasse uma grande vitória à escala nacional — a derrocada de Tchiang Kai-Chek, e a fundação a 1 de Outubro de 1949, de uma China nova.

O GOVERNO DO KUO-MI-TANG E O MOVIMENTO POPULAR NAS CIDADES

Acolhido com certa simpatia por altura da libertação do domínio japonês, o Governo do Kuo-Mi-Tang tornou-se em pouco tempo odioso, devido à sua corrupção e incompetência. As relações entre ele e o povo pioravam de dia para dia. Recorria sistematicamente à opresão para calar a oposição; mesmo os intelectuais liberais dos partidos democráticos eram assassinados em plena rua, o que aumentou ainda mais a base de apoio do Partido Comunista.

Entretanto, a economia ia-se afundando rapidamente. Para os camponeses, a vitória sobre os japoneses significou o regresso dos proprietários e das rendas, bem como os saques das tropas governamentais. O Governo vai conduzir numerosos comerciantes e industriais à ruína. A clique militar e os funcionários confiscam os «stocks» comerciais e revendem-nos em seu proveito. Requisitam edifícios e operários e estabelecem impostos fabulosos, a tal ponto que há industriais que passam a apoiar o Partido Comunista com quadros técnicos e material. A inflação é catastrófica. O índice de preços, que era de 100 em 1937, passa para 368 000 em 1946 e para 558 000 000 em 1948. Os ordenados dos funcionários não lhes chegavam para se alimentarem por mais de uma semana. O Governo tinha destruído a sua própria base de apoio: burguesia, funcionários e industriais. Os únicos que se mantinham «fiéis» ao Governo eram uma fracção da casta militar e do Kuo-Mi Tang.

Embora a influência dos comunistas e do Exército de Libertação se fizesse sentir essencialmente no campo, o certo é que durante todo o período de guerra foi crescendo o sentimento patriótico de protesto contra a guerra e o imperialismo por parte das populações citadinas.

Assim, em Novembro de 1945 mais de seis mil estudantes do ensino secundário e superior de Coen-Mim, capital da província de Iun-Nan, reuniram-se na Universidade Associada do Sudoeste para discutirem os problemas da actualidade política e protestarem contra a guerra civil. O local da reunião foi cercado por tropas enviadas pelos reaccionários do Kuo-Mi-Tang, que fizeram fogo sobre os estudantes com peças de artilharia ligeira, metralhadoras e espingardas, e colocaram guardas à volta da universidade, a fim de impedir que os alunos e professores voltassem às suas casas. Isto levou os estudantes do ensino secundário e superior a desencadear conjuntamente uma greve. A 1 de Dezembro, os reaccionários do Kuo-Mi-Tang expediram para a Universidade e para o Instituto Pedagógico um grande número de soldados e de agentes secretos, que lançaram um ataque de granadas, fazendo quatro mortos e mais de dez feridos. Este acontecimento ficou conhecido pelo nome de «Incidente sangrento do 1.º de Dezembro».

Em meados de 1946, as autoridades do Kuo-Mi-Tang em Xangai proibiram qualquer negócio aos vendedores ambulantes, e por altura de Novembro desse ano, tinham sido presos cerca de 1000 dentre eles que continuavam as suas actividades. Três mil vendedores ambulantes fizeram então uma manifestação e cercaram a esquadra da Polícia num bairro. As autoridades deram ordem de abrir fogo, tendo sido mortos sete manifestantes e presos e feridos muitos outros. Em 1 de Dezembro, os vendedores ambulantes ainda continuavam a luta. Embora tivesse havido mais dez mortos e se tivesse registado mais de uma centena de feridos, o número de participantes na luta foi superior a cinco mil. Todas as lojas de Xangai fecharam as suas portas em sinal de simpatia. O incidente converteu-se, então, num movimento de massas da cidade inteira contra Tchiang Kai-Chek.

Nos fins de 1946, uma estudante da Universidade de Pequim foi violada por soldados norte-americanos. Em consequência disso, em várias dezenas de grandes cidades, grandes e médias, das regiões dominadas pelo Kuo-Mi-Tang, os estudantes organizaram greves e manifestações contra os Estados Unidos e Tchiang Kai-Chek, exigindo a retirada das tropas norte-americanas da China. Mais de meio milhão de estudantes participou neste movimento. Esta luta obteve o apoio imediato dos operários, professores e outros sectores da população.

A partir desta altura, e com o desenvolvimento da Guerra Popular de Libertação, o movimento patriótico e democrático das grandes massas de estudantes contra a fome, a guerra civil e as perseguições nas regiões controladas pelos Kuo-Mi-Tang ganhou nova envergadura e converteu-se passo a passo numa segunda frente na luta contra a dominação reaccionária de Tchiang Kai-Chek.

A 4 de Maio de 1947, os estudantes de Xangai manifestaram-se contra a guerra civil. Ao mesmo tempo, oito mil operários e estudantes cercaram o Comissariado Geral da Polícia do Kuo-Mi-Tang. O movimento patriótico estendeu-se em pouco tempo a Nanquim, Pekim, Hand-Jou, Chen-Iam, Tsintao, Caifum e muitas outras cidades. Os reaccionários do Kuo-Mi-Tang recorreram a medidas de repressão extremamente brutais contra o movimento patriótico e democrático dos estudantes. No dia 20 de Maio, mais de 100 estudantes foram presos e feridos em Nanquim e Tien-Tsim durante os célebres «Incidentes sangrentos de 20 de Maio». Mas o movimento patriótico dos estudantes, apoiado pelas grandes massas populares, não pôde ser reprimido. As greves e as manifestações estudantis, sob a palavra de ordem «Contra a fome, contra a guerra civil, contra as perseguições», e as lutas populares contra os Estados Unidos e Tchiang Kai-Chek, tais como as greves de operários e de professores, estenderam-se a mais de sessenta cidades grandes e médias. Em Maio de 1948, os estudantes de Xangai, juntamente com os trabalhadores da cultura, jornalistas e indivíduos de outros sectores sociais, iniciaram um movimento patriótico contra o apoio dos Estados Unidos ao ressurgimento das forças de agressão japonesas, movimento que igualmente se estendeu com rapidez a muitas outras cidades. As lutas patrióticas dos estudantes jamais cessaram até à vitória em todo o país e assestaram duros golpes ao Kuo-Mi-Tang.

Na Formosa estala uma revolta contra a superexploração a que os naturais da ilha eram submetidos pelo Kuo-Mi-Tang; esta revolta foi esmagada de forma muitíssimo violenta. Haverá mais de 10 000 mortos.

Entretanto, as formas de Governo que eram propostas pelo Partido Comunista obtinham uma simpatia crescente junto das massas: democracia a nível local, Governo de coligação a nível nacional. A estrutura económica montada pelo Partido Comunista nas regiões libertadas, se bem que rudimentar e austera, era eficaz e estável, o que fazia aumentar a confiança por parte das populações, lançadas na miséria e na fome pelo Kuo-Mi-Tang.

No início de 1949, as receitas do Estado do Kuo-Mi-Tang cobrem apenas 5 por cento das despesas. Em certas semanas, os preços sobem dez vezes.

O PARTIDO E O EXÉRCITO POPULAR NAS REGIÕES LIBERTADAS

A extensão das zonas sob controlo comunista deu naturalmente um novo impulso aos efectivos do partido. Estes passaram de 1 200 000 para 2 700 000 membros entre 1945 e 1947. O partido começava a implantar-se em regiões onde até então não tinha qualquer tradição. Muitos fugitivos vindos dos exércitos e da administração governamentais passavam-se para as suas fileiras, e nos campos, certos elementos vacilantes decidiram-se enfim a seu favor. A partir de 1947, os quadros fazem um exame sistemático de todos os elementos da população sob a sua influência, tendo em conta a origem social, a formação ideológica, e o estilo de trabalho. As sessões de crítica e autocrítica são frequentes, e produzem excelentes resultados, quer entre a população, quer no seio do Exército.

Os métidos de trabalho também são aperfeiçoados discutem-se os problemas, trocam-se informações, consultam-se os escalões inferiores, procura-se abordar todas as questões com eficácia, firmeza, precisão, preparam-se as reuniões, e os militantes do partido dão provas de modéstia, aprendendo a distinguir claramente quais são os aliados e quais os inimigos. Assim se rectificam alguns erros de aventureirismo e conciliação verificados nos anos anteriores.

De carácter essencialmente agrícola e artesanal, a economia das zonas comunistas era incomparavelmente menos frágil que a das zonas Kuo-Mi-Tang. As únicas dificuldades serão de ordem monetária, mas foram limitadas pela adopção de moedas diferentes para cada região libertada e pelo sistema de contribuições em cereais. As dificuldades da administração revolucionária foram reduzidas com a prática de comícios, nos quais cada contribuinte devia declarar publicamente os seus rendimentos. Implantava-se nas populações um clima moral de honestidade e solidariedade revolucionárias. Se as zonas comunistas não escapavam à inflação, esta nunca atingiu as mesmas proporções das zonas governamentais.

Os comunistas e o Exército popular seguiam uma política adequada às condições concretas de cada local, no que se refere às questões do campo: nas regiões libertadas há muito tempo, tradicionalmente bases de apoio dos comunistas, as terras já tinham sido distribuídas pelos camponeses pobres, e estes constituíam a força social mais importante para o avanço da guerra revolucionária. Nas regiões libertadas há relativamente pouco tempo, seguia-se uma política agrária que apontava na mesma direcção, mas procurava-se uma unidade mais larga com os camponeses médios. Nas regiões acabadas de libertar, anulava-se primeiro a influência dos grandres proprietários e dos camponeses ricos, organizavam-se os pequenos camponeses, e só depois de amadurecidas as condições é que se procedia à reforma agrária, aceite, compreendida e apoiada activamente pelas grandes massas.

O ANO DECISIVO DE 1949

Durante mais de três anos, a partir de 1945, a China viveu uma guerra intensa em que, de um lado, se alinhavam os exércitos de Chiang Kai-Chek, fortemente apoiados pelo imperialismo norte-americano, apostados em exterminar os bandidos» — termo com que designavam os combatentes adversários — e do outro, o Exército Popular de Libertação, apoiado pelas milícias populares civis, dirigido pelo Partido Comunista, e gozando de larga simpatia em quase todos os sectores da população.

As zonas libertadas eram no princípio deste ano de 1949 regiões com administração autónoma, em que todas as forças disponíveis se empenhavam fervorosamente em bater os reaccionários, que caminhavam visivelmente para a derrocada militar e civil.

Na sua Mensagem de Ano Novo, Mao Tsé-Tung, dirigente máximo do Partido Comunista e reconhecido por todo o povo como chefe das forças patrióticas e anti-imperialistas que conduziria a China oprimida à libertação, lança a directiva «Levar a Revolução até ao fim» e prevê a vitória próxima. Chiang Kai-Chek propõe conversações de paz que, como mais tarde se viu, eram apenas um recurso para preservar as suas forças contra-revolucionárias, pois que acaba por se recusar a assinar o Acordo Sobre a Paz Interior.

Em Março, o Partido Comunista expõe os princípios políticos destinados a apressar e a organizar a vitória nacional da Revolução, esta vitória obrigava a deslocar do campo para a cidade o centro do trabalho do partido; definia-se a política fundamental que o partido devia adoptar, depois da vitória, nos domínios político, económico e diplomático; fixavam-se as tarefas gerais e a principal via a seguir para transformar a China, de país agrícola em país industrial, de sociedade de democracia nova em sociedade socialista. Ao mesmo tempo, o Exército Popular de Libertação inicia um avanço geral de envergadura sem precedentes em direcção às vastas regiões a libertar. Em Abril, o Exército força a passagem do Yang-Tsé numa frente de mais de 500 quilómetros de largo, e rompe completamente a linha de defesa do inimigo. A 23 do mesmo mês, as tropas libertam Nanquim, que tinha sido o centro da dominação contra-revolucionária, do Kuo-Mi-Tang durante 22 anos, sendo proclamada a queda do regime reaccionário do Kno-Mi-Tang, e prossegue o avanço para o Sul.

Por esta altura, o Governo norte-americano publica o Livro Branco, sobre as relações do s Estados Unidos com a China, que relata com particular detalhe como, durante os cinco anos transcorridos desde os fins da Guerra de Resistência contra o Japão até 1949, os Estados Unidos prosseguiram uma política de apoio a Tchiang Kai-Chek de combate aos comunistas, lutaram por todos os meios contra o povo chinês e sofreram finalmente a derrota. Assim, nos seus efeitos objectivos, o Livro Branco transformou-se numa confissão do imperialismo norte-americano sobre os seus crimes de agressão contra a China. A 2 de Agosto, face ao fracasso de todos os esforços para impedir a vitória da Revolução popular chinesa, o embaixador norte-americano deixa silenciosamente a China.

Entretando, prepara-se uma conferência de âmbito nacional, em que estarão representados o Partido Comunista da China, os partidos democráticos, as organizações populares, as personalidades democráticas de todos os sectores sociais, as minorias nacionais e os chineses do ultramar. A 21 de Setembro de 1949, a Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, amplamente representativa de todas as forças democráticas, aprova o «Programa Comum», plataforma política que viria a servir de Constituição Provisória após a fundação da nova China, alguns dias mais tarde.

A 1 de Outubro, finalizada a Conferência, Mao Tsé-Tung, em nome de todo o povo chinês, proclama a República Popular da China. Finalmente tinha-se reencontrado a unidade política e territorial perdida desde 1911, e iniciava-se o período de construção da China nova.

Unidade política e territorial à excepção da Formosa, cuja recuperação por parte do Governo popular foi impedida pela intromissão dos Estados Unidos, que dispuseram a 7.ª Esquadra em frente da ilha, protegendo a clique fantoche de Tchiang Kai-Chek.

GRÁFICOS APOIAM "REPÚBLICA"

«O jornal *República*, a Rádio Renascença, pertinazes e heróicos lutadores, estão na linha de tiro dos sociais-burgueses; estes não perdoam o erguer da razão que assiste aos oprimidos, e querem destroçá-los!», acusa a direcção do Sindicato dos Profissionais das Artes Gráficas de Lisboa, ao tornar pública a sua solidariedade e apoio à luta dos trabalhadores daqueles órgãos de Informação. «O momento é de perigo! O facismo, a social-democracia, ambos pretendem esmagar a vanguarda dos lutadores progressistas portugueses!», alertam os gráficos, que denunciam o saneamento à esquerda, a recuperação dos bens que por direito do trabalho pertencem ao povo trabalhador, a «conquista do poder por organizações pseudo-socialistas e sociais-democráticas», o «recuso governamental nas decisões sobre problemas de interesse socialista», a «escalada da Imprensa oportunista e reaccionária», os atentados e perseguições, etc.

RENÚNCIA

Os corpos gerentes recém-eleitos do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio aceitaram a renúncia de um dos seus elementos, Dionísio Pereira Zigue, que não tomou posse «em virtude das graves acusações de que foi alvo durante a campanha eleitoral». Recorde-se que alguns dos elementos eleitos, pertencentes à lista A, tinham sido denunciados pelos trabalhadores da Guérin pelo seu «comprometimento com o patronato». Pela parte que lhe toca, Dionísio Zigue foi acusado de ter praticado «vários desvios na empresa, no valor de dezenas de contos».

Entretanto, a direcção deste Sindicato suspendeu, «até nova convocação, as Assembleia de Delegados e as comissões ou em exercício», invocando necessidades de reestruturação orgânica de associação.

LORIMALHAS EM GREVE

Encontram-se em greve há mais de quinze dias, os 180 trabalhadores da Lorimalhas, fábrica situada em Lirga, a 20 quilómetros de Seia. Motivo imediato: falta de pagamento dos salários relativos a Julho, Agosto e Setembro de 1975, além dos subsídios de férias e de Natal, totalizando 3600 contos. Os trabalhadores (dos quais 120 são mulheres) estão na disposição de levar a luta até ao fim, e apelam para a solidariedade de todos os explorados do País.

CUALTRI: APOIO Á INFORMAÇÃO

Constituiu-se em Coimbra um Comité Unitário de Apoio à Luta dos Trabalhadores Revolucionários da Informação (CUALTRI), que se propõe desenvolver uma campanha de solidariedade para com a luta dos trabalhadores do *República* e da Rádio Renascença, inserindo as suas tarefas «num contexto mais geral da luta dos trabalhadores pelo controlo da produção e emancipação da classe, pela abolição da sociedade capitalista e combate ao imperialismo».

INCENDIÁRIOS NA MARINHA GRANDE

Os trabalhadores da empresa Pedrosas, Ld.ª, na Marinha Grande, denunciaram a tentativa incendiária de que foi seu alvo as instalações da secção de acabamentos da firma, no dia 22. Concluiu-se, após inquérito, que o fogo teve origem numa solução química incendiária, colocada junto de algumas latas de diluente altamente inflamável, por um trabalhador. A tentativa não surtiu efeito, devido à imediata intervenção de «uma corajosa camarada». Vigilância e organização — pedem os trabalhadores, «para que sejam desmascarados os culpados», pondo fim às «manobras da reacção».

MONDOREL: ADMINISTRAÇÃO NÃO CUMPRE

Os trabalhadores da Mondorel acusam a administração da empresa de não dar cumprimento ao novo contrato colectivo de trabalho do sector dos lanifícios, violando assim um acordo estabelecido cinco dias antes. «Continuamos abertos ao diálogo mas, quando damos conta que se procura virar trabalhadores contra trabalhadores, temos que concluir que não podemos por muito tempo suportar todas as manobras e boatos que vêm sendo organizadas contra nós, contra a nossa luta pelo pão, pelo trabalho, pelos nossos filhos», afirmam os trabalhadores.

OS BONS NEGÓCIOS COM O ESTRANGEIRO...

NÓS "EXPORTÁVAMOS" TRABALHADORES E "IMPORTÁVAMOS" ADMINISTRADORES

Também em Portugal existe mão-de-obra estrangeira. Em número pouco significativo. Mas existe. Resta-nos perguntar: quem são os estrangeiros autorizados a trabalhar em Portugal? Qual o seu tipo da actividade? Donde vêm?

Enquanto milhares e milhares de trabalhadores portugueses espalhados pelo Mundo fazem «tudo aquilo que os outros não querem», nós importamos apenas administradores, gerentes e adjuntos; delegados técnicos e financeiros, directores, chefes de serviço e laboratórios; inspectores (técnicos de venda), peritos de economia, finanças e investigação industrial; professores; profissionais de espectáculo; técnicos (assistentes, instrutores, montadores de máquinas e outros equipamentos) e ainda outros classificados como «Diversos».

Em conclusões: nós obrigámos a emigrar milhares de portugueses — a mão-de-obra não qualificada — e estamos a pagar a peso de oiro os técnicos estrangeiros.

Segundo as estatísticas de 1974, a Inglaterra era o país que tinha cá mais administradores, gerentes ou adjuntos. Exactamente 237. Seguia-se a Alemanha com 159, a França com 89, os Estados Unidos com 52. Existem cá mais, muito mais administradores de outros países: 2 dos países africanos, 22 do Brasil, 42 dos países asiáticos, 27 da Bélgica, 20 da Dinamarca, 44 da Holanda, 35 da Itália, 34 da Suécia, 37 da Suiça e 49 de outros países. Isto é, um total de 866 administradores, gerentes e adjuntos. É natural que alguns, já em 1975 tenham «desistido de exercer a profissão em Portugal». A maior parte das actuais administrações são constituidas por portugueses. E trabalhadores.

De directores, chefes de serviço e laboratórios também estávamos «servidos». Claro que falamos sempre em relação ao

ano passado. Nada mais nada menos do que 400. Aqui, a Alemanha troca de lugar com a Inglaterra e coloca-se em primeiro lugar com 90 directores para 77 da Inglaterra. Em terceiro aparece a França com 57, seguida dos Estados Unidos e da França, respectivamente com 24 e 20.

A DESCRIÇÃO DOS E U A

Na estatística de 1974, os Estados Unidos ocupam, de facto, uma posição bastante «discreta». Mesmo surpreendente. Claro que deverá verificar-se um enorme aumento na estatística referente a 1975. Como se sabe, os Estados Unidos, no sentido de auxiliar a «difícil economia portuguesa» enviou para cá técnicos, peritos e «diversos». Da sua competência se verá mais tarde!

Ora vejamos. Das diferentes profissões que começámos por apontar, os E.U.A. só cá têm, num total, 237 pessoas, enquanto a Inglaterra tem 1029, a Alemanha 789, a França 729 e a Itália com 327.

Peritos temos (tínhamos! agora subiu em flecha) 115. Vinte e oito da Inglaterra, 23 da Alemanha, 21 da França e apenas 9 dos Estados Unidos. Os nossos grandes «fornecedores» de mão-de-obra são a Inglaterra, a Alemanha e a França. Por isso se compreende que Harold Wilson, Giscard d'Estaing ou Helmut Schmidt continuem tão interessados em nos auxiliar.

Mas voltemos aos números. Técnicos (assistentes, instrutores e montadores de equipamento) em 1974 eram 1194. So a França mandou-nos 318, a Alemanha 209, Inglaterra 178 e Itália 126.

Quanto aos «diversos», em 1974 tínhamos cá 989. Também aqui os países da Europa Ocidental tinham o domínio absoluto: Inglaterra 188, Alemanha 149 e França 144. Mas agora os «diversos» são em muito maior número. Basta dar uma volta pelos hotéis de Lisboa, tal como escrevia um jornalista dos E.U.A. e ver o número impressionante de «diversos» dos Estados Unidos, do Brasil, etc.

VIERAM PARA FICAR

A esmagadora maioria dos «trabalhadores» estrangeiros em Portugal vieram para ficar. Começam por receber autorização de 6 a 12 meses. Depois pedem a prorrogação. Com estas praias e com este sol cá iam ficando. Com os milhares de trabalhadores (mal pagos) para dirigir e... explorar.

Dos 4513 existentes em Portugal no ano passado, 3822 estavam nestas condições. Aqueles que preferiam ficar eram os administradores, gerentes e adjuntos, 856, os técnicos, 936, os directores 378, os tais «diversos», 775.

Vinham para Portugal. Bem instalados. No Restelo, em Cascais ou no Estoril. Bem alimentados. Bem protegidos. Nós tínhamos e temos os nossos trabalhadores lá fora a viver em barracas, com muitas privações para juntar algum dinheiro. Sem qual tipo de protecção. Separados muitas vezes dos filhos. Quando acabará este intercâmbio?

O APOIO E AS CONTESTAÇÕES À GREVE DOS METALÚRGICOS

A greve dos metalúrgicos continua a levantar celeuma. Apoiada por muitos. Contestada por alguns. Afirmam estes que se trata de uma atitude oportunista nas vésperas das eleições naquele sindicato. Que nos anteriores Governos nunca se tinham preocupado com o contrato. E dizem mais. Que são aqueles que tanto criticaram outras greves, considerando-as «inoportunas» que agora vêm fazer greve. E o apoio da Intersindical também levanta sempre problemas. Quando não apoiou certas greves, «as justas» no entender desses trabalhadores, era imediatamente acusada, de «cupulista», «dirigista» «traidora dos interesses das camadas trabalhado5as», etc. Quando as apoia, caso da hotelaria (ainda estávamos longe do VI e do V Governo Provisório) ou agora com a dos metalúrgicos e dos alentejanos, imediatamente a acusam de «estar ao serviço de não sei quem. Do P. C. P., é verdade!», de estar a fazer o jogo de um partido etc. Resultado: a Intersindical é criticada qualquer que seja a posição que toma.

Esquecem-se aqueles que agora contestam a greve dos alentejanos e dos metalúrgicos que são eles agora a boicotar justas lutas dos trabalhadores. Ou estas não serão justas? Poucos têm tido a coragem de ir tão longe. E no momento em que a direita avança, consideram as greves «inoportunas».

De qualquer maneira não corresponde exactamente à verdade a versão de que a direcção não se preocupou até agora com o contrato dos trabalhadores. Basta-nos um exemplo: em 5 de Abril de 1975, a direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa convocou uma assembleia geral de trabalhadores para o Pavilhão dos Desportos. Milhares de trabalhadores metalúrgicos deslocaram-se ali. Primeiro ponto da ordem de trabalhos: discussão do contrato. Pois um requerimento fez com que esse ponto da ordem de trabalhos passasse para último lugar. Isto, perante os protestos da direcção é de uma certa parte dos trabalhadores. Aqueles que lá estiveram estão recordados. Quem não estava interessado em discutir o contrato? Em 5 de Abril de 1975?

APOIOS E CONTESTAÇÕES

«Operários e empregados da firma Luis Pedro Mendonça, solidários com a justa luta da nossa classe, informam que cumpriram a sua obrigação parando totalmente das 10 às 11 horas» — este é um dos muitos comunicados que recebemos. Idêntica posição por parte dos trabalhadores metalúrgicos da firma de limas União Tomé Féteira de Vieira de Leiria, da Metalúrgica da Siderurgia Nacional, da Mague, da construtora Moderna, S. A. R. L., da Celgat, da Corame, da M. E. C. — Fábrica de Aparelhagem Industrial Lda., DOPOVO — Cooperativa de Produção Metalomecânica S. C. A. R. L., da oficina de reparações mecânicas e têxteis da Cuf, da Moali ou da António Alves e Sucessor. Isto a juntar-se às dezenas que já divulgámos.

Entretanto, numa moção aprovada em plenário de trabalhadores da MESSA foi decidido «Sim à greve! Não ao oportunismo!». Perguntam concretamente: «Porque dizemos que há oportunismo na sua convocação? Onde esteve este «espírito revolucionário» dos dirigentes sindicais, durante os outros cinco Governos provisórios burgueses», «Onde estavam eles quando a classe operária lançou mão de centenas de lutas com o objectivo de diminuir a sua exploração» e «Porquê esta greve em vésperas de eleições para o Sindicato?».

Depois de afirmarem que os dirigentes sindicais «estavam nos gabinetes a estudar a melhor forma de furar as greves (algumas, claro)», conclui-se no comunicado: «Agora que o fim desta comissão directiva fantoche está próximo, há a todo o custo que limpar e apagar da mente da classe metalúrgica, todo o rol de punhaladas pelas costas que lhe deram».

Quem se encarregará, no futuro, das outras?

Nacional

Não, esta senhora não procura um «emblema da nossa avozinha». Troca apenas de emblema, porque o primeiro se quebrou

O E.L.P. NO ROSSIO

"TEM O EMBLEMA DA NOSSA AVÓZINHA?"

Texto de JÚLIO RODRIGUES
Foto de RUI PACHECO

. «Claro que não sou do E.L.P., nem conheço ninguém desses tipos. benza-me Deus!», com medo e sinceridade (porque não?), foram palavras que um vendedor ambulante de emblemas assentou ao repórter. «Mas vendo emblemas do E.L.P., porque há clientes para eles, e porque, também, aqui há dias, me apareceu um fabricante a propor-me boas condições para isso».

E isso: metade das pessoas que diariamente circulam no Rossio não ignoram que os vendedores ambulantes de aparentes frivolidades guardam ciosamente emblemas do E.L.P. Emblemas que têm relativa procura.

«Na maioria dos casos, o indivíduo que procura um emblema dessa organização (o nosso interlocutor considerara que se tratava de um partido e, ao lado, alguém corrigiu para organização fascista, inimiga da paz e dos trabalhadores) é para colecção. Ou «emendou de pronto o homem da banca que é de um lugar «para cima do Porto», «para alguém que tem todos os emblemas menos o do E.L.P.».

O vendedor desconhecia que existia o M.D.L.P., que relacionâmos com uma entrevista («Não, nunca ouvi falar que tivessem sido entrevistados», confessou-nos, «e como não sei ler...») que muita tinta derramou e espaço desnecessàriamente encheu, mas estava ao corrente de bombas que têm explodido. E, aí, irrompeu: «São uns assassinos!».

«Não, não tenho medo de os vender, porque as pessoas sabem que eu não posso tolerar o E.L.P. Tenho cara de trabalhador, de quem poucas horas dorme por dia porque tenho filhos para sustentar». Acrescentou. «E não pensem que é disto que vendo. Quando muito, completo aqui o meu ordenado para viver melhor, sem viver desafogado».

DE GRAVATA E CHARUTO

Há alguma expressão própria ou senha particular para o cliente interessado se «identificar» ou merecer uma resposta concreta quando procura uma «marca» do E. L. P.?

. «Claro que há», retorquiu-nos de pronto quando lhe pusemos a questão. «Mas eu, sinceramente, nem sei quem terá inventado a senha. Sei que um dia se abeirou da minha banca um homem, bem vestido, a fumar charuto, e me perguntou: — Tem aí o emblema da nossa avozinha?».

Dois minutos de reflexão para concatenar ideias: «Creio que lhe respondi que não percebia, o homem ficou intrigado e confuso, mas não desistiu e explicou-me. E eu, então, fiquei a saber. Nessa altura, não tinha. Dois dias depois, um outro homem, nas mesmas condições, mas sem charuto e vestido como nós, queria saber se eu tinha emblemas. A resposta», prosseguiu, «foi a mesma e o homem prometeu voltar».

E retornou. Para propor condições e oferecer-me emblemas em doses industriais, que o vendedor recusou. «Não, não podia aceitar muitos emblemas, até porque não sabia se os vendia facilmente. Alguns dos meus camaradas de profissão já tinham feito negócio».

Não são os emblemas do E. L. P., no Rossio, que mais se vendem. O nosso interlocutor referiu-no-lo e, durante cerca de meia hora, pudemos verificar que não era mentira. Os partidos que integram a F. U. R., o P. C. P. e a U. D. P. são os mais procurados. Estão expostos, o que não acontece com os do E. L. P., que se encontram escondidos.

«Sabe, é que nem todas as pessoas compreendem que nós temos de viver, e se não estivessem na gaveta corríamos o risco de ver a banca voar.».

UM FABRICANTE DE DOIS EM DOIS DIAS

Está a concluir Germânicas e também montou banca no Rossio. É, também, do Norte, encontrando-se em Lisboa depois que se candidatou na Faculdade de Letras, àquele curso. Recusou-nos a identificação por outras questões que não o E.L.P.

«Isto não tem nada de especial», começou por dizer-nos. «Temos quatro ou cinco emblemas, perguntam-nos pela avozinha, e nós vendemo-la. É assim todos os dias, quatro ou cinco vezes».

«De dois em dois dias temos o fabricante à porta, aqui, que procura saber se ainda temos emblemas, se ainda queremos continuar com o negócio e, na afirmativa, toma notas, regista a encomenda e vai-se. Portanto, nada de especial».«Não, nunca pretendemos saber quem ele era», respondeu assim a questão adrede que lhe pusemos., «mas estou plenamente seguro que nada tem a ver com o E. L. P. Deve ser um fabricante qualquer, artesanal ou aperfeiçoado, que impinge o seu produto e que nós vendemos como outro qualquer».

De dois em dois dias, os vendedores dando crédito às informações prestadas, encomendam entre duas a três dezenas de «unidades». Dizer que diariamente saem quatro da sua gaveta não é verdade. Eles próprios o reconheceram: vendem de 10 a 15, mas parece que o negócio está a decair. «No Verão, com os turistas, foi bom. Agora, a coisa vai-se processando com mais dificuldade».

Um e outro garantiram que não vendem mais que um a cada candidato. No entanto, não poucas vezes há clientes que se procuram abastecer com 20 e 30. «Mas nós», rematou, «não fomentamos a reacção».

Comemorações do 5 de Outubro

. . A fim de comemorar a passagem do 65.º aniversário da implantação da República em Portugal, os Centros Escolares Republicanos promovem, no dia 5 de Outubro, às 10 horas, uma romagem aos túmulos dos almirantes Cândido dos Reis e Machado dos Santos e de Miguel Bombarda, Elias Garcia, António José de Almeida e «Vítimas da Revolução», no cemitério do Alto de S. João.

Terminada a romagem seguirão para a Câmara Municipal, onde assistirão ao hastear da bandeira nacional.

Aniversário da morte do padre Cruz

Em comemoração de mais um aniversário da morte do padre Cruz, será celebrada no dia 1 de Outubro missa de sufrágio, na capela do cemitério de Benfica. Durante todo o dia, estará aberto o jazigo onde repousam os restos mortais daquele sacerdote.

LUÍS ROMANO AO "DL"

CABO V PEDE DI EM TRO

Luís Romano, autor de «Negrume», «Famintos» e outros livros que desempenharam um papel importante no despertar da consciência da gente de Cabo Verde está em Lisboa, de passagem para a América do Sul. É um homem alto, dotado de um sorriso imenso que parece abarcar o Mundo e as pessoas. Quando se ri — e ri-se com frequência — o seu riso enche a casa e comunica-se a quem está com ele.

Quem o ouve é levado a pensar que este autor vive em função do arquipélago em que nasceu e que justificou a sua obra, porque Luís Romano vive os problemas de Cabo Verde com um amor e uma ternura que chega a impressionar. Ouvindo-o, é-se tentado a corrigir as enciclopédias e os manuais de Geografia e a afirmar que o arquipélago de Cabo Verde é formado pelas ilhas de Santo Antão, S. Vicente, de Santa Luzia, de S. Nicolau, do Sal, da Boavista, de Santiago, do Fogo, da Brava e de Luís Romano, para não falarmos das ilhas menores.

Como não podia deixar de ser, o «Diário de Lisboa» quis ouvir este escritor que tem tantas facetas desconhecidas do grande público e tanta coisa a dizer.

Trouxemo-lo a custo à Redacção. A custo, porque Luís Romano não é homem que se prenda ou que esteja muito tempo sentado.

D.L.: Luís Romano, tu és conhecido, sobretudo, como escritor — poucas pessoas saberão que és um técnico industrial de cotação internacional. A tua vinda a Lisboa relaciona-se com a tua actividade literária ou com a tua vida profissional?

Luís Romano: A minha presença é ambivalente. Como escritor, venho tratar da edição de um livro novo, fruto de recolhas efectuadas durante esta minha presença de seis meses em Cabo Verde. Julgo tratar-se da primeira obra do género...

D.L.: Título?

. **Luís Romano:** Intitula-se «Nós voz». Antologia africana de expressão cabo-verdiana. Julgo, como disse, que é a primeira antologia do género.

D.L.: E como técnico?

. **Luís Romano:** Como técnico venho trazer boas notícias aos meus conterrâneos. Antes de mais venho dizer-lhes que a nossa terra está verde e que em algumas ilhas a colheita está praticamente garantida. Aparte isso, venho dizer-lhes que estamos a elaborar projectos industriais que nos permitirão aproveitar a potencialidade natural das ilhas do Sal, da Boavista e de Maio. Tudo isto quer dizer que já temos certezas para o futuro.

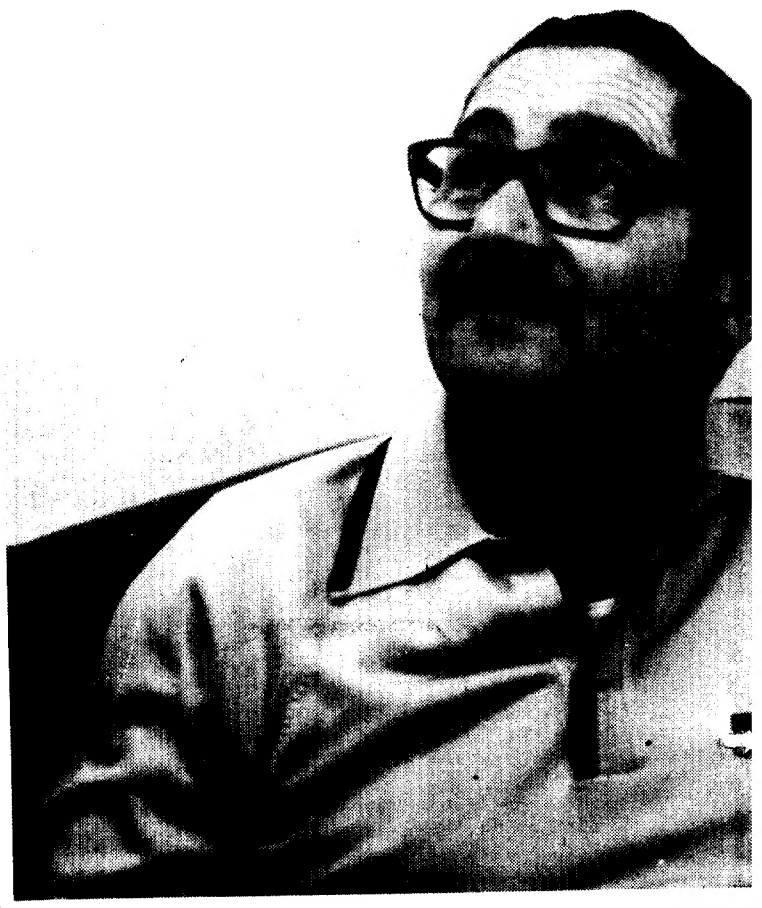
D.L.: Vens apenas trazer notícias?

Luís Romano: Não. Também venho falar aos meus irmãos cabo-verdianos. Primeiro aos de cá, e depois, aos de outros países.

D.L.: Para onde segues daqui?

Luís Romano: Sigo em serviço oficial para o Brasil e para a Argentina.

D.L.: A julgar pelo que dizes,



ERDE
NHEIRO
CA DE ESPERANÇA

ns em serviço noticioso, já
e vens dar notícias da
uva...

is Romano: Não, de forma
uma! Venho, sobretudo,
um apelo, ou melhor, uma
de conferências e de ex-
ões itinerantes sobre a
ão actual da minha ter-
ueremos esclarecer os ca-
erdianos e pô-los a par do
está a acontecer, e do que
para acontecer na sua ter-
ara lhes fazermos um ape-
e consiste em pedir a todo
le que se honra de ser fi-
das ilhas de Cabo Verde
investir um dia de traba-
or mês no futuro do novo

Em termos práticos, como
que isso se vai concreti-
?

is Romano: Cada um de-
ará num banco aquilo de
uder dispor, à ordem do
stério da Economia da Re-
ica de Cabo Verde e irá
endo títulos de dívida
ica correspondentes aos
sitos que for efectuando.
cabo-verdiano se transfor-
, assim, num investidor
acredita no futuro da sua

.: E não só!

Luís Romano: E não só, por-
e estará também a assegu-
a velhice.

.: No fundo trata-se de uma
issão de obrigações que...

Luís Romano:... que, neste
mento, se revestirá de um
ácter patriótico...

.: Quantos cabo-verdianos
haverá por esse Mundo fo-
ra?

Luís Romano: Creio que, pe-
menos, meio milhão, incluin-
do os que se fixaram definitiva-
mente no estrangeiro. Bastará
que metade corresponda ao
nosso apelo para que dentro
de cinco anos, Cabo Verde
atinja a sua auto-suficiência
graças à técnica e se liberte
da angústia cíclica das chuvas
que nos atormentam.

D.L.: E se eles não corresponderem à esperança que tu depositas no projecto?

. **Luís Romano:** Só os renegados é que não escutam a voz da terra. Os verdadeiros filhos sabem que a terra também é sua mãe. Tenho a maior esperança no resultado da iniciativa.

D.L.: E datas? Tens alguma data para o arranque do projecto?

. **Luís Romano:** O nosso presidente da República e o seu Conselho de Ministros estão empenhados na iniciativa, de forma que prevejo o seu arranque para breve. Já está tudo a ser organizado para esse efeito.

D.L.: Tens por missão, portanto, conquistar a adesão dos teus conterrâneos...

Luís Romano: Exactamente. O resto já não depende de mim, mas dos serviços competentes, que são os dos Ministérios das Finanças e da Economia.

D.L.: Porquê a Argentina?

. **Luís Romano:** Porque há, em Buenos Aires, um núcleo de pelo menos 15 000 cabo-verdianos que me nomearam sócio honorário e que têm insistido para que eu lá vá. Aproveito a ocasião para lhes agradecer a honra que me conferiram e para explicar a ideia.

D.L.: Juntas o útil à tua terra ao agradável para ti...

Luís Romano: Depois vou ao Rio.

D.L.: Quantos cabo-verdianos haverá no Rio?

. **Luís Romano:** Creio que haverá 50 000 na América Latina, dos quais 25 000 estarão no Brasil.

D.L.: Tu estiveste muito tempo no Brasil, não estiveste?

. **Luís Romano:** Cerca de 15 anos.

D. L.: Lançado projecto, ficas em Cabo Verde ou voltas para o Rio?

Luís Romano: Eu não estou apenas envolvido neste projecto. Faço parte do gabinete do Ministério da Economia, e quando terminar esta missão continuarei, como sempre, às ordens do meu Governo.

D.L.: Essas actividades todas não prejudicam a tua vida de escritor?

. **Luís Romano:** Todo o escritor tem uma natureza atormentada e quando a sente larga tudo para ir escrever. Há trinta anos que venho conseguindo ser técnico durante o dia e evadir-me à noite, empunhando a pena.

D.L.: Que estás a escrever agora?

. **Luís Romano:** Estou a acabar «Contravento», um livro que terá cerca de mil páginas e que será como que um prontuário literário cabo-verdiano. Durante estes seis meses compilei a antologia de que falámos, e, além disso, fiz algumas recolhas etnográficas sobre as danças características de Santiago e sobre a cachupa, nosso prato regional, e que é, para mim, fruto de uma liturgia respeitante ao milho. Como sabes, o «badio» da ilha de Santiago é um filósofo natural que tem um manancial muito rico de conceitos que só ele conhece.

D.L.: Mas consta que também escreveste umas peças de teatro e que contribuiste para antologias a editar pelo Ministério da Educação e Cultura...

Luís Romano: Com efeito, cooperei com os grupos interessados em compilar novos livros de leitura para a moderna instrução cabo-verdiana e escrevi quatro peças de teatro que foram encenadas na ilha do Fogo e que estão a ser preparadas para serem divulgadas em Santiago, na Brava, em Itália, na Holanda e noutros países em que há núcleos cabo-verdianos. Além disso, estão a ser publicados na «Terra Nova».

D.L.: Para rematar: como está Cabo Verde, agora que chove?

Luís Romano: Do ponto de vista governamental, defino a posição em três palavras: certeza, sobriedade e trabalho. Do ponto de vista pessoal, só posso dizer que trago nos olhos um tapete de verdura, na alma a alegria do Povo e, nos ouvidos, o cantar dos pássaros. Tudo isto porque choveu e, como sabes, somos comedores de milho e adoradores da chuva...

EXTERNATO GIL VICENTE
PREPARATÓRIO E LICEAL
MAIORES DE 14 ANOS NUM ANO
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS
AMBIENTE SOSSEGADO • PROFESSORES EXPERIENTES • MENSALIDADES ACESSÍVEIS
INSCRIÇÕES LIMITADAS

A OCUPAÇÃO DA RÁDIO

. Cerca das 8 horas desta manhã forças militares ocuparam as principais estações emissoras do nosso país: a Emissora Nacional por pára-quedistas, o Rádio Clube Português pelo Trem Auto, a Rádio Renascença pelo C. I. A. C. de Cascais e a RTP pela E. P. A. M.

Foi somente alguns minutos depois que o público deu conta desta ocupação, através da leitura de um comunicado emanado da Presidência da República e que justificava a acção nos momentos particularmente difíceis que o País vinha a atravessar e também para salvaguardar a não manipulação da Informação.

Na Emissora Nacional um grupo de trabalhadores entrou em negociações com o tenente que comandava a força ocupante, reunindo-se de imediato todos os trabalhadores para decidirem qual a atitude a tomar. Uma coisa parecia no entanto certa: não permitir a orientação da programação por parte das forças militares.

No Rádio Clube Português toda a efervescência do momento trespassou dos estúdios para os ouvintes: no noticiário das 9 horas o locutor de serviço fez a leitura do já citado comunicado da Presidência da República, preenchendo assim todo o boletim informativo. Depois, a música sinfónica alternou com hinos revolucionários. Às 10 horas da manhã o «slogan» criado depois do 25 de Abril («Emissora da Liberdade») foi substituído pela frase «ocupado pela força militar» sendo o boletim informativo uma vez mais preenchido com a leitura do comunicado da P. R. Depoois não foi transmitido o programa Talismã que é de produção independente.

Entretanto os trabalhadores em serviço nos estúdios reuniam-se em plenário: admitia-se como mais provável o fecho puro e simples da estação como forma de protesto a uma possivel censura provocada pela ocupação. No entanto, às 10 e 25, as trombetas soaram e um novo comunicado foi lido: já que o comunicado da P. R. não vinha autenticado, os trabalhadores decidiam ignorá-lo pura e simplesmente. Nessa ordem de ideias se a estação silenciasse os ouvintes poderiam interpretar a situação como uma tomada de força por parte dos militares ocupantes.

Na Rádio Renascença a programação passou a ser preenchida apenas com música sinfónica.

Entretanto na Radiotelevisão Portuguesa a situação é quase anedótica: dado que o primeiro boletim informativo da RTP apenas será transmitido logo ao fim da tarde, tropas da Escola Prática de Administração Militar «ocuparam» a entrada das instalações cerca das 8 horas da manhã, mantendo-se inactivas, sem travarem conversações com ninguém. Os jornalistas do Telejornal estão a trabalhar normalmente, sabe-dores, no entanto, que não há ninguém da administração nas instalações.

À hora de fecharmos esta edição poder-se-á dizer que a Televisão está apenas guardada pelas tropas da Escola Prática de Administração Militar...

TENSÃO E EXPECTATIVA EM S. BENTO E NA E.N.

Eram muitas as pessoas que ao fim da manhã se apinhavam defronte das instalações da Emissora Nacional, dialogando com os soldados da companhia de pára-quedistas de Tancos que ali se encontravam desde o princípio da manhã. Proibir comunicados dos mutilados era o objectivo.

Enquanto isso, os autocarros da «Carris» que ontem impediam os acessos à porta principal do Palácio de S. Bento foram retirados por necessidade — que os mutilados acataram — para circulação. Em seu lugar foram colocados dispositivos metálicos para o mesmo efeito. Estava posta de parte a hipótese, ao fim da manhã, dos deficientes tentarem boicotar a sessão de hoje da Assembleia Constituinte. Não somos provocadores», confidenciou-nos um deles, de Santo Tirso, «e só queremos que se faça justiça e se olhe para nós, para a nossa incapacidade».

Três dos pesados da «Carris» com os pneus furados, obstruem a entrada no largo fronteiro ao Palácio, e um outro, colocado na porta principal da residência do Primeiro-Ministro, impede que qualquer viatura entre ou saia no e do local.

Forças da G.N.R. foram enviadas para os sítios «quentes» e imediações daquele Palácio, onde ainda se encontram, ao mesmo tempo que populares e alguns soldados conferenciavam. Os mutilados, alguns dos quais sem dormir há dois dias, demonstravam um ar de cansaço, mas continuavam firmes, ali, na sua luta. Firmes, também, estavam os populares, em número superior a cinco centenas, defronte da E.N., dispostos, como nos dizia um deles, a «não deixar que se cometam erros como no 11 de Março».

Já avisamos os soldados — referiu-nos — que para aqui tinham vindo ao engano».

EMIGRAÇÃO PARA O CANADÁ

. TORONTO (CANADÁ), 26 — O ministro canadiano da Imigração, Robert Andras, recebeu um pedido da Comissão de Ajuda aos Refugiados Portugueses para que atenue as restrições à imigração, a fim de permitir a entrada no Canadá a 10 000 refugiados de Angola.

O secretário da Comissão de Refugiados de Toronto disse que dois membros da organização se encontram em Lisboa a fim de determinarem qual a ajuda necessária (AP/ANOP).

TROCO
os seus móveis usados por modernos ou de qualquer estilo. Grande variedade em exposição e fabricamos por desenhos. Facilidades de pagamento.
ARTIS
Rua Maria Andrade, 64
T. 848719
(Perto Igreja dos Anjos)

QUADROS A ÓLEO
Assim como estatuetas, bibelots e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL, Av. República, 12 (junto estação metro Saldanha).

Estrangeiro

A NOVA ORDEM ECONÓMICA INTERNACIONAL

MAIS UM LOGRO NAS RELAÇÕES ENTRE PAÍSES RICOS E POBRES

Por GUNNAR MYRDAL
(in "Sweden Now")

Há que revolucionar totalmente um mundo, onde esta realidade coexiste com a da opulência e do esbanjamento

A «qualidade» do auxílio tem-se vindo a deteriorar sob vários pontos de vista. Os números estatísticos e orçamentais relativos ao auxílio têm sido oportunisticamente falseados pelo Governo dos EUA e, em menor medida, pela maioria dos outros Governos ocidentais, a medida que se foram tornando maiores fornecedores de auxílio. Fazendo análises a partir desses números, foi-se prosseguindo a falsificação, que recebeu a cobertura da Comissão de Assistência ao Desenvolvimento da OCDE, a organização de todos os países desenvolvidos não comunistas.

A errada interpretação dos factos tem sido mais notória no tocante àquilo que a Comissão denomina de «fluxos líquidos» de capitais privados para os países subdesenvolvidos, em cujos cálculos não se entra em linha de conta com os lucros dos investimentos estrangeiros nem com os movimentos de capitais, que tantas vezes constituem autênticas fugas de capitais.

Mas mesmo os «fluxos públicos» do auxílio propriamente dito são sistematicamente falseados, a fim de se ocultar a tendência para a baixa. Muitas vezes utilizam-se os números sem descontar os efeitos das altas de preços. Os empréstimos, que, durante os anos 60, substituiram continuamente os subsídios, foram reconhecidos como auxílio. O «auxílio ligado» para as exportações (i. e., os empréstimos que o país vendedor concede ao país comprador para este lhe adquirir determinados bens), que, pouco a pouco, se erigiu em regra geral em quase todos os países ocidentais, implica custos de importação muito elevados para os países subdesenvolvidos. Por outro lado, entradas de auxílio militar são muitas vezes introduzidas nos cálculos como auxílio ao desenvolvimento.

Apesar destas manipulações das estatísticas de auxílio serem facilmente detectadas e de o seu oportunismo já ter sido por várias vezes denunciado, o certo é que funcionários, políticos e jornalistas de todo o mundo citam e utilizam tais números, sem os sujeitarem à mínima correcção. Também são utilizados do mesmo modo acrítico pelos delegados e secretariados das organizações intergovernamentais. São usualmente aceites até mesmo por representantes de países subdesenvolvidos e por gente que, nos países desenvolvidos, defende o aumento do auxílio.

MOTIVAÇÕES DO AUXÍLIO

A falta de zelo que parte dos economistas profissionais demonstra na análise dos números estatísticos sobre o auxílio deixa-me perplexo. Como perplexo me deixa a utilização frequentemente acrítica que eles fazem de muitas outras estatísticas referentes aos países subdesenvolvidos, e bem assim a maneira como aceitam uma terminologia diplomaticamente adoçada. Mas o que fundamentalmente me espanta é o facto de utilizarem sistemas de conceitos analíticos inadequados à situação nos países subdesenvolvidos.

A crua nudez da verdade é que o auxílio no sentido real da palavra é baixo e, antes deste momento de emergência, tendia a ser cada vez menor.

Nos EUA, onde o auxílio aos países subdesenvolvidos tem sido continuamente apresentado como sendo do maior interesse para os próprios EUA (interesse cada vez mais ligado a esfera militar; diga-se de passagem), a ajuda ao estrangeiro tem vindo a perder o favor da opinião pública.

Nalguns países desenvolvidos, mais pequenos, onde o auxílio tem vindo a ser aumentado e continua em aumento — e também onde o auxílio é geralmente explicado em termos mais correctos — os argumentos do «interesse nacional» têm estado inteiramente ausentes ou então pouco relevo têm tido.

A Suécia, cujo Governo tem aumentado o seu auxílio em vinte e cinco por cento por ano, é um desses casos. Nenhuma das motivações nacionalistas para o auxílio, que têm sido apontadas nos EUA, e, em menor medida, nos seus principais aliados da Europa Ocidental, teriam alguma credibilidade, se fossem apresentadas ao povo sueco.

O auxílio tem sido apresentado aos suecos em termos de solidariedade humana e compaixão para com os necessitados. A situação é idêntica nos outros países escandinavos, e, por exemplo na Holanda e no Canadá.

A minha teoria é a de que os egoístas interesses nacionais que tantas vezes têm vindo a redundar em dramáticas consequências, não são convincentes para os cidadãos comuns, que, no nosso tipo de países, determinam, ao longo dos anos, o curso da política. Mas uma motivação em termos, digamos, normais, torna-se muito mais eficaz. Quando, nos EUA, o público em geral parece maciçamente indiferente ao auxílio estrangeiro, isso pode dever-se, como um autor americano afirmou já, ao facto de o apelo não ter sido dirigido ao humanitarismo e à decência fundamental do americano vulgar. Não posso acreditar que os americanos sejam menos caritativos que os suecos.

AUXÍLIO INSUFICIENTE

O tipo de auxílio estrangeiro marginal que temos dado é claramente insuficiente para satisfazer as necessidades prementes dos países subdesenvolvidos. Por isso, estes estão agora a proclamar a necessidade não só de aumentar esse auxílio, mas também de proceder a alterações fundamentais nas relações económicas internacionais. Dada a maioria de votos de que gozam, eles podem conseguir a aprovação nas Nações Unidas de resoluções como a da «Declaração sobre o estabelecimento de uma nova ordem económica internacional», publicada na conclusão da sessão especial da Assembleia Geral das Nações Unidas, que reuniu em Abril passado para estudo da situação de emergência.

Delegados do grupo de países mais pequenos, que em épocas anteriores manifestaram mais simpatia pelas necessidades dos países subdesenvolvidos e que mantiveram ou aumentaram mesmo o seu modesto auxílio, têm muitas vezes votada a favor de declarações mais gerais, embora não obrigatórias. E por vezes têm exprimido acordo com as exigências radicais de uma nova ordem internacional, que logicamente implicará uma interferência na sua quota parta dos recursos mundiais. Nesses momentos decerto terão falado e votado sem grande sinceridade, pois não podem ignorar o facto de as nações por eles representadas não estarem preparadas para desistirem dos seus privilégios, pelo menos numa escala comensurável com as suas promessas gerais.

No seu conjunto, os países subdesenvolvidos têm evitado criticar os países da OPEP (Organização de Países Produtores de Petróleo). Terão, ao que parece, pressentido uma nova força e admirado como um fenómeno novo a autoridade e unidade com que os países da OPEP conduzem as suas negociações com as companhias petrolíferas estrangeiras e os países desenvolvidos. Aquele reduzido número de países subdesenvolvidos que exportam cobre, bauxite e estanho e mesmo os que exportam borracha, açúcar, coca e café viram novas oportunidades, e, por algum tempo, puderam alimentar esperanças devido ao **boom** das matérias primas, que se verificou até há cerca de um ano.

Mas os outros países subdesenvolvidos exportadores de outros bens não conseguirão provavelmente seguir esse padrão em considerável medida. De qualquer modo, eles — como aliás os países exportadores de petróleo — representam apenas uma pequena parte dos povos que vivem em países subdesenvolvidos. No seu conjunto, e salvo excepções evidentes, o mundo subdesenvolvido dispõe de muito menos recursos exportáveis deste tipo do que os países ricos dispuseram, para o seu desenvolvimento, ou dispõem hoje ainda.

A CRISE DO PETRÓLEO E A CRISE ALIMENTAR

Por acidente histórico, a crise petrolífera surgiu complementada com a crise alimentar.

Se a presente crise alimentar aguda foi causada por imprevistos, de última hora, como secas e inundações e aumento dos preços dos fertilizantes, a razão para a ansiedade em relação ao futuro mais longínquo decide, antes do mais, na contínua explosão demográfica. A India, que foi pioneira nas tentativas de planear os nascimentos, tem agora um aumento populacional de mais de 12 milhões por ano, o que representa uma média de cerca de 20 por mil de crescimento demográfico anual.

Uma condição para o êxito é que os casais individuais possam sentir que estão viver numa sociedade dinâmica, que lhes oferece oportunidade de avançarem social e economicamente. Não é tanto o nível de vida como tal que interessa, mas sim o facto de ele estar ou não a subir. Uma comparação entre o êxito relativo ou o malogro da política de planeamento familiar nos diferentes países subdesenvolvidos confirmam largamente esta teoria.

Nesta situação há decerto razões morais e sociais para uma nova ordem internacional, e, para começar, motivos que justifiquem um auxílio substancialmente mais volumoso. Os habitantes dos países ricos deviam ser colocados ante o desafio de diminuir o seu esbanjamento de produtos alimentares. Calcula-se que se o americano médio reduzisse em 10 por cento o seu consumo de carne de porco, de vaca e galinha poderiam poupar-se anualmente 12 milhões de toneladas de cereais. Isto traduzir-se-ia na possibilidade de aumentar consideravelmente o auxílio alimentar, salvando-se talvez da morte pela fome cinco vezes mais milhões de pessoas do que as toneladas de alimentos fornecidas. Esta redução do consumo da carne seria do interesse racional do povo americano e ficaria a um nível muito superior ainda ao que a Associação Americana de Coração recomenda por motivos de saúde: um terço do consumo presente. O colossal desperdício do superconsumo resulta em superalimentação. O mesmo podera dizer-se em maior ou menor medida acerca de todos os países desenvolvidos.

Como tem sido amplamente demonstrado, a redução do consumo e da produção para consumo interno de muitos outros bens, além dos alimentares, e em todos os países desenvolvidos é racional e é do nosso próprio interesse. A discussão sobre a «qualidade de vida» gira precisamente à volta destas questões. O nosso crescimento económico em sentido verdadeiro podia continuar, mas devia ser dirigido noutra direcção, e de uma maneira planificada, de modo a servir o nosso real interesse por uma vida melhor. Ao mesmo tempo, libertaria recursos para auxiliar os países subdesenvolvidos em muito maior escala e para começarmos a resolver a crise aguda de alimentação.

UM PLANEAMENTO ECONÓMICO

Tenho profunda simpatia pelos apelos dos médicos, ecólogos e outros colegas das ciências naturais, que falam da racionalidade em nosso próprio interesse, individual, e, mais ainda colectivo, de uma vida muito mais frugal no que respeita ao consumo e à produção interna para o consumo de muitos produtos. Aquilo que eu sinceramente pretendo está de acordo com o nosso bem estar e com os nossos proclamados ideais.

O planeamento económico real devia ser feito nestes termos racionais. Tal planeamento podeia ajudar-nos a ter maior êxito na solução dos problemas de igualdade interna, e, ao mesmo tempo, proporcionaria muito maior auxílio ao desenvolvimento dos países subdesenvolvidos. Em primeiro lugar, podia evitar o sério risco de desastres humanos para a maioria das pessoas mais pobres desses países. **A verdade nua e crua é a de que sem uma alteração muito radical nos padrões de consumo dos países ricos, qualquer conversa piedosa sobre uma nova ordem económica é uma fraude.**

Na tradição da civilização ocidental estamos muito bem treinados para combinarmos um comportamento de baixo nível com elevados ideais.

Na nossa sociedade competitiva, as pessoas estão sempre a ser pressionadas no sentido de praticarem o mesmo tipo de consumo. O «marketing» comercial não actua evidentemente no sentido de conferir maior racionalidade à discussão das nossas exigências de consumo.

Os nossos políticos, de todos os partidos, agarram-se ao inadequado conceito de «crescimento» que se concretiza no produto nacional bruto ou num dos seus derivativos. Nós, economistas, porque não analisámos mais intensamente este conceito espúrio, mesmo em sentido estatístico, e porque utilizámos normalmente este «crescimento» sem qualquer espírito crítico como uma premissa de valor nas discussões de política económica, temos infelizmente contribuído para restringir o horizonte mental dos políticos e dos cidadãos comuns.

Segundo as presentes estimativas, dez milhões de pessoas poderão morrer de fome este ano, e, pelo menos, meio bilião estão à beira da morte por inanição. É contra o pano de fundo de expectativas de catástrofe mundiais s que, em termos morais, devem ser consideradas as atitudes dos países desenvolvidos.

Além do problema da igualdade internacional, exite ainda um, nacional.

As elites governativas em praticamente todos os países subdesenvolvidos têm-se proclamado em termos gerais a favor de maior igualdade e, em especial, do aumento do nível de vida das massas pobres. Mas na maioria desses países, a tendência teal é para uma maior desigualdade.

Poderia talvez esperar-se que nos países desenvolvidos houvesse grande interesse em apontar para estes problemas e em pressionar os Governos subdesenvolvidos no sentido de estes procederem a reformas. Todos eles estão de acordo com os ideais ocidentais de há muito estabelecidos. Devido a um certo número de razões, o inverso é que acontece. Todas as negociações governamentais com os países subdesenvolvidos, mesmo as referentes ao auxílio, têm de ser travadas com as elites dirigentes. O mesmo se passa nas relações comerciais. E, assim, geralmente, os países desenvolvidos acabam por fortalecer e apoiar os grupos que impedem as necessárias reformas essenciais ou que as subvertem, favorecendo as camadas menos pobres e, preservando, desse modo, a desigualdade social e a estrutura económica.

A nova ordem económica mundial, pressionada pelos países subdesenvolvidos e aceita, como proposta geral, pelas pessoas de boa vontade dos países desenvolvidos — pessoas que por vezes representam os próprios Governos desses países — está a transformar-se numa nova fórmula convencional.

COMENTÁRIO

EM VEZ DE REVOLUÇÃO O CHÁ DE CARIDADE

Que o capitalismo está em crise — é uma verdade que ninguém, nem mesmo os seus mais acérrimos defensores, ousa hoje pôr em dúvida. Há tempos, a revista norte-americana «Time» fez uma capa que, em si mesma, é já uma confissão: acompanhando a imagem de Adam Smith, uma legenda título: «Poderá o capitalismo sobreviver?». No interior da revista, a «cover story» fazia uma história do capitalismo, apontava as dificuldades actuais e terminava com uma resposta à pergunta da capa: «Sim, o capitalismo pode sobreviver». Eis uma profissão de fé, perfeitamente natural num órgão de imprensa como aquele. Mas, quando um crente pergunta se Deus existe, não estará já a pôr em dúvida a sua existência?

. O artigo que hoje publicamos, da autoria do célebre economista sueco, Gunnar Myrdal, aponta exactamente uma das contradições básicas do capitalismo internacional: as suas relações com os países tradicionalmente adstritos ao papel de fornecedores de matérias-primas. Trata-se de um artigo que é preciso ler com espírito crítico. Se bem repararmos, Gunnar Myrdal tem plena consciência da crise que afecta o sistema de relações de produção característico do mundo ocidental. Mas, descrevendo a crise, apontando o absurdo de uma civilização de esbanjamento na qual cabem o desperdício de meia dúzia e a morte à fome de milhões nunca põe em causa o único responsável por esse absurdo: o capitalismo. Coerentemente com esta visão idealista, ignora a contradição fundamental do nosso tempo (entre capitalismo e socialismo), substituindo-a pela abstracção de «países ricos» e «países pobres». Não surpreende, pois, que caia, ele também, no «neomalthusianismo», ao afirmar que a explosão demográfica é a grande causa da crise alimentar no mundo. Gunnar Myrdal não pode ignorar a obra de Josué de Castro, que, na «Geopolítica da Fome» e na «Geografia da Fome», faz uma análise exaustiva dos recursos inexplorados existentes ainda na terra e que demonstra como o crescimento demográfico é também consequência da miséria e da subnutrição: quanto mais pobres são as populações, maior é a sua fertilidade.

É curioso notar que o economista sueco faz uma análise tão profunda quanto lho permite a sua ideologia, indo até ao ponto de desmascarar o «auxílio» ocidental aos «países pobres» e de considerar um logro tudo quanto se tem feito nessa matéria. Segundo ele, só um planeamento real e uma alteração dos padrões de consumo dos «países ricos» podia garantir a eficácia do auxílio. Era preciso dar aqui também um salto, que Gunnar não dá: o planeamento e a alteração dos padrões de consumo só são possíveis numa sociedade socialista. Dado este substrato ideológico, Gunnar Myrdal substitui naturalmente o conceito de justiça pelo de caridade e humanitarismo. Em vez da revolução, como bom economista burguês, defende o chá da caridade.

Mas vale a pena lê-lo. As críticas pró-capitalistas ao capitalismo são a prova mais convincente de que, ao contrário das previsões da «Time», o capitalismo não pode sobreviver.

ALICE NICOLAU

Estrangeiro

Perspectiva de greve geral na região basca

MADRID, 29 (R) — O Governo do generalissimo Franco enfrenta hoje a perspectiva de uma greve geral na região basca, a seguir à execução por pelotões de fuzilamento de dois nacionalistas bascos.

Os dois homens, Angel Otaegui, de 33 anos, e Juan Paredes Manot, de 21, encontravam-se entre cinco guerrilheiros urbanos executados no sábado em Burgos, Barcelona e Madrid.

As execuções provocaram manifestações antifranquistas quase em toda a Europa e vários protestos ilegais na própria Espanha.

Ontém, a Polícia abriu fogo contra uma multidão de cerca de 2000 pessoas gritando «assassinos, vingaremos os nossos mortos» na pequena cidade basca de Algorta, perto do centro industrial de Bilbau. Seis pessoas ficaram feridas durante a manifestação.

Fontes da região basca centro da mais violenta oposição contra o Governo de Franco — disseram ontem, à noite, que a tensão era grande em toda a zona do Norte do país.

Notaram recear novas manifestações esta semana, que deparariam, com certeza, com dura reacção da Polícia.

Em Madrid, cerca de 2000 pessoas assistiram ontem à missa do meio-dia na Igreja de San Isidoro a fim de rezarem por alma dos executados.

Após a missa, várias centenas de pessoas sairam do templo gritando «Liberdade» e «Não à pena capital», antes da Polícia de Choque as ter feito dispersar e de efectuar várias prisões.

Em Barcelona, 3000 pessoas concentraram-se em redor de um cemitério após a Polícia permitir apenas que 300 assistissem ao funeral de Manot, que enfrentou corajosamente o pelotão de fuzilamento não permitindo que lhe vendassem os olhos e cantando o hino nacional basco.

Forças da Polícia de Choque mantiveram em respeito essas 3000 pessoas, enquanto as que entraram no cemitério viram os seus bilhetes de identidade serem confiscados. As autoridades disseram que se poderia ir buscar os bilhetes mais tarde, ao comando local da Polícia.

Na cidade industrial de Tarrasa, perto de Barcelona, a Polícia prendeu várias pessoas, após cerca de 400 manifestantes desfilarem gritando: «morra a ditadura assassina», disseram fontes locais.

Entretanto, os embaixadores da Grã-Bretanha, República Federal Alemã, Holanda, Noruega, Dinamarca, República Democrática Alemã, Bélgica e Suécia foram chamados de Madrid para «consultas», a seguir a reacções, por vezes violentas, em quase toda a Europa Ocidental por causa das execuções.

Como forma de represália, o Governo espanhol fez retirar os seus embaixadores do Vaticano, R.D.A., Holanda e Noruega.

Segundo a Cifra, a agência noticiosa semioficial espanhola, o Governo de Madrid ficou indignado com a intervenção pessoal do Papa Paulo VI tentando dissuadir os guerrilheiros condenados a morte a ordem ontem para a Santa Sé de uma delegação oficial que devia assistir à canonização de um Santo Espanhol.

Chamados os embaixadores de nove países

MADRID, 29 (ANI) — Segundo círculos bem informados de Madrid, pelo menos nove Governos já chamaram os respectivos embaixadores para consultas.

Não se trata de corte de relações mas certamente de uma tomada de posição e de endurecimento, de mudança de tratamento dos respectivos países em relação à Espanha.

Já se tinha conhecimento de que os embaixadores da Alemanha Ocidentel, Noruega, Dinamarca e Holanda tinham sido chamados para informar os respectivos governos e receberem instruções sobre o tratamento a dar à Espanha. Ontem soube-se que também os embaixadores da Alemanha Oriental, Inglaterra, Suécia, Bélgica e Itália partiram ou partirão nas próximas horas para os seus países.

Praticamente todos os principais países europeus excepto a França (o embaixador está de férias) onde se realizaram grandes manifestações contra o Governo espanhol, foram chamados para consultas.

Entretanto o Governo espanhol também chamou aalguns dos seus embaixadores para consultas em Madrid.

Dezenas de pessoas presas em Madrid

MADRID, 29 — (ANOP) — Dezenas de pessoas foram presas ontem em Madrid quando a polícia interveio para desfazer uma manifestação junto da catedral de San Isidro no centro velho de Madrid. Entre duas três mil pessoas encontravam-se na catedral ao fim da missa do meio dia para assistirem ao acto religioso pelos fuzilados de sábado. Foram cantados espirituais negros e no final, à saída, um grupo de mais de trezentas pessoas manifestou-se, lançando gritos de ordem contra o Governo e a «ditadura assassina». A polícia interveio e o grupo dispersou se pelos bairros próximos da zona da feira do Pastro e da Praça Maior.

Entre os presos encontravam se 6 de jornalistas incluindo alguns correspondentes estrangeiros, que foram libertados pouco depois.

Ontem tambem se noticiavam varios intentos de manifestações em alguns bairros dos subúrbios de Madrid.

Entretanto, a extrema-direita e as forças paralelas estão a convocar uma grande manifestação de apoio ao Governo e contra as manifestações no estrangeiro.

Embora não se indique ainda a data, pensa-se que poderá ter lugar na próxima quarta-feira, dia 1, festa nacional do Caudillo, em homenagem a Franco.

Pensam os observadores que esta manifestação poderá ser monstruosa, pois a ela aderiram todas as forças próximas ao Poder, a grande classe media despolitizada que só vê a continuidade da ordem e que em principio está de acordo com o que o Governo tem feito, apoiando inclusive os fuzilamentos.

Ontem à noite estavam espalhados pela «Gran Via» panfletos convocando à manifestação

OS FUNCIONÁRIOS ESPANHÓIS EXPULSOS DO MÉXICO

CIDADE DO MÉXICO, 29 — (R.) — O México ordenou ontem, à noite, a expulsão de todos os funcionários espanhóis e que fechassem todos os escritórios particulares de nacionais desse país.

Deu também o prazo de 48 horas à E.F.E., a agência noticiosa espanhola, para cessar as suas operações no México.

Segundo um comunicado presidencial emitido pela Rádio, o Governo mexicano ordenou ainda que fossem cortadas todas as comunicações com a Espanha e ordenou o encerramento na Cidade do México das instalações da Ibéria, a linha aérea espanhola e do centro de turismo de Espanha.

O Governo não forneceu a razão das medidas, mas pensa-se ser uma represália pela execução de cinco guerrilheiros esquerdistas em Espanha, no sábado.

Todas as carreiras comerciais para Espanha da Aeroméxico, a linha aérea mexicana, foram suspensas por tempo ilimitado.

A ordem governamental foi radiodifundida apenas horas depois de o Mexico pedir uma sessão urgente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, a fim de solicitar a Assembleia Geral para suspender os direitos de filiacao da Espanha na O.N.U.

Numa carta ao secretário-geral da O.N.U., Kurt Waldheim, o presidente Echeverria pediu que «o regime espanhol seja suspenso do exercício dos seus direitos e privilégios de filiação».

Solicitou também que membros da organização mundial «cortassem totalmente as suas relações económicas... comunicações e elos diplomáticos com a Espanha».

Não houve relações diplomáticas entre o México e a Espanha desde a guerra civil de 1936-39.

A carta do presidente Echeverria acrescentava: «O México condena energicamente as violações sérias e frequentes de direitos humanos cometidas pelo regime ditatorial, que... ofendem o povo espanhol».

Simpatizantes dos separatistas bascos apedrejaram no sábado, à noite, as monstras das instalacoes da Iberia na Cidade do Mexico, poucas horas depois os guerrilheiros antifranquistas serem executados por pelotões de fuzilamento

Os manifestantes distribuiram panfletos exigindo que a Espanha liberte mais quatro militantes bascos presos.

Autocarro incendiado

ROMA, 29 (ANOP) — Um autocarro turístico espanhol foi incendiado ontem à noite numa zona central da localidade romana de Tivoli.

Segundo informou a polícia, o veículo encontrava-se estacionado na Rua Tomei, quando um grupo de jovens lançou uma bomba incendiária que atingiu em cheio a viatura, incendiando-a.

Os jovens fugiram imediatamente num carro após o incidente, que não causou feridos.

O MÉXICO PEDE À O.N.U. A SUSPENSÃO DA ESPANHA

CIDADE DO MÉXICO, 29 (ANOP/FP) — O México pediu às Nações Unidas para suspenderem a Espanha depois das «violações graves e repetidas deste país aos direitos humanos».

Em carta enviada ontem ao secretário-geral da O.N.U., Kurt Waldeim, o presidente mexicano, Luis Echeverria, pede a «convocação urgente» de uma reunião extraordinária do Conselho de Segurança, a fim de discutir a suspensão da Espanha — anunciou a presidência mexicana.

Por outro lado, o Governo mexicano ordenou a suspensão de todos os contactos, incluindo as comunicações, telegráficas e aéreas, que existam entre este país e a Espanha.

Entretanto, o embaixador do México em Portugal recebeu instruções do secretariado dos Negócios Estrangeiros no sentido de cessar todo e qualquer serviço no consulado mexicano em Madrid.

Recorda-se que a Espanha apenas tem uma representação «oficiosa» no México, país que nunca reconheceu o regime franquista.

Apoio chinês ao aumento do preço do petróleo

HONG-KONG, 29 — (ANOP) — A China manifestou ontem a sua concordância com o aumento de 10 por cento sobre o preço do petróleo decidido pela Organização de Países Exportadors de Petróleo (O.P.E.P.), reunida em Viena, afirmando que a inflação nos países ocidentais reduziu o valor real da receita dos países produtores do combustível — anunciou a agência Nova China.

A agência, em notícia proveninete de Viena, inclui o texto do comunicado da O.P.E.P. e defende a mediada tomada, concluindo:

. «Sob o impacto da crise económica no mundo capitalista, as superpotências pressionaram os países exportadores de petróleo no sentido de baixarem o praço e sinultaneamente a inflação que diariamente se agrava nos países capitalistas industrializados do Ocidente reduziu o valor real dos rendimentos dos países produtores.

Nestas circunstâncias, a decisão da O.P.E.P. de aumentar o preço do produto representa outra importante medida contra a mudança da crise económica e em defesa dos interesses e direitos dos produtores de petróleo.»

CRÍTICAS REJEITADAS

VIENA, 29 — (ANOP) — Dirigentes da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (O.P.E.P.) rejeitaram as críticas à sua decisão de aumentar em 10 por cento o preço das ramas de petróleo, classificando o aumento de justificado e moderado e indicando que se destina a conduzir à realização de uma conferência internacional sobre energia, — anunciou-se em Viena.

O aumento de dez por cento destina-se a ser um gesto de amizade para com as nações industrializadas» — declarou o secretário-geral da O.P.E.P., chefe Meshach Feyide, da Nigéria, acrescentando que este «auxiliará o diálogo com as nações consumidoras».

Por outro lado, o ministro iraniano do Petróleo, Jamshid Amouzegar, sublinhou:

. «Agimos muito razoavelmente ao limitar o aumento a apenas 10 por cento.

Caleidoscópio

CAIRO, 29 (ANOP) — O Egipto conseguiu a promessa do presidente Gerald Ford de que «Israel não atacará a Síria, de que Washington procurará assegurar a conclusão de um segundo acordo de separação de tropas na frente dos montes Golã e de que os palestinianos participarão em qualquer acordo de paz sobre o Médio Oriente» — afirmou o presidente egípcio Anwar Sadat, falando no Cairo, num comício assinalando o quinto aniversário da morte de Gamal Abdel Nasser.

Segundo Sadat, estas promessas foram conseguidas durante as negociações do último acordo israelo-egípcio mediado pelo secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger.

SALISBURY, 29 — (R) — Joshua Nkomo, o novo dirigente do movimento nacionalista interno da Rodésia, aguarda hoje ansiosamente a informação sobre se foi aceite pelos Estados africanos negros vizinhos como o verdadeiro representante do seu povo.

Até agora, os quatro chefes de Estado Negro envolvidos na iniciativa de paz na Rodésia, têm apoiado o bispo Avel Muzorewa, que se fixou agora em Lusaka como presidente do Conselho Nacional Africano (CNA), a ala externa.

Contudo, a eleição de ontem em Salisbury de Nkomo como presidente do CNA, num congresso a que assistiram 5 500 delegados, mas que foi boicotado pela facção de Muzorewa terá obrigado a nova avaliação de atitudes.

HAVANA, 29 (R) — Milhões de cubanos dançaram e cantaram ontem nas ruas para festejar o décimo quinto aniversário da maior organização maciça do país, as Comissões de Defesa da Revolução (CDR).

Essas comissões, criadas como uma barreira contra a sabotagem contra-revolucionária, contam agora com 4 750 000 membros, cerca de metade da população de Cuba.

As comissões evoluiram transformando-se em grupos de acção servindo de intermediários entre o povo e o Governo.

O primeiro-ministro Fidel Castro, que assistiu às comemorações em Havana, proferiu à noite um discurso na Praça da Revolução.

Desaire social-democrático nas eleições de Bremen

BREMEN, 29 (R) — O Partido Social-Democrático (SPD) do chanceler Helmut Scmitd, procurando o alento moral para as eleições do próximo ano, sofreu um desaire ao perder sete lugares no Parlamento da cidade-Estado de Bremen.

Contudo, o SPD ganhou 52 lugares na consulta às urnas de ontem, conservando a maioria geral no Parlamento de 100 lugares desta cidade portuária do Norte da República Federal Alemã, o mais pequeno dos onze Estados do País.

O partido perdeu seis lugares a favor dos seus associados na coligação federal, os liberais (FDP). O outro lugar foi conquistado pelo principal partido da oposição federal, a União Democrática-Cristã (CDU), conservadora, o seu único ganho no dia.

O CDU tem agora 35 lugares no Parlamento local, enquanto a FDP conta com 13.

Observadores políticos notaram que qualquer tentativa de projectar nacionalmente os resultados não passaria de especulação visto os partidos terem feito a campanha eleitoral apenas sobre questões locais.

Espectáculos

IV FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ

REVELAÇÕES DE KRAMER (MILESTONES) E DE ZANUSSI (ILUMINAÇÃO)

A revelação polaca . **Iluminação**, de Zanussi

Robert Kramer, presente pessoalmente na Figueira durante todo o Festival, presente ainda com duas obras mais importantes ali projectadas (**Milestones** e **Newsreel**) foi a grande figura do certame. Justificadamente.

Significativas as palavras que proferiu quando lhe foi entregue o Grande Prémio que o juri achou por bem atribuir a **Milestones**. Falando de cinema, da revolução e do povo português, Robert Kramer disse:

. **Gostaria de aceitar este prémio em nome de John Douglas e de mim próprio, e em nome ainda de toda a gente que connosco trabalhou em «Milestones». E aceito-o também em nome dos americanos que apoiam o povo português na sua luta por uma vida melhor, na sua luta pelo socialismo — por uma transformação económica, social e cultural em todos os aspectos.**

Nós vimos muitos filmes que nos mostraram a grande luta do povo vietnamita, a sua vitória a nossa vitória comum. Lembro-me sempre de duas coisas que os vietnamitas tanto nos quiseram ensinar — ideias que ainda estamos a tentar praticar:

— a primeira, a de identificar o inimigo principal e a de construir uma sólida unidade, em todas as frentes, contra ele. Unidade: a base social mais ampla possível, para que se possa avançar, para que se possa vencer.

— a segunda, a de fazer uma distinção entre o povo norte-americano e o imperialismo dos E. U. A., de Nixon, de Kissinger, de Ford ou de Carlucci. E a de nunca confiar no imperialismo americano, mesmo que use com esperteza palavras como democracia, independência e liberdade.

Tenho muitas recordações ricas deste Festival. Tivemos debates muito bons, especialmente o orientado pelas «Irmãs Vermelhas», sobre o chauvinismo masculino. E lembrar-me-ei especialmente de uma coisa. Depois de se ter projectado um filme do «Newsreel» sobre o Chile, o camarada que estava a trabalhar com o projector levou o filme para a sua aldeia e mostrou-o ali, nessa mesma tarde. Este tipo de utilização do cinema é correcta. Penso que é para isto que os filmes devem servir. Para «festivais do povo» que se realizem em aldeias, nas fábricas, nas ruas ou nas assembleias populares. Espero sinceramente que todos nós, eu, o John e os nossos camaradas realizadores portugueses, todos os que desejam juntar-se ao movimento do povo pela sua libertação pelo mundo fora, possamos fazer filmes que sejam úteis desta maneira. E que nos tornemos cada vez mais eficazes, que os nossos filmes forneçam informações importantes, perspectivas úteis, ajudem a formar e a crescer a consciência dêem força e autoconfiança e que, de qualquer maneira, alimentem as lutas de todos os povos. Quero agradecer a todos vós. Foi um pouco como se convivêssemos numa aldeia. São bons amigos e camaradas. Sinto-me muito perto de vocês e muita simpatia por todos.

Quando chegar aos E. U. A. irei reclamar independência e autodeterminação para o povo português; o fim de todas as ingerências dos E. U. A. e de todas as nações estrangeiras na política portuguesa; vou tentar ajudar o processo revolucionário português de todas as maneiras possíveis. Todo o poder ao povo.

U. S. A.

O VÍCIO (Trash), de Paul Morrissey (1970); Argumento de Paul Morrissey; com Joe Dallessandro, Holly Woodlawn, Jane Forth, Gerry Miller, etc.
MILESTONES, de Robert Kramer e John Douglas (1975), Argumento de Robert Kramer e John Douglas; com Mary Chapelle, Grace Paley, Susie Solf, Paul Zinet, etc..
NEWSREEL, de Robert Kramer e outros (1968-1969).

O cinema americano esteve presente «em grande» no Festival da Figueira da Foz-75. Várias películas, e todas elas de produção independente. Várias obras e todas elas, ainda que por vias diversas, particularmente significativas. De **O Vício** (Trash), produção de Andy Warhol, e realização de Paul Morrissey, falaremos brevemente em crónica isolada, na qual aproveitaremos para esboçar uma aproximação comum a esta película e a **Flesh** e **Heat**, presentemente em estreia em **écrans** da capital. Diremos desde já que se trata obviamente de um filme a não perder, o elo evidente que estabelece o caminhc de Morrissey de **O Prostituto** para **O Cio**. Mas, de Morrissey, Warhol e deste tríptico falaremos brevemente.

Por hoje fiquemos com Robert Kramer e o seu trabalho colectivo, de que tivemos alguns exemplos, em vários filmes de intervenção política da equipa **Newsreel**, e ainda com a obra **Milestones**.

Newsreel é a designação de um grupo de trabalhadores americanos do filme que orgazam pbras de intervenção e esclarecimento social e político. Na Figueira vimos uma película dedicada aos acontecimentos no Chile, uma outra sobre diversas campanhas públicas de movimentos americanos contra o racismo, a intervenção americana no Vietname, etc. e finalmente uma terceira (que nos pareceu a mais conseguida) sobre a vida no Vietname do Norte, durante o longo período de tremenda guerra que ali se viveu até há pouco. Este documentário é exemplar, de sobriedade, de rigor, de respeito pela realidade surpreendida, constituindo um trabalho que é simultaneamente um canto épico à coragem e abnegação de um povo em luta.

Respeito pela realidade, homenagem púdica a pessoas que Kramer e os seus camaradas de grupo amam é igualmente a lição a extraír de **Milestones**, um filme de três horas e quarenta e cinco minutos, que é um longo convívio, uma conversa apaixonante, um diálogo de compreensão e amor para com todos aqueles que por esse filme passam e deixam a sua inconfundível. **Milestones** é só isso. Projecto simultaneamente de uma ambição desmedida e de uma humildade desconcertante. Filmar pessoas, americanos atordoados por crises de vária ordem, do conflito vietnamita à violência rácica, da influência da C. I. A. ao fascismo quotidiano. Americanos que conscientemente se marginalizam em relação a um sistema que os obriga a essa opção. Americanos que escolhem o contacto directo com a Natureza, o convívio franco entre si, a redescoberta das relações humanas em clima de comunidade.

Milestones, que abre com uma epígrafe de Ho Chi Min (o excerto de um poema que fala desses «marcos de estrada» que sinalizam um percurso), encontra-se igualmente comprado para exibição em território nacional, pelo que, aquando da sua estreia, a ele nos referiremos com maior desenvolvimento.

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

Rudolfo Valentino hoje, na RTP

. «O Filho do Sheik», a coroa de glória do imortal Rudolfo Valentino, é o filme escolhido para preencher a rubrica «Clássicos do Cinema» a apresentar hoje (29/9) às 22 horas pela RTP, no II Programa.

Rudolfo Valentino, cujo tipo latino, moreno, olhar fatal, se tornou no do amante sonhado pelas mulheres de todo o Mundo na época áurea do cinema mudo.

Nasceu em Itália em 1895. Viria a morrer em 1926, portanto apenas com 31 anos. O seu funeral provocou manifestações de história e emoção jamais vistas.

«O Filho do Sheik», último filme de Rudolfo Valentino, constitui uma história aliciante, imbuída de amor, canções vibrantes e bailados maravilhosos, no cenário das escaldantes areias do deserto.

Ahmed (papel desempenhado por Valentino), filho de um poderoso Sheik do Sul da Argélia, apaixona-se loucamente por Yasmin, uma bailarina filha do francês André, chefe de um bando de ladrões saltimbancos. Uma noite, quando Yasmin e Ahmed se encontram, como de costume, nas velhas ruínas de um templo, o bando de André ataca os namorados e aprisiona Ahmed. Depois de maltratado, é abandonado nas ruínas, onde os criados o vão encontrar quase moribundo.

Mais tarde, depois de restabelecido, Ahmed, louco de dor, corre ao café de Touggourt onde Yasmin dança e trava uma batalha tremenda com o bando de André. Com a ajuda de seu pai, o Sheik, Ahmed consegue vencer e levar Yasmin que se tornará para sempre a sua companheira. Já nos anos 20 havia que condescender com o «happy-end»...

Casa da Comédia: balanço e projectos

. O Grupo de trabalhadores de Teatro da Casa da Comédia, que se constituiu em Sociedade Artística em 18 de Junho de 1975, trabalha em conjunto e sem interrupções desde Maio de 1974, tendo apresentado precisamente no espaço de um ano 3 espectáculos de géneros diferentes:

. «Um Barco para Ítaca», de Manuel Alegre (com 106 representações em 62 localidades, incluindo Suíça, Inglaterra e Alemanha para cerca de 35 mil espectadores);

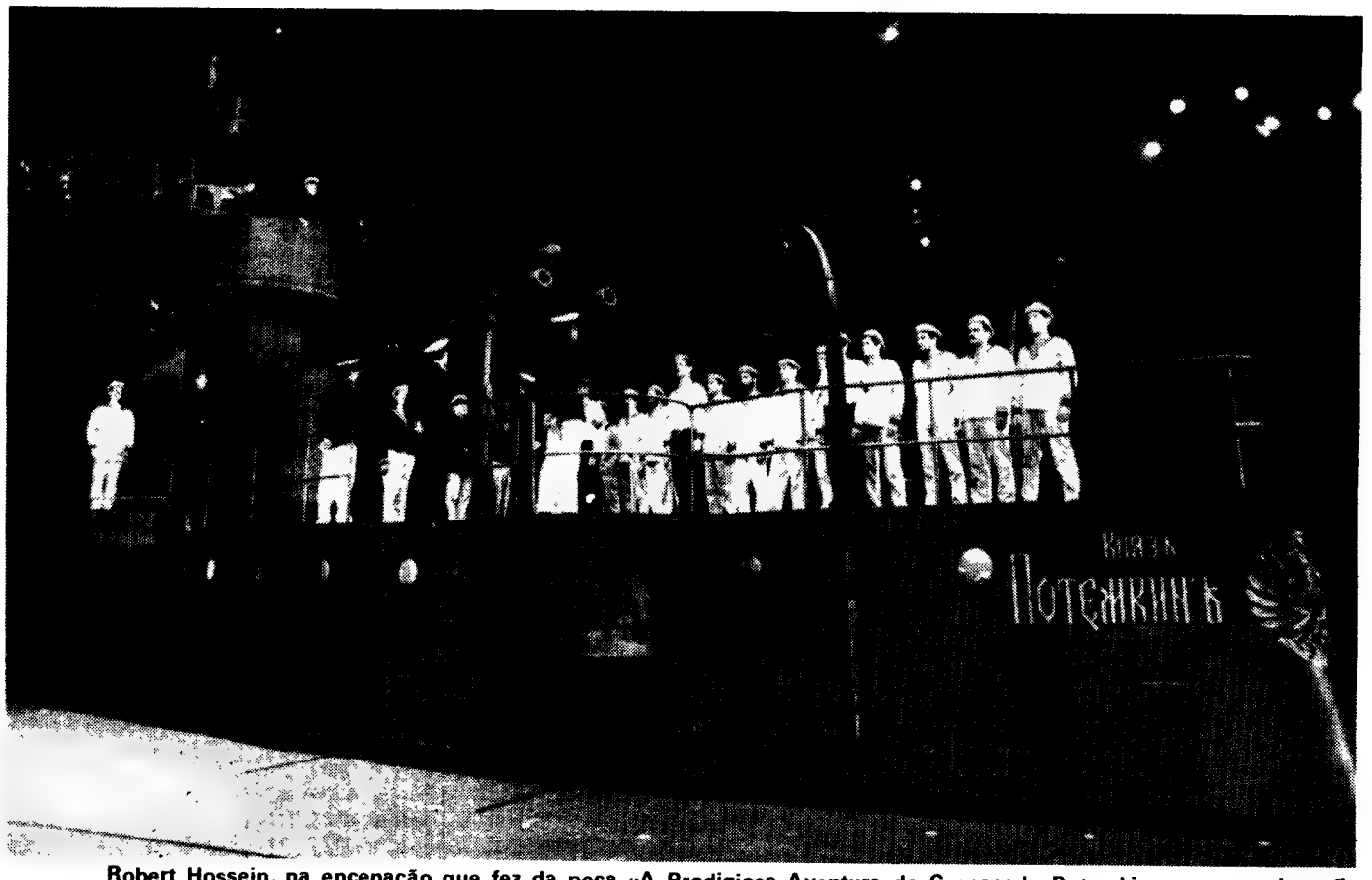
. «As Espingardas da Mãe Carrar», de Bertolt Brecht (com 92 representações em 24 localidades para cerca de 26 mil espectadores);

. «As Aventuras e Desventuras dos Heróis Castrados», espectáculo musicado, de construção colectiva, com textos de teatro e da Resistência português, que conta já com 38 representações em 15 locais diferentes, desde praças públicas a bairros clandestinos, para cerca de 7 mil espectadores.

O Grupo de Trabalhadores de Teatro da Casa da Comédia, que continua em actividade, propôs-se ao subsídio de 1975/76 com uma programação de 6 espectáculos a apresentar na Casa da Comédia e o objectivo de levar teatro às localidades de mais difícil acesso e às populações menos favorecidas.

O espectáculo «Aventuras e Desventuras dos Heróis Castrados», depois de uma série de 10 representações no concelho de Sintra, volta a estar, na Casa da Comédia, apenas durante uns dias a partir de 25 de Setembro, fazendo em seguida algumas representações fora de Lisboa antes de iniciar o seu novo espectáculo.

"POTEMKINE" NUM PALCO DE PARIS



Robert Hossein, na encenação que fez da peça «A Prodigiosa Aventura do Couraçado Potemkine», conseguiu enfiar no palco do Palácio dos Desportos de Paris uma réplica do célebre couraçado que Eisenstein imortalizou na tela, por ter sido uma etapa importante da luta do povo soviético rumo ao socialismo.
Na foto, a montagem cénica da peça.

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

QUEM SANEAR À ESQUERDA SERÁ COMIDO À DIREITA

Pela minha saúde se não falo verdade. Hoje não queria meter nisto nem um grão de política, muito embora saiba que só o fariseu considera possível falar de um fenómeno como a televisão sem assumir uma posição (uma opção, como está na berra) política. Vinha aí o *Teleforum?* Pois viesse, havia de me ralar muito entrava-me por um ouvido e saía-me pelo outro. Baibai, política, hoje vou experimentar a pureza infantil (*pureza o tanas,* dirá quem conhece o André, de cinco anos) e não vou prender muito a atenção a tensão) dos leitores.

A culpa foi daquele *Teleforum.* Tremi de alto a baixo quando me apareceram aquelas feras pela proa Maria Eugénia Varela Gomes, Alberto Seixas Santos, Joaquim Osório, Manuel Pedro, Lígia Monteiro, José Felicidade Alves, com Benard da Costa na mesa de moderador.

E já agora, antes de ir por diante, e antes que me esqueça, quero recordar quanto foi importante (porque inteligente) a presença de Benard da Costa. Quase não se deu por ele» — não é assim que se diz quando se quer elogiar um árbitro? Pois o mesmo deve dizer-se em relação ao moderador do *Teleforum*: quase não se deu por ele, e no entanto impôs um certo ritmo, soube chamar a atenção dos telespectadores para determinadas linhas de força, acompanhou com extrema simpatia as intervenções, não mostrou nem excessos de autoritarismo nem de impaciência — e agora digam-me lá que melhores qualidades poderíamos desejar para uma moderador de colóquios, em geral, e de teleforuns em particular.

Talvez devesse ter convidado Manuel Pedro a não ser tão prolixo, tão longo como sucedeu na sua primeira intervenção. Mas até se compreende que o não tenha feito não terá desejado correr o risco das erradas interpretações. Além de que é perfeitamente humana e compreensiva a sua atitude frente a um homem que é, na sua simplicidade, no seu duro franciscanismo proletário, um dos grands heróis do nosso povo.

A QUESTÃO DO APOIO

O culpado de tudo foi a fita de cinema *Brandos Costumes,* realizado por Alberto Seixas Santos, iniciado em 1971, se não estou em erro. Seixas Santos contou-nos como realizara o filme colocado perante três hipóteses — pegar no fascismo pela história dos que com ele colaboraram activamente ou dos que o combateram frontalmente ou dos que viveram a seu lado e lhe deram, por assim dizer, uma base de apoio — optou por esta última que lhe pareceu a mais significativa.

Evidentemente que a opção é discutível, sobretudo quando se coloca o problema da significação. Para mim, a base social inicial do fascismo lusitano foram a grande finança e o latifúndio com apoio logístico do clericalismo fortemente experimentado nestas andanças e com imagem de pioneirismo na prática anticomunista em Portugal a Nossa Senhora de Fátima, em 1918, já mandava rezar pela conversão da União Soviética a qual viria a realizar-se, conforme segredo entregue à Lúcia...). Que conseguiu, de início, por razões de ordem psicológica, fortíssima adesão da pequena burguesia, é bem certo — como na Itália, como na Alemanha. Mas quanto ao próprio Hitler, se o quisermos entender plenamente, teremos de começar pelos cordelinhos de Thissen e Krupp, num cenário de desemprego, de desespero, de miséria.

E sem esquecermos um ponto: à medida que o regime português evoluía para um capitalismo monopolista de Estado, a pequena burguesia ia compreendendo o logro. la compreendendo, à medida que se proletarizava, que o fascismo não desejava servi-la, mas destruí-la.

Não se vá buscar, para dar peso à significação», a hipótese de a maioria da pequena burguesia viver alheia, indiferente, ao fascismo. Eu sei lá, Seixas Santos, sei lá se a maioria dos trabalhadores também não vivia alheada, à margem?

Não é aí que devemos procurar a razão, mas na resistência, na luta activa e consequente, na capacidade de uma classe para se organizar como vanguarda, como justamente acentuou Manuel Pedro. O marxismo-leninismo não diz que *a única classe revolucionária,* é a classe operária, diz que a classe operária é a única classe capaz de levar a revolução até às últimas consequências.

Acreditamos, porém, com Seixas Santos, que a fuga da realidade seja característica da pequena burguesia, enquanto o não é da classe operária. Nessa medida, a posição do filme é correcta, muito embora a pequena burguesia tenha outras características. Se as desprezarmos, o relatório do seu comportamento histórico fica desfocado.

Outros filmes, utilizando o mesmo processo de *Brandos Costumes,* podem fazer-se para nos dar outras facetas do comportamento dos portugueses durante o fascismo. Mãos à obra.

QUEM SERVE QUEM

O mais curioso é que os exemplos vivos apresentados ao vivo no *Teleforum* desmentiam a tese da passividade burguesa: Maria Eugénia Varela Gomes, Lígia Monteiro, Joauuim Osório (sem falar no próprio Seixas Santos), de origem burguesa, acabaram por afrontar, por combater o fascismo.

Chegados aqui, será de mencionar o interesse dos depoimentos dos já mencionados e de Felicidade Alves com maior ou menor dificuldade, assistimos, como quem ouve uma história de encantar, ao nascer de uma consciência — o único espectáculo mais belo do que o nascer do Sol. O depoimento de José Felicidade Alves, por exemplo, é de uma impressionante lucidez, de uma total sinceridade. Compreende-se, diante da força destas palavras, como tantas consciências de católicos acordaram para a realidade, ouvindo-o. Os jerónimos, enquanto Felicidade Alves lá esteve, não foram uma igreja: foram uma sementeira.

Foi ainda devido à sua intervenção, quando se referia à inquietação frente ao fenómeno das Forças Armadas e das multidões ululantes», que partimosparaopontomaisquente do *Teleforum,* através de uma passagem subtil de Benard da Costa.

É natural que os portugueses atentos ao destino da sua Pátria avaliem os fenómenos da realidade portuguesa com a clareza máxima, sem tabus, o que não significa o abandono da máxima ponderação, dada a compexidade dos fenómenos.

Não podemos, por exemplo, concordar com a sugestão de Joaquim Osório quando nos diz que os oficiais não podem fazer a revolução dos operários, porque, sendo eles burgueses, só podem fazer a sua revolução, a revolução da sua classe

Claro que sim, se atendermos à origem da classe e não à assunção de classe. Faz mais pela revolução um burguês de espírito proletário, do que um operário aburguesado. Vasco Gonçalves é um oficial revolucionário que luta ombro com ombro com os trabalhadores: ninguém duvidará disso, creio eu. A revolução que ele quer, é a revolução dos trabalhadores. Há outros oficiais que pretenderam fazer uma revolução antifascista mas não uma revolução anticapitalista? É verdade. Mas a evolução histórica atinge agora um patamar em que, quem pretender voltar à «pureza» do 25 de Abril, acaba por cair na impureza» de direita; e em que, quem pretende continuar a luta no plano do anticapitalismo, tem de se basear no socialismo científico e não no socialismo verbal. Se não for assim, assumirá atitudes de falsa esquerda; dá o flanco; tomará atitudes inqualificáveis contra os verdadeiros homens de esquerda, no que será apoiado pelas forças da direita de quem se tornou aliado objectivo. Afastados aqueles homens de esquerda devotados ao interesse do povo, permanece contudo num idealismo revolucionário de feira da Ladra, de qualquer modo incómodo para a reacção. E o que sucede? Sucede que a esquerda lhe retira a confiança e a reacção pode perfeitamente neutralizá-lo, chutá-lo, alijá-lo como um peso incómodo...

Não podemos igualmente concordar com a execução sumária» a que Lígia Monteiro submeteu as campanhas de dinamização das Forças Armadas. A presença dos soldados, como apoio à luta contra o caciquismo; o trabalho, ombro com ombro, em tarefas comuns; a troca de experiëncias; as responsabilidades mútuas que se contraíam — estavam a cimentar uma autêntica unidade Povo-M.F.A. Será tempo de perguntar a quem serviu a eliminação da 5.ª Divisão. Será tempo de perguntar a quem serve o recolher a quartéis. Será tempo de perguntar para onde estão a querer levar a Revolução — que só pode ser a revolução dos trabalhadores.

Será tempo de vigilância.

CORRIDA CONTRA-RELÓGIO

De inquietação, como diz José Felicidade Alves? Claro que sim. Não é sem graves apreensões que assistimos a todo um processo subtil de divisionismo e de algo que tem a ver com uma intrigante recuperação do processo. O «linchamento» de Vasco Gonçalves; o afastamento de tantos outros oficiais progressistas através do eleitoralismo pretensamente democrático (mas que raio

Continua na pág. 18

A MIOPIA

A HIPERMETROPIA E A AFAQUIA (OPERADO ÀS CATARATAS) PODEM AGORA SER CORRIGIDAS COM LENTES PARA ÓCULOS FINAS E LEVES, EM CRISTAL ANTI-REFLEXO, A PARTIR DE 2,25 ATÉ 30,00 DIOPTRIAS, INCLUINDO QUANDO NECESSÁRIO, ATÉ 6,00 DIOPTRIAS DE ASTIGMATISMO.

Para mais informações dirija-se à Óptica Visual, Lda. — Rua das Portas de Santo Antão, 27-2.º

ATENÇÃO: Entrada pela Espingardaria. Tel. 365515.

CENTRO DE PRODUÇÃO Teatro da Trindade

A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»

Desc. às 2.as Feiras.
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23

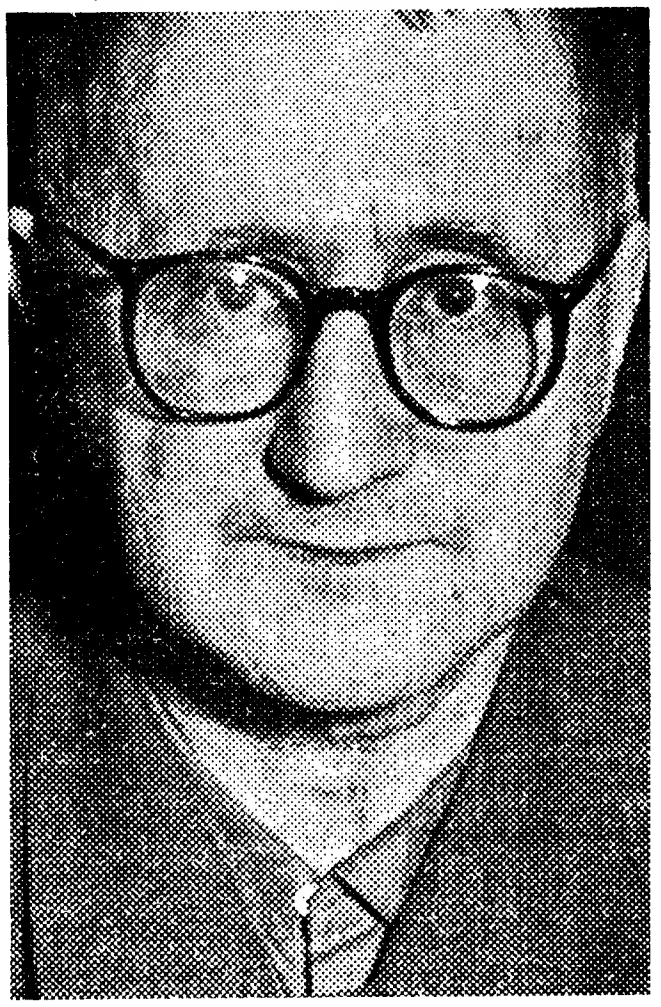
TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA

contam

AVENTURAS E DESVENTURAS DOS HERÓIS CASTRADOS

de 3 a Sábado, às 21.30 h. Sáb Mat às 16 h., T 607299
R. S. Franc. de Borja, 22

Hoje



BERTOLD BRECHT

I PROGRAMA

19.00 Abertura e um programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.30 **«Floris von Rosemund»** série filmada de origem alemã.
20.00 Teledesporto — as actividades desportivas
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 **Teatro** — «Mãe Coragem» — actuação do grupo do Berliner Ensemble sob a direcção de Wekwert e Palitsch. Famosa actuaç˜o de Helene Weigel.
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição

II PROGRAMA

21.00 Abertura e a série **«Floris von Rosemund»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida do I Programa às 20 e 30.
22.00 **Clássicos do Cinema** — «O Filho do Sheik» — com Rudolfo Valentino. Comentários de Lauro António.

DESTAQUES

I PROGRAMA

Teatro — «Mãe Coragem» (21.00)

II PROGRAMA

Clássicos do Cinema — Rudolfo Valentino (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **19.00**: Abertura e um programa produzido peo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30**: «O Regador Mágico» — série filmada; **20.00**: Magazine do Norte — um programa transmitido dos Estúdios do Porto; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.00**: A Gente Que Nos Somos rubrica do Departamento de Programas Político-Sociais; **22.00**: «Capitão Kloss» — série filmada de origem polaca. As aventuras de um espião da contra-espionagem nazi; **23.00**: Telejornal — 3.ª edição; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura e a série «O Regador Mágico»; **21.30**: Telejornal — e diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30; **22.00**: Eurovisão — Jogos Sem Fronteiras — concursos entre cidades em que a habilidade dos concorrentes e o seu espírito inventivo é posto à prova; **23.30**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

NACIONAIS DE FUTEBOL

BENFICA JÁ NO TOPO

O Benfica já lá mora: no topo da classificação, por enquanto em igualdade de pontos com o Sporting de Braga, que ontem não conseguiu somar quarta vitória nos jogos já disputados a contar para o nacional maior. Recebendo o Vitória de Setúbal não foi além de um nulo absoluto, em espectáculo onde apenas faltaram golos para se sublinhar como emotivo. Por sua vez o Benfica foi sacar a Coimbra, ao Municipal, os dois pontos do triunfo; tendo a história do jogo duas fases completamente distintas: uma primeira parte onde o Benfica concretizou a sua maturidade futebolística e outra que apontou a réplica estudantil que conseguiu equilibrar a expressão do marcador. Depois, foi a natural cavalgada «encontrada» para o triunfo, quando os seus «emblemas» já desesperavam e desconfiavam da reviravolta provocada (principalmente) por Vala. Mas, o 2-4 final representa bem a diferença de porte das duas equipas.

No Restelo, o Belenenses confirmou a tradição: fazer sofrer os seus adeptos, tratando em dar expressão ao marcador. Ontem, frente ao União de Tomar, uma primeira parte sem golos: só na segunda metade do espectáculo Gonzalez bisou para o seu emblema.. O 2-0 diz pouco da superioridade «azul».

Também o Desportivo da CUF teimou em cumprir com a tradição: excelente (às vezes espectacular) a fazer resultados fora do Lavradio, os pupilos de Mário João não conseguiram evitar a derrota (0-2) frente a um Vitória de Guimarães que este ano ainda não se apresentou no seu melhor. Talvez tenha sido ontem a tão esperada arrancada...

O F.C. do Porto, que não se furtou ao dispendio de escudos para reforçar o seu «onze», continua a não dar boa conta de si nos jogos efectuados fora das Antas: foi a Faro e trouxe uma derrota. Pior do que isso, o facto de não ter conseguido marcar um único golo, já que ao Farense bastou a obtenção de um tento para assegurar os dois pontos do triunfo. Uma pedra (mais) no caminho do Porto para o primeiro lugar...

Em Alvalade, o Sporting não chegou a registar o resultado que muitos dos seus simpatizantes esperavam: um desfecho tranquilizador frente ao primodivionário Estoril Praia. Afinal de contas as coisas estiveram bastante feias, até porque foi o Estoril o primeiro a marcar. Depressa se recompôs o Sporting que, logo de imediato, igualou o marcador: para, a seguir, se colocar na situação de vencedor. E assim (2-1) ficaram as coisas até ao apito final do árbitro...

O Leixões bateu o Beira Mar (por 3-1) e o resultado diz a verdade dos 90 minutos do jogo. E, para que seja dada uma palavra a cada encontro desta 4.ª jornada, faltará dizer que, no sábado à tarde, o Boavista triunfou sobre o Atlético (por 4-3) depois de, ao intervalo, estar com a vantagem de 4-0. A reviravolta fala por si...

A efémera alegria: Cepeda conseguira o primeiro golo da tarde, em Alvalade. Mas, a euforia do «capitão» do Estoril duraria pouco: a réplica sportinguista chegaria para derrubar as ilusões dos pupilos de António Medeiros

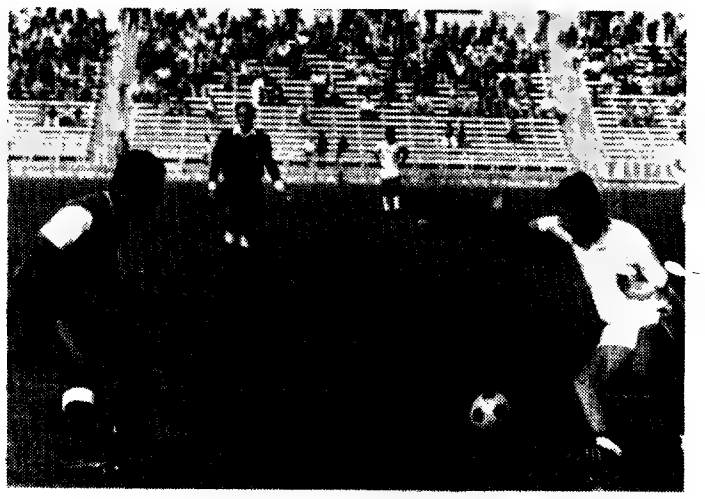
2.ª DIVISÃO

Na zona Norte da 2.ª divisão há a registar um único triunfo fora de casa: o do Famalicão no campo do Vilanovense (3-1); de resto, dois empates a um golo (Fafe-Salgueiros e Feirense-Paços de Ferreira) e um expressivo 5-1 registado no Chaves-Gil Vicente. Mais: o adiamento do Sporting de Espinho-Lourosa por causa da forte chuvada que caiu. Outros resultados: Alba, 2-Penafiel, 0, Riopele, 3-Régua, 1, União de Lamas, 3-Sanjoanenses, 0, Paredes, 2-Marinhense, 0, Varzim, 3-Sporting da Covilhã, 0.

Na classificação geral, o primeiro lugar é ocupado simultaneamente pelo Salgueiros e o Riopele, ambos com 6 pontos.

Na zona Sul, duas equipas conseguiram triunfar fora: o Barreirense (que foi a Marvila vencer por 2-1) e o Portimonense (que na deslocação a Torres Novas conseguiu um concludente 3-0). Empates registaram-se em Sintra (Sintrense-U. Montemor, 0-0), Leiria União-Peniche, 2-2), Montijo (onde o Maritimo alcançou um 1-1), Torres Vedras (Torriense-Sesimbra, 2-2). De resto, êxitos dos clubes que jogaram em casa: Esperança, 1-Almada, 0; Juventude, 3-União de Santerém: 1: Caldas, 2-Olhanense, 1; e Estrela de Portalegre, 2-Lusitano,0

Na classificação geral o primeiro é o Caldas, com 7 pontos.



Lavradio: um juiz de paz (Américo Barradas) preside ao despique entre Vieira e Abreu

Restelo: remate de Bolota perante a fraca controvérsia de Sambinha

Tibi: desta vez não será desfeiteado

Boletim Boletim Boletim Bo

Sliema: o dilema

O Sliema sabe que tem de jogar na 4.ª-feira com o Sporting e que a sua chegada a Lisboa estava programada para ontem, alguns minutos antes da meia-noite. Os dirigentes «leoninos» também sabiam disso: e lá estiveram na Portela à espera dos seus «amigos» malteses». Mas, a verdade é que eles não vieram. E, até à hora a que fechamos esta edição, nada se sabia deles. Quartos reservados no Hotel Estoril Sol, alguns bilhetes já vendidos para 4.ª-feira à noite. Mas, para já, uma única certeza: os de Malta não vieram e nada disseram. Os aviões continuam a descer na Portela... e o Sporting entra esta noite em estágio, tendo Juca chamado Palhares.

Enquanto isto, o Spartak Trnava chegará a Portugal logo à noite (23 e 30) curvado ao peso de uma derrota (5-0) em jogo do seu campeonato.

F. C. do Porto e Benfica partiram hoje para o Luxemburgo e para a Turquia, respectivamente: os «encarnados» largaram às 9 horas da manhã enquanto os portistas (sem Cubillas) saíram de Lisboa às 11 horas. Na caravana dos campeões nacionais ressalta o facto de Cavungi ter sido incluído: «Mário Wilson confia na «estrela» que desponta.

ONTEM

O Ténis Clube de Lisboa é campeão nacional de ténis, após bater as turmas do CIF e do DAC. Formação triunfadora: Conceição Posser, Daniel Lescano, Vaz Pinto, Raul Peralta e José Vilela.

O êxito no Grande Prémio de Coimbra» pertenceu a José Simões (Associação Cristã da Mocidade).

Começou a temporada râguebista, com embates incluídos no Torneio Aberto. Desfechos: Académico, 30 - C. D. U. P., 4; Belenenses, 13 - Amadora, 0; Técnico, 42 - Barreirense, 0. O jogo entre o Benfica e o C. D. U. L. foi apenas aproveitado para treino das duas formações e a partida S. Miguel - Sacavenense não se efectuou.

PORTUGAL

O Grupo Académico da Juventude da Casa do Povo de Alcochete esteve em acção, no passado fim-de-semana. Houve minibasquetebol (Samouquense-Académico), convívio de ginástica (nos relvados próximos à Torre de Belém), festival de hóquei patinado (no Pavilhão do Montijo, com a colaboração da Associação Desportiva de Oeiras, Salesiana, Sotto Mayor e Cascais), e ainda, um festival de música «rock» em que actuaram grupos do estilo.

A secção de ténis de mesa do Casa Pia prestou homenagem à turma de seniores da colectividade, campeã nacional da 2.ª divisão.

Manuel da Cunha Moreira (assembleia geral), Fernando Jorge Ferreira de Araújo Barros (direcção), Ernesto Joaquim dos Santos Costa (conselho fiscal), Sotter Albertino Aguiar Ramos (conselho técnico) e Daniel Ribeiro Soares (conselho jurisdicional) são os nomes-ba-

Continua na pág. 17

NÚMEROS

Classificação (à 4.ª jornada) do nacional da 1.ª Divisão:

	J	V	E	D	B	P
BENFICA	4	3	1	—	15- 3	7
Sporting de Braga	4	3	1	—	6- 3	7
Boavista	4	2	2	—	9- 4	6
Belenenses	4	2	1	1	7- 6	5
F. C. Porto	4	2	1	1	10- 4	5
Vitória de Guimarães	4	2	1	1	8- 4	5
Sporting	3	2	1	—	4- 1	5
Vitória de Setúbal	4	2	1	1	7- 4	5
Estoril	4	2	—	2	5- 4	4
Cuf	4	2	—	2	3- 4	4
Leixões	4	1	1	2	4-14	3
Farense	4	1	—	3	2- 8	2
União de Tomar	4	1	—	3	3-11	2
Beira Mar	4	—	1	3	2- 7	1
Académico	4	—	1	3	5-10	1
Atlético	3	—	—	3	5- 8	0

Com a realização da quinta jornada, prossegue no próximo domingo o Campeonato Nacional, que inclui os seguintes desafios: Académico-Belenenses; União de Tomar-Farense; F.C.Porto-SportingdeBraga; Vitória de Setúbal-Cuf; Vitória de Guimarães-Sporting; Estoril-Boavista; Atlético-Leixões e Benfica-Beira-Mar.

2.ª DIVISÃO

Classificação da Zona Norte:

	J	V	E	D	B	P
SALGUEIROS	4	2	2	—	5- 2	6
Riopele	4	3	—	1	8- 3	6
Lourosa	3	2	1	—	5- 2	5
U. Lamas	4	2	1	1	5- 2	5
Famalicão	4	2	1	1	8- 5	5
Chaves	4	2	1	1	8- 5	5
Varzim	4	2	1	1	7- 3	5
Espinho	3	2	—	1	8- 3	4
Penafiel	4	1	2	1	3- 4	4
Marinhense	4	2	—	2	5- 6	4
Gil Vicente	4	2	—	2	7- 8	4
Sp. Covilhã	4	2	—	2	3- 9	4
F. Ferreira	4	1	2	1	2- 5	4
Alba	4	1	2	1	5- 4	4
Régua	4	1	1	2	5- 8	3
Fafe	4	1	1	2	3- 4	3
Paredes	4	1	—	3	3- 5	2
Vilanovense	4	1	—	3	5-10	2
Feirense	4	—	2	2	4- 6	2
Sanjoanense	4	—	1	3	0- 6	1

Próxima Jornada: Alba-Riopele, Régua-Fafe, Salgueiros-Feirense, P. Ferreira-U. Lamas, Sanjoanense-Sp. Espinho, Lourosa-Paredes, Marinhense-Varzim, Covilhã-Vilanovense, Famalicão-Chaves e Penafiel-Gil Vicente.

Zona Sul:

	J	V	E	D	B	P
CALDAS	4	3	1	—	8-4	7
Marítimo	4	2	2	—	8-2	6
Portimonense	4	3	—	1	10-7	6
Montijo	4	2	1	1	4-2	5
Barreirense	4	2	1	1	4-3	5
U. Santarém	4	2	1	1	3-3	5
Juventude	4	2	1	1	7-7	5
Oriental	4	1	2	1	5-4	4
Sintrense	4	—	4	—	2-2	4
Sesimbra	4	1	2	1	6-5	4
Peniche	4	1	2	1	5-5	4
Olhanense	4	2	—	2	4-5	4
Almada	4	2	—	2	7-4	4
E. Portalegre	4	2	—	2	5-5	4
Esp. Lagos	4	2	—	2	3-2	4
Torriense	4	1	1	2	6-7	3
U. Montemor	4	—	3	1	1-3	3
Lusitano	4	—	1	3	1-7	1
Torres Novas	4	—	1	3	2-9	1
U. Leiria	4	—	1	3	2-9	1

Próxima Jornada: Esp. Lagos-Juventude, U. Santarém-Sintrense, U. Montemor-U. Leiria, Peniche, Montijo, Marítimo-Oriental, Barreirense-Torriense, Sesimbra-Caldas, Olhanense-E. Portalegre, Lusitano-Torres Novas e Almada-Portimonense.

TOTOBOLA A CHAVE

Académico - Benfica	2
Belenenses - U. Tomar	1
Farense - Porto	1
Braga - Setúbal	X
CUF - Guimarães	2
Sporting - Estoril	1
Boavista - Atlético	1
Leixões - Beira-Mar	1
Fafe - Salgueiros	X
Espinho - Lourosa	1
Juventude - U. Santarém	1
União Leiria - Peniche	X
Montijo - Marítimo	X

Geral

Continuação da pág. 16

se da Associação de Voleibol do Porto.

Em Vidago, tiveram lugar os tradicionais Torneiros Abertos do Clube de Golfe. Nomes em destaque José Miguel Mendes Ribeiro, Miguel Teles, Mário Augusto Vidago Rodrigues, António Carvalho Rodrigues, Carlos Fernandes, António Folhadela, Eckhard Bothmann, Jorge Trepa, Fernando Lopes, Anselmo Silva, Jorge Roxo, Horácio Ferreira, Silvino Rodrigues, Manuel Pereira, Júlio Brás e Jorge Aguiar de Sousa.

Se gosta de basquetebol e tem idade para se integrar em formação de junirores, pode inscrever-se nos treinos da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico e mostrar as habilidades.

. Dupla sorte para a Federação de Futebol os dirigentes gauleses vão entregar perto de 500 contos que se tinham esquecido» de remeter quando do jogo de características particulares efectuado em Paris e o defesa Humberto Coelho foi autorizado a deslocar-se ao nosso país para os treinos da selecção nacional.

. Fernande Mendes)Benfica) foi o triunfador do I Circuito de Sacavém, em ciclismo.

Mariano da Costa Pedro é designado árbitro de 1.ª classe pela Federação Internacional de Lutas Amadoras.

José Tiago doi eleito novo presidente do Barreirense, colectividade que, dentro de dias, se vai debruçar sobre um eventual aumento do preço das quotas dos associados.

AGENDA

. Assembleia geral da Associação de Hóquei em Campo de Lisboa, a 9 de Outubro, eleição da nova gerência.

Júlia Augusta de Almeida Nunes Martins

FALECEU

Fernando Augusto Martins. Adelaide Morão Martins, Augusto António Martins, Micaela Nunes Pereira e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida mulher, nora, irmã e parente cujo funeral se realiza amanhã, dia 30, pelas 10 horas, da Igreja S. João de Deus (Capela E) para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA RODRIGUES DA AMADORA

Em cima: Mira Amaral (1) no comando. Em baixo: José Puyo (71) foi um concorrente (espanhol) que logrou evidência

2 cavalos no hipódromo

O automobilismo desportivo confirmou ontem, no Hipódromo do Estádio Nacional, que ganhou (definitivamente) uma nova fonte de espectáculo. Agora, ao contrário do que seria de esperar, não é a maior velocidade nem a maior «performance» dos carros que está em equação: desta feita, quando os automóveis (até mesmo os de corrida, os de «rallies») aumentam de preço, vem à baila o «Pop Cross», no qual as vedetas são os velhos, estafados e desventrados «2 cavalos», que descem à pista para «fazerem» o espectáculo imprevisto.

Certo que o «Pop Cross» já se havia implantado em Portugal: mas, neste fim-de-semana, foi a vez de Lisboa (e a linha de Cascais) assistir de perto a esta modalidade, mista de destreza e aproveitamento do que resta dos automóveis que já cumpriram a sua missão social.

E, no Hipódromo do Estádio Nacional, houve a confirmação de um campeão português que o é (também) ibérico: Mira Amaral, que (aqui) sorri para a objectiva, já depois de um novo triunfo lhe ter (igualmente) sorrido.

COSTA GOMES EM VARSÓVIA

Continuação da pág. 1

Neves e capitão Vasco Lourenço. O tema desta troca de impressões eram questões socioeconómicas do desenvolvimento de ambos os países. Babiuch informou-os também sobre as experiências do desenvolvimento polaco nos últimos trinta anos.

TRÊS ACORDOS

Serão firmados três acordos importantes nos domínios comercial, científico e cultural. Este último pensa-se que será muitíssimo importante também. No entanto só hoje serão tratados e pormenorizados os assuntos mais importantes, esperando-se ao fim da tarde um comunicado final sobre as conversações e a visita do presidente Costa Gomes, segundo nos declarou um porta-voz do Governo polaco.

O mesmo elemento salientou ainda que as conversações de sábado incidiram sobre aspectos da cooperação entre os dois países nos domínios acima referidos e ainda sobre assuntos relacionados com a política internacional, assuntos referentes à indústria da construção naval e às negociações estabelecidas há tempos aquando da visita à Polónia de uma delegação chefiada pelo ex-ministro da Indústria João Cravinho.

Foi o próprio general Costa Gomes que no decorrer de uma troca de impressões com os jornalistas, a bordo do avião na viagem para Varsóvia, respondendo a uma pergunta sobre o estado em que se encontram essas negociações, revelou que estavam já concretizadas muitas coisas mas havia ainda pormenores para acertar.

Quanto aos problemas políticos decorrentes da conjuntura política internacional, foi afirmada pelo porta-voz do Governo, durante um «cocktail» oferecido anteontem à Imprensa, a satisfação pela coincidência de pontos de vista entre os Governos polaco e português.

RECEPÇÃO FRATERNAL

Milhares de bandeiras de Portugal e da Polónia flutuam ao longo das amplas ruas e avenidas de Varsóvia, uma das mais belas cidades que conhecemos. Em algumas paredes a caminho do aeroporto podem ver-se também numerosas colagens do célebre «poster» do 25 de Abril em que uma criança coloca um cravo na espingarda de um soldado. A Polónia e os seus dirigentes receberam com todas as honras e um inequívoco espírito de fraternidade o Presidente português e a sua comitiva.

Como já deve ser do conhecimento dos nossos leitores, a partida de Lisboa do avião presidencial sofreu um atraso de mais de duas horas, obrigando a uma alteração do programa do primeiro dia de visita. O Presidente da República Portuguesa só chegaria a Vasróvia às 14 e 20 de sábado. Foi acolhido pelo presidente do Conselho de Estado e, depois de receber o relatório do comandante da guarda de honra, saudou a bandeira e passou em revista a guarda, seguindo-se as restantes cerimónias protocolares do estilo.

O primeiro dia da visita, após o almoço oferecido pelo primeiro-secretário do Partido Operário Unificado Polaco, foi preenchido com a cerimónia de deposição de um ramo de flores no túmulo do soldado desconhecido, a que se seguiu uma visita aos Paços do Concelho e, à noite, um espectáculo de gala no Grande Teatro.

A Imprensa polaca, e de um modo geral toda a Imprensa estrangeira acreditada na Polónia, dedicam grande importância e relevo à visita do Presidente Costa Gomes. Na véspera da sua chegada a televisão polaca transmitiu um programa com mais de meia hora sobre Portugal focando alguns dos acontecimentos mais importantes da revolução ocorridos desde 25 de Abril de 1974, incluindo cenas dos incidentes em Alcobaça. Seguiu-se um comentário feito por um jornalista polaco, que se revelou amplamente informado sobre assuntos portugueses.

A tentativa de viragem à direita que se verificou em Portugal, traduzida na distribuição do VI Governo Provisório, é encarada com certa expectativa e perplexidade, tanto mais que alguns dos homens que tornaram possível essa viragem possuíam uma imagem de esquerda que parecia sólida.

VASTO CAMPO DE COOPERAÇÃO

Para lá dos aspectos formais que um protocolo impõe e da meticulosidade do programa oficial, os polacos deixam claramente transparecer um sentido grande de fraternidade e desejo de apoio ao povo português na sua luta contra o fascismo, sendo, na opinião de fontes oficiais com quem tive oportunidade de contactar, muito vasto o campo aberto à cooperação económica entre os dois países.

Neste momento a economia da Polónia encontra-se em nova fase de expansão. Grandes investimentos foram feitos neste plano quinquenal, dos quais se esperam importantes resultados.

O porto do Norte e a siderurgia de Katowice, que ficará a ser uma das maiores da Europa, se não a maior, dominam esses investimentos. Por outro lado deu-se um grande impulso à indústria ligeira e o nível de vida aumentou nestes últimos cinco anos. Os produtos básicos têm os preços congelados desde 1970, o que significa que todos os aumentos de salários foram aumentos reais.

O povo polaco tem hoje um bom nível de vida, onde não há lugar para a opulência mas permite a cada cidadão dispor de produtos de consumo corrente de boa qualidade e ter acesso fácil a esses mesmos produtos. É no campo da indústria pesada, dos equipamentos industriais e de certas matérias-primas, principalmente carvão, que se encontram as maiores potencialidades de exportação da Polónia.

Em contrapartida, o mercado polaco poderá receber numerosos produtos da indústria ligeira. Estes factores, na opinião de muitos observadores, favorecem bastante as possibilidades de cooperação económica entre Portugal e a Polónia.

A viagem do Presidente Costa Gomes, na sequência da visita feita por Edward Gierek a Portugal em Janeiro último, no seu regresso de Cuba, pode constituir o arranque para um importante incremento, em todos os campos, das relações entre os dois países. Por outro lado Edward Gierek desde o início, que não esconde a sua grande simpatia pela revolução portuguesa. Dos discursos até agora pronunciados e das saudações trocadas transparece o desejo, por parte da Polónia, de estreitar o mais possível as relações com Portugal. Aliás, a preparação da visita de Costa Gomes foi precedida da publicação de numerosos artigos nos jornais, programas de TV, etc, o que demonstra o grande interesse que existe em relação a Portugal. Caberá agora às autoridades portuguesas corresponder com eficácia a esse interesse.

VISITA A GDANSKY

Ontem à tarde, depois de um almoço oferecido pelo presidente do Conselho Nacional do «Voievodie» de Gdansky, o Presidente Costa Gomes visitou em Gdynia os estaleiros «Comuna de Paris», importante centro da indústria de construção naval. Esta visita reveste-se de particular importância porque se relaciona com um sector sobre o qual Portugal e a Polónia têm grandes projectos conjuntos.

Gdansky é um dos quatro principais portos polacos e fica situado na foz do Vístula. Esta cidade, que conta 464 700 habitantes, foi célebre nos séculos XVI e XVII pelo seu comércio de madeira e cereais. Depois da Primeira Grande Guerra Mundial, em virtude do Tratado de Versalhes, foi criada a cidade livre de Dantzig, com uma superfície de 1888 km2, que, com o seu «corredor», constituiam o único acesso da Polónia ao Báltico. Durante a Segunda Guerra Mundial mais de metade da cidade foi destruída, mas, como aconteceu com outras cidades polacas, foi reconstruída de acordo com os antigos planos.

Gdansky faz parte, depois de 1946, do conjunto portuário e urbano composto por Gdansky e Spot. O porto do Norte a que acima nos referimos é o maior investimento polaco deste plano quinquenal e depois de concluído virá a ter uma capacidade anual de 70 a 80 milhões de toneladas.

APREENSÃO PELOS ACONTECIMENTOS DE LISBOA

Na viagem para Varsóvia o general Costa Gomes veio informalmente saudar os jornalistas que o acompanhavam e acabou por dar uma pequena conferência de Imprensa a bordo, respondendo a numerosas perguntas que lhe foram dirigidas.

Confessou que a revolução «tem sido muito difícil» e mostrou-se muito preocupado pelas consequências que poderiam advir dos incidentes registados na Embaixada de Espanha, pormenorizando algumas daquelas, que maior e mais imediato reflexo poderiam ter na economia nacional.

A um jornalista que lhe falou do receio que a comitiva chegou a ter de que a viagem não se realizasse em consequência dos possíveis problemas diplomáticos com a Espanha, Costa Gomes respondeu que esteve para não se fazer, mas «por outros motivos» que não adiantou.

Em relação ao A.M.I. o general Costa Gomes explicou que não se tratava de uma duplicação do Copcon, mas sim de uma força de intervenção imediata, aliás sob o seu comando, comentando:

Geral

O Líbano na guerra civil

Continuação da pág. 3

falências de pequenas e médias empresas multiplicam-se. O crescimento do produto nacional bruto, tendo em vista a taxa de inflação (15 por cento), foi nulo durante o ano passado. As classes médias sentem-se duramente afectadas pela subida dos preços, em especial dos alugueres das casas e dos produtos ditos de meio luxo, assim como pelo aumento das despesas de escolarização.

O país estagna: o nível de vida da população deteriora-se pois, tendo em vista a explosão demográfica.

A polarização social mantem o clima de guerra civil. A maioria dos possidentes concordam com isso, embora admitam que já dobrou a finados pelo «capitalismo selvagem». Não estão dispostos a largar os privilégios que um Estado «liberal» herdou de outra época.

Uma boa testemunha é este homem de negócios, antigo funcionário **vindo do nada** dispunha de um capital de 8000 francos em 1962 e que hoje calcula a sua fortuna em 100 milhões de francos. À volta de uma mesa bem posta, encarrega um intermediário de lhe arranjar um «yatch». A embarcação, insiste ele, deverá ser luxuosa para servir para cocktails mundanos, suficientemente espaçosa para o transporte de armas, e bastante rápida para assegurar a fuga no caso de a «resistência» que está a organizar na guerrilha do Monte Líbano, se afundar.

«Le Monde»

REPÚBLICA POPULAR

Comemora-se no próximo dia 1 de Outubro, o 26.º aniversário da Fundação da República Popular da China.

Para assinalar a data, que marca a vitória do Povo chinês sobre o sistema opressor que o dominava, a Associação (unificada) de Amizade Portugal-China, promove, no âmbito do seu objectivo de fortalecimento dos laços de amizade que ligam os povos da China e de Portugal, uma exposição acompanhada de projecção de **slides**, divulgando várias das conquistas do Povo chinês no decurso de 26 anos de construção do Socialismo.

Esta realização tem lugar de 1 a 9 de Outubro, no Centro Recreativo da Companhia de Seguros Ultramarina, na Rua Nova do Almada (por cima da Sasseti).

Horário: das 12 às 15 horas e das 17 às 24.

PROTESTO AUSTRALIANO

. CANBERRA, 29 — (R.) — A Uustrália apresentou hoje um protesto oficial ao embaixador espanhol em Canberra, D. Alberto Pascual Villar, por causa da execução em Espanha de cinco guerrilheiros acuasdos da morte de polícias segundo revelou um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O embaixador foi recebido em audiência por altos funcionários daquele ministério que o informaram que a Austrália deplorava as execuções e se associava a protestos de países europeus, esperando que não haja mais acções semelhantes.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

de democráticas eleições são estas em quartéis, em forças onde não se procedeu ao saneamento da inércia reaccionária?); a reconstrução» das estruturas do M.F.A. — tudo isto compõe um ramalhete preocupante.

Não se pode, no entanto, partir daqui para atitudes que ponham em causa a existência do Movimento das Forças Armadas, como vanguarda progressista. A diluição do M.F.A., o seu desaparecimento como força organizada, arrastaria as mais graves consequências. Não podemos dizer que o motor da revolução é a classe operária e que o M.F.A. se pode ir embora, que não faz falta nenhuma. A verdade é que esse motor tem vários alcatruzes e não pode prescindir do seu alcatruz armado. A maior barreira deverá ser posta, por todos os oficiais, sargentos e praças, à tendência para a diluição do M.F.A.; deverá ser procurados todos os meios de uma unidade revolucionária capaz de fazer frente à unidade da contra-revolução. Não é por acaso que o P.P.D. exige a dissolução do Movimento das Forças Armadas.

Quem quiser fazer o jogo da reação faça. Mas que fique sabendo que lhe cai no papo no minuto seguinte. É canja. Quem sanear à esquerda, será comido à direita. Quem sanear à direita, terá o apoio, a confiança, a força da esquerda.

Agora, é escolher. Mas escolham depressa. Como dizia aquele amigo inglês ouve-se o tic-tac de um relógio. Um relógio especial. Um relógio ligado a uma bomba. Unamo-nos. Depressa. Mais depressa que os ponteiros do relógio.

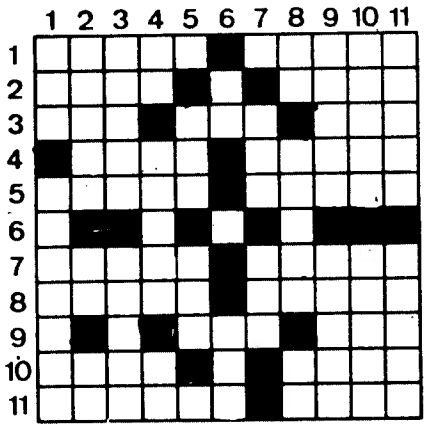
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11197

HORIZONTAIS:

1 Aguardente de medronho. Destemida.
2 Cause amuo a. Artigo definido. Anual.
3 Figura que simboliza o povo americano. Mula. Rei lendário de Tróia, fundador de Ílion.
4 Geração. Célebre general romano que governou como ditador.
5 Cures. Ateada.
6 Artigo definido.
7 Universal. Emparelhas.
8 Estive unido por aderência. Nome de um planeta.
9 Arara. Pronome relativo.
10 Vãos. Tempo do verbo ser. Pronome relativo.
11 O mesmo que peneirar. Formoso.



VERTICAIS:

1 Utensílios domésticos. Ceifamos.
2 Poisa no mar (o avião). Espera deferimento. Aqui.
3 Pôr a embarcação em rumo. Vara comprida de madeira, com uma extremidade chata, para impelir, na água, pequenas embarcações (pl.).
4 Preposição. Nome de homem. Sua Santidade.
5 Ruins. Liga.
6 Ouro (s.q.). Raer.
7 Vara ou báculo pastoral, que o pregador leva para diante do imã, quando sobe ao púlpito no templo de Meca. Planta apocinácea cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos Mandigas.
8 Batráquio. Bradar. Quanto baste.
9 Prepare com anis. Pilhagem.
10 Covas. Que dura um ano.
11 Cidade de Espanha. Líquidos gordurosos (inv.).

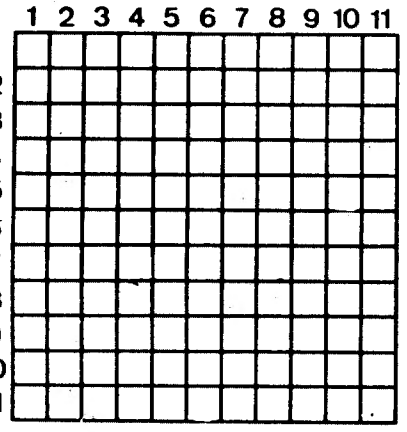
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7356

HORIZONTAIS:

1 Carta de jogar. Tornavam ditosos.
2 Preposição. Bário (sq).
3 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Reles. Sadias.
4 Letra grega. Flechas. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire.
5 Ornatos para o pescoço.
6 Movo os remos. Estavas.
7 Oceano. Consentimento. Despida.
8 Baú. Prender.
9 Sacerdote muçulmano. Estimara.
10 Latadas.
11 Alternativa. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto (pl). Nome de Buda, na China.



VERTICAIS:

1 Assanha. Nome de fruto.
2 Satélite de Júpiter. Invulgar.
3 Pertences. Rodear.
4 Antes do meio-dia. Ruído. Nome de homem.
5 Lã cardada (pl). Magnete natural.
6 Arremeda. Idem. Artigo definido.
7 Curem. Acrescentei.
8 Prefixo que designa afastamento. Ente. Estimas.
9 Fúteis. Espécie de raias (peixes). (Bras).
10 Preposição e artigo definido. Transpirar.
11 Papa-jantares. Charrua.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11196

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Balas. HOMEM.	1 Bara. As. Lãs.
2 Afagas. Mera.	2 Afilam. FEIO.
3 RICO. Abatam.	3 Laçara. És.
4 Alaga. Adida.	4 Agora. Niari.
5 Arar. Go.	5 Só. Arruai.
6 Ama. Ria.	6 Sa. In. Sés
7 NUNCA. Fa.	7 Bagaço.
8 Feia. Orças.	8 Omado. Araçá.
9 Lesais. Ao.	9 Meti. Coar.
10 Aí. Encara.	10 Erada. Fa. Re.
11 Sósias. Ares.	11 Mama. Massas.

PROVÉRBIO: **HOMEM RICO NUNCA É FEIO**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7355

HORIZONTAIS:	VERTICAIS
1 Ar. Ovar. Nós.	1 Álamos. Caim.
2 Loira. Elafo.	2 Rolos. Mouco.
3 Alão. Cm. Im.	3 Ias. Sal II.
4 Mós. Coagira.	4 Oro. Sora. Pr.
5 Os. Sas. Enal	5 VA. Val. Proa.
6 Sol. Ara.	6 Cós. Asa.
7 Mar. Anã. Im.	7 Rema. Ano. Cs.
8 Colapso. Bra.	8 Gera. Sai.
9 Au. Rã. Saia.	9 Na. Ina. Bala.
10 Icipó. Calas.	10 Ofira. Iriar.
11 Moira. Siara.	11 Soma. Amassa

BARS BOITES

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T.** 364859 368197
YUKY STRIP-TEASE JAPONESA

CASINO ESTORIL Jogo autorizado.

Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264948**

HIPOPÓTAMO Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal continental o céu estava muito nublado o vento era fraco ou moderado do quadrante sul e chuvia ou caiam aguaceiros nalguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17º
P. DOURADAS	
COIMBRA	16º
Çportalegre	15º
LISBOA	16º
FARO	21º
FUNCHAL	21º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:
Régua 34º
Mínima:
Montalegre 6,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 15,9º
Atmosfera 14,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.18	3,2 m	3.31	1,7 m
23.15	3,2 m	16.30	1,6 m
Dia 30			
11.48	3,4 m	5.03	1,6 m
		17.51	1,4 m
a 1			
0.29	3,4 m	6.15	1ç4 m
12.54	3,6 m	18.52	1,1 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado de Sudoeste; aguaceiros e possibilidades de trovoadas nas regiões do norte.

AMANHÃ

NASCER AS 7.30
OCASO AS 19.22

DIA 5 DIA 12 DIA 20 DIA 27

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Música variada
19.25 Fados e guitarradas
20.00 Jornal da noite
21.00 Música portuguesa
22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
22.30 Grupos corais
23.15 Vamos ouvir...
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa

16.00 Ópera
16.45 Solos de cravo
17.15 Canções de Schumann
17.30 Música do século XX
18.00 Antologia sonora
18.30 Música de Beethoven
19.30 Suites para orquestra
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Audição integral dos quartetos de Beethoven
22.45 Música do Barroco
23.00 Música sinfónica
01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de piano
21.00 Concerto
22.30 Música de bailado
23.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
00.00 Música de Bach
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
21.03 A voz do Inatel
21.31 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Hora luterana
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
01.15 Rádio-teatro.
06.03 Diário rural
07.03 Talismã

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à gó-gó
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **11900** e das **19.30** às **22.00**

Rádio Peninsular

Das **11.00** às **17.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B-1

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704).

ALVALADE
Alvalade, Avenida da Igreja, 18-A (tel. 712070); **Onilda**, Avenida João XXI, 13-A (tel. 726848).

AVENIDAS NOVAS
Dalva, Avenida Duque de Ávila, 125 (tel. 45225).

BAIXA
Cortez, Rua S. Nicolau, 93 (tel. 325378).

BELÉM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (tel. 611454).

BENFICA
Progresso, Estrada da A-da-Maia, 64-C (tel. 702226).

CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António, 7-9 (tel. 840125).

LAPA
Mota Capitão, Rua de S. Félix, 45-A/B (tel. 660720)

OLIVAIS
Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas 7-C (Olivais Norte) (tel. 315539).

PICHELEIRA
Marluz, C.da Picheleira, 140-B/C (T.720703/728395)

REGO
Prates e Mota, Rua da Beneficência, 91 (tel. 773728)

TURNO B-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quarteis, 25-27 (tel. 637777).

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo Chafariz de Dentro 36 (tel. 866126).

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (tel. 681515).

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (ao Bairro Social) (tel. 770324).

AREEIRO
GASPARINHO; Rua dr. Gama Barros 54-A (tel. 710465)

ARROIOS
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-33 (tel. 46843).

BAIXA
Brites Moita, Rua da Alegria, 33 (tel. 321149).

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429-431 (tel. 780027).

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul 23-B (tel. 671667).

CONDE REDONDO
Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73 (tel. 42239).

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (tel. 790704).

POÇO DO BISPO
Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B (tel. 382180)

S. BENTO
Valentim, Rua Poço dos Negros, 88-90 (tel. 679453).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. C.G.Guerra, 64 (T.212070)

CAXIAS
Nova R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839). Até às 22 horas

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P.Residencial Dr. Agusuto de Castro, lote 10 (T.2430691). Toda a noite

CARCAVELOS
Central. Toda a noite

PAREDE
Macau, R.J.Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Até às 24 horas

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T.260191). Até às 22 horas

ESTORIL
Amoreira. Toda a noite

CASCAIS
Nova, E.de Alvide, Fontainhas (T.281044). Até às 22 horas; **Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R.Elias Garcia, 209 (T. 930019); **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T.932485); **Confiança**, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938149)

DAMAIA
Damaia, P.Alexandre Gusmão, 9-A (T.970523)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 29 (T.950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)

CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D

MEM MARTINS
Rodrigues Rato. (T.2912038)

S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
M[illegible]**ricórdia**, Vila- (T.2930391)

COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)

ALMADA
Algarve, R.Fernão Lopes, 1 (T.2750271)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)

BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T.2073212)

COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (T.2764466)

MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)

MONTIJO
Montepio, R.Almirante Reis, 93 (T.2310035)

SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)

SETÚBAL
Costa, L.da Misericórdia (T.22760); **Brasil**, P.do Brasil (T.24788)

SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 3

ATÉ ÀS 22 HORAS

Pasteleira, Rua André de Rezende, 92; **Almeida Cunha**, Rua Formosa, 327; **Contumil**, Rua de Contumil, 540; **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636; **Vaz Teixeira**, Rua do Heroísmo, 56; **Birra**, Praça da Liberdade, 125; **Costa Lima**, Avenida da Boavista, 855; **Marques de Mendonça**, Rua do Ameal, 251; **Monte Cativo**, Rua do Monte Cativo, 444; **São Jerónimo**, Rua de Santos Pousada, 622; **Cardona dos Santos**, Rua de D. Manuel II, 90 e **Oriental**, Rua do Bonjardim, 727

A PARTIR DAS 22 HORAS

Pasteleira, Rua André de Rezende, 92; **Almeida Cunha**, Rua Formosa, 327; **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636 e **São Jerónimo**, Rua de Santos Pousada, 622

COIMBRA

Cruz e Costa, R.António Vasconcelos, 71 (T.22715); **Silva Soares**, R.Mouzinho Albuquerque, 26 (T.71454); **Vilaça**, R.Ferreira Borges, 132 (T.22043)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Cia dos Cardeais»

APITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Cidade em Fúria»

IDEAL
21.15 (18 anos)
«Um Amor Simples»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Apaixonada»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 2115 (18 anos)
«Punhos Mortais de Kung-Fu»

CASCAIS
S.José
21.15 (13 anos)
«Onde Se Meteu a 7.ª Companhia»

CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.15 (13 anos)
«O Homem Orquestra»

LINHA DE SINTRA

Carlos Manuel
21.15 (14 anos)
«Juntos São Dinamite»

OUTRA BANDA

ALAMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«A Noite dos Generais»

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«Os Difíceis 20 Anos»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«A Rapariga da Motocicleta»

PORTO/Cinemas

TERÇO
21.30 (18 anos)
«Uma Rapariga Invencível»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Mãe e a Puta»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (6 anos)
«Carroucel Walt Disney»

OLÍMPIA
21.15 (10 anos)
«El Cid»

RIVOLI
21.15 (10 anos)
«A Mania das Grandezas»

S.JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«Como Caçar um Marido»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Liberdade à Solta»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«Um Por Todos Todos Por Um»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Contos Imorais»

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Nem Visto nem Achado»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«A Rapariga da Motocicleta»

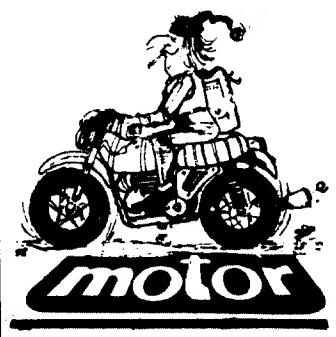
COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Irei Como um Cavalo Louco»

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Que Há de Nov Gatinha?»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Decameron Proibido»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Oh! Calcutá»



Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

cinemas

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19. 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
o filme de Norman Jewison
JESUS CRISTO SUPERSTAR
39.ª Semana
O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70
T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBURDIA NO OESTE
7.ª semana
Hoje às 24 h.
Grupo D M/18 anos
Um Homem na Solidão

ROXY
T. 485604 19.00 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
10.ª Semana

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao público: Este filme conté cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
T. 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Para todos
MELODY
2.ª Semana
Colorido
Venha ver como começamos a amar

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA,
de Lina Wertmuller

CARLOS MANUEL SINTRA
21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JUNTOS SÃO DINAMITE

D. JOÃO V
T. 971794 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
A AUDIÊNCIA

UNIVERSAL
T. 774402
HOMENAGEM EISENSTEIN
Ás 15 e 21 h — OUTUBRO — 13 anos
Ás 17 e 23 h — GREVE — 13 anos
Ás 19h — LINHA GERAL — Para todos
NOVAS CADEIRAS — AR CONDICIONADO (20º)

RESTELO
T. 610375 21.00 h.
Não acons. a menores de 18 anos
OS CONTOS DE CANTERBURY

EDEN
T. 320769 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Int. a menores de 18 anos
A PISTOLA
Um filme de Michelle Lupo
A história de um sangrento ajuste de contas

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Um drama de impacto explosivo!
VEREDICTO
5.ª Semana
Com Sophia Loren e Jean Gabin

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00 e 21.15
Grupo D (18 anos)
PUNHOS MORTAIS DE KUNG FU

ROYAL
T. 865037 15.30, 21.15
Grupo C (M. 14 anos)
CLEÓPATRA

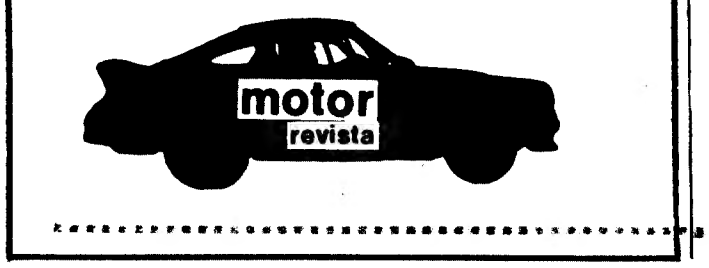
POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
ASSIM ATÉ DÁ GOSTO

ROMA
T. 727778 15.30, 21.15
Não cons. a menores de 18 anos
MORRER AO SOL
Todos os dias às 18.30
NOVAS AVENTURAS DA PIPI DAS MEIAS ALTAS

VOX
T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A FÚRIA DO DESEJO
4.ª Semana

SATÉLITE
T. 562632 15., 17., 19., 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O CIO (HEAT)
5.ª Semana

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
(Não acons. a menores de 18 anos
AS NOVIÇAS
em 2.ª semana



CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Para todos
Clássicos da Comédia
A CULPA FOI DO MACACO
c/irmãos Marx
Um filme de Nosman Mcleod

CONDES
T. 322523 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JÁ EXPERIMENTOU NUMA MALA?
Mireille Darc, Michel Constantin

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos.
5.º mês — 18.ª semana
As enchentes não param
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIÁVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Uma família portuguesa e o fascismo
BRANDOS COSTUMES

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O último fime de Pasolini
4.º Semana
AS MIL E UMA NOITES

AVIS
T. 47163 15.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
2 SAMURAIS PARA 100 GUEIXAS
com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia 3.ª Semana

CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
em 9.ª Semana

CINEARTE
T. 660446 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
INICIAÇÃO CARNAL

ESTÚDIO
T. 555135 15.00, 17.00, 19.00, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
O PROSTITUTO
Colorido! 4.ª Semana

ESTÚDIO 444
T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas event. chocantes 9.ª semana

EUROPA
T. 661016 15.15, 21.15
Grupo B (10 anos)
LONGE DA MULTIDÃO
4.ª Semana

MUNDIAL
T. 538743 15.30, 18.30 e 21.15
Para todos (M. 6 anos)
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?
4.ª Semana

MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O MOCHO E A GATINHA
2.ª Semana

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TEELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 1236
LISBOA-PORTUGAL

U.D.P.

As forças antifascistas unidas deverão agir em Portugal e Espanha

Ontem, um ano depois de os fascistas terem logrado a sua tentativa de golpe, a União Democrática Popular convocou uma manifestação concentrada às 17.30 na Praça do Chile, com destino à Praça da Figueira. Milhares de antifascistas empunhando centenas de dísticos, cartazes e bandeiras vermelhas iniciaram um percurso que teve como primeiro objectivo passar pelo Saldanha, para onde havia sido convocada uma manifestação clandestina pelo M.D.L.P./E.L.P., que não chegou a concretizar-se.

Os numerosos cartazes e dísticos atestavam a presença dos vários núcleos da U.D.P. e continham palavras de ordem que seriam entoadas pela multidão, nomeadamente: «Soldados sempre, sempre, ao lado do Povo», «República» Renascença ao serviço da luta do Povo», Morte ao Fascismo e a quem o apoiar», A Rádio é do Povo, não é do capital», «Contra o fascismo, ofensiva popular», «Nem Franco, nem Rei, nem ianques, República Popular e Federativa», Contra os imperialismos, independência nacional», etc.

Num enorme pano vermelho, lia-se a seguinte alternativa: «Ou nós esmagamos e oprimimos a burguesia, ou a burguesia nos esmaga e nos oprime».

Os manifestantes dirigiram-se depois para o Marquês de Pombal e em seguida para a Avenida da Liberdade. As bandeiras da U.D.P. ostentavam uma tarjeta de pano negro, sinal de luto pelo assassinato dos patriotas espanhóis, em memória dos quais foi observado um minuto de silêncio.

A manifestação retomou a marcha aos gritos de «Os povos de Espanha vencerão», tendo seguido rumo à «República» e ao «Renascença», frente aos quais foi gritada a palavra de ordem: «República e Renascença ao serviço do Povo». Depois de uma passagem pelo Rossio, onde mais uma vez a multidão pediu a morte para o E.L.P. e para os que o apoiam, a manifestação atingiu a Praça da Figueira, onde teve lugar um comício. Antes, foi anunciado a libertação de um militante da U.D.P., agredido pela polícia na estação de Santa Apolónia quando se integrava numa acção de massas que impedia a saída do «Ter» antes das 11 horas de sábado. Em consequência dos ferimentos, o militante tinha recolhido ao Hospital dos Capuchos sob prisão.

O operário que iniciou as intervenções na Praça da Figueira, referiu-se à necessidade de organização da luta contra o Fascismo, tanto em Portugal como em Espanha. O mesmo operário alvitrou que o dinheiro que o Governo Português vai pagar ao Governo espanhol pelo material destruído na Embaixada fosse entregue aos deficientes das Forças Armadas e ao jornal «República». Depois da curta intervenção de um dirigente da U.D.P., um habitante do Bairro 1.º de Maio denunciou os ataques de que têm sido vítimas os piquetes de vigilância da sede do partido naquele bairro.

O comício terminou com cantares populares, tendo-se uma parte dos manifestantes dirigido para o palácio de S. Bento, onde entretanto já tinham chegado militantes da F.U.R., para apoiarem a luta dos deficientes das Forças Armadas.

COMÍCIO NO ESTÁDIO 1.º DE MAIO

"A REVOLUÇÃO ESTÁ IMPLANTADA NO POVO"

As alterações nos órgãos do Poder não decidem o rumo da política nacional» — afirmou Álvaro Cunhal na festa-comício efectuada no sábado no Estádio 1.º de Maio, de solidariedade com os trabalhadores agrícolas e os pequenos e médios agricultores em luta pela Reforma Agrária.

Pormenorizando, disse o secretário-geral do Partido Comunista: «Certos partidos, e certos sectores militares conservadores pensam que alterações na composição política dos órgãos do Poder decidem só por si do rumo político nacional».

Álvaro Cunhal, continuando a referir-se ao Governo, acentuou que as conquistas da Revolução podem ser postas em causa, pois é o objectivo imediato do P.S. e do P.P.D., mas acrescentou que é evidente que cometeriam um erro grosseiro o Governo e cada um dos seus ministros se pensassem que poderiam fazer a contra-revolução e tudo quanto lhes desse na real gana».

Afirmou o secretário-geral do P.C.P., aplaudido por milhares e milhares de pessoas, relativamente aos recursos financeiros para as empresas nacionalizadas e cooperativas agrícolas, que é necessário vigilância, pois os recursos do Estado podem ser administrados não para a consolidação das conquistas da Revolução, mas para proteger, para garantir, para fazer renascer, para tornar de novo crescentemente à iniciativa privada, os interesses dos grandes capitalistas e dos grandes agrários.»

«NÃO À DIREITA»

Disse ainda Álvaro Cunhal

«As forças que actuam para anular as conquistas da Revolução falam cada vez mais em autoridade e pensam cada vez mais no uso da repressão para consegui-la. É bom que as forças reaccionárias e conservadoras reflitam um pouco na actual situação portuguesa. Portugal não é hoje o Portugal dos velhos tempos. Tão-pouco tem um regime democrático já definido. A situação política e social é extremamente instável. A Revolução ganhou profundas camadas do nosso povo e expressa-se numa rápida radicalização nas Forças Armadas, que nada tem a ver com a anarquia».

Depois de ter dito que os comunistas são contra a anarquia, e ter censurado o incêndio de que foi alvo a Embaixada de Espanha, afirmou Álvaro Cunhal

. «Compreendemos a autoridade, a força e apoio militar, não para reprimir o povo, mas para reprimir a contra-revolução. Não para impor uma viragem de 180 graus à direita na política portuguesa, mas para assegurar os seus objectivos socialistas. Não para contestar, contrariar e anular as grandes conquistas da Revolução, como as nacionalizações e a Reforma Agrária, mas precisamente para defendê-las e assegurá-las.»

Disse ainda que a nacionalização da CUF era imprescindível, porque a CUF é do povo».

Houve outros oradores. Francisco Baptista, por exemplo, perguntou por que há financiamento para os agrários e não para os trabalhadores agrícolas».

Daí se conclui que o actual ministro não está verdadeiramente interessado na defesa dos interesses dos trabalhadores».

E houve mais. Festa também teatro, coros, danças...

Um grito, de quando em quando, no decorrer do comício, levantava a multidão toda:

. «Vasco voltará! Vasco voltará!»

NO COMÍCIO DA F.U.R.

ESTÃO AMEAÇADAS AS UNIDADES DE ESQUERDA

«O fracasso da primeira ofensiva burguesa em 28 de Setembro de 74 não significou a sua derrota definitiva», realçou Francisco Vale, como elemento do Secretariado da F. U. R., no comício efectuado por aquela Frente de Unidade Revolucionária, no Parque Eduardo VII, após a manifestação que, partindo do Terreiro do Paço, percorreu diversas artérias de Lisboa no caminho para aquele local. «A burguesia continuou os seus ataques», prosseguiu, «contra o avanço da luta e da organização dos trabalhadores. A ofensiva desencadeada a partir de Julho pela social-democracia arrastou atrás de si e permitiu o desenvolvimento das forças fascistas».

Antes de afirmar que a mesma ofensiva se repercutiu nos sectores sociais-democratas das Forças Armadas e conseguiu modificar a sua relação de forças, «aproveitando a sua dependência das hierarquias militares», aquele elemento do Secretariado assinalou a «viragem à direita do Governo» num enquadramento e táctica «possibilitadas por toda a política de colaboração de classes dos anteriores governos».

Mais adiante, referiu que os órgãos do Poder Popular são atacados através da repressão policial sobre o Conselho Municipal do Porto que os tem apoiado. A reacção dos latifundiários contra o desenvolvimento da reforma agrária reforça-se, perante a indiferença do Governo. Nenhumas medidas são tomadas para combater a acção do M. D. L. P. e do E. L. P. Pelo contrário, são satisfeitas as exigências dos reaccionários presos em Custóias. Os saneamentos dos militares revolucionários continuam, ao mesmo tempo que as unidades de esquerda estão ameaçadas de reestruturação».

UNIDADE REVOLUCIONÁRIA

«A Renascença e o 'República'», lembrou ainda Francisco Vale, «são ameaçados, e o P. P. D. já não disfarça a sua participação na contra-revolução. Ao mesmo tempo, formou-se um agrupamento militar de intervenção destinado a reprimir a luta dos trabalhadores, fardados ou não».

E, antes de denunciar as manobras franquistas e verberar as cinco execuções de sábado, afirmou ainda que «a luta do proletariado avançou de mais para ser contida pela social-democracia. É por isso que Alpoim Calvão, Amaro da Costa, Spínola e Sanches Osório se preparam, com o apoio de largos sectores da burguesia, para esmagar em sangue o proletariado revolucionário. E, certamente, as forças fascistas não agradecerão à social-democracia civil e militar o facto de terem facilitado o desenvolvimento da sua acção. Os trabalhadores do P. S. não são certamente as últimas vítimas da reacção fascista».

Afonso de Barros, que falou a seguir retomando a parte final da intervenção de F. Vale, ainda acerca do Poder Popular e das tarefas que competem aos revolucionários e trabalhadores deste País, afirmando, também, que a Revolução em Portugal e em Espanha têm o seu destino ligado, assinalou que a «Revolução Socialista só avançará se os revolucionários forem capazes de pôr de parte o sectarismo e unir-se para a vitória. O caminho é só um: o da unidade de todos os revolucionários».

Reportou-se, em vários sentidos, para o desenvolvimento do Poder Popular e a independência nacional face ao imperialismo. E, quando avisou os presentes que a manifestação se dirigia para S. Bento, a fim de apoiar na prática a luta dos mutilados, foi aplaudido. «Revolucionários com os deficientes das Forças Armadas» e «reaccionários fora dos quartéis» foram palavras de ordem para o trajecto.

Aumente as suas vendas
Distribua...
BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX - DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779
Telef. 65370 — PORTO